



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

RODRIGO CASAUT MELHADO

MANAS

**UM ESTUDO DAS MENSAGENS SOCIAIS ACERCA DAS
MASCULINIDADES GAYS NO GRUPO DE FACEBOOK BIV**

**SÃO CARLOS
2018**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

RODRIGO CASAUT MELHADO

MANAS

**UM ESTUDO DAS MENSAGENS SOCIAIS ACERCA DAS MASCULINIDADES
GAYS NO GRUPO DE FACEBOOK BIV**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos como pré-requisito necessário para a obtenção do título de mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Leite Jr.

**SÃO CARLOS
2018**



Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Rodrigo Casaut Melhado, realizada em 18/04/2018:



Prof. Dr. Jorge Leite Junior
UFSCar

Prof. Dr. Adriana da Rosa Amaral
UNISINOS



Profa. Dra. Samira Feldman Marzochi
UFSCar

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Adriana da Rosa Amaral e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ao) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.



Prof. Dr. Jorge Leite Junior

Agradecimentos

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pelo financiamento desta pesquisa.

Agradeço ao meu orientador Jorge Leite Junior e às professoras doutoras Samira Feldman, Adriana Amaral, Raquel Recuero e Juliana do Prado que participaram das bancas examinadoras dessa dissertação.

Agradeço ao suporte e ajuda obtidos pelos/as pesquisadores/as Felipe Padilha, Carolina Ribeiro e Lara Facioli.

Agradeço à Bruna Vasques pela amizade, atenta leitura e revisão das seções desta dissertação enquanto a estava produzindo.

Agradeço à minha irmã Juliana Melhado pela oportunidade de escrever a maior parte desta dissertação em São Paulo e que me propiciou a mudança necessária para o término deste trabalho.

Agradeço à minha amiga Nicole Mahier pelo time babado que formamos e a parabenizo pelo importante trabalho realizado na Organização Não Governamental Amapô-SP tão importante para a consolidação das demandas sociais das travestis e transexuais desse país.

Agradeço à minha família: meus pais Ana e Hélio Melhado, à minha avó Maria Barbieri e à minha tia-avó Edna Barbieri cujo suporte é imensurável.

Agradeço às moradoras da Dona Veri 22 Isis Andreatta, Juliana Melhado, Leandro Souza e Paula Berbert pela convivência cotidiana e por compartilharmos nossos sonhos e afetos.

Agradeço ao STF, o Supremo Tribunal Feminista, que, mesmo longe, faz parte do meu cotidiano. Obrigado Luiz Henrique, Nádia de Freitas, Katrine Alves e as já citadas Lara Facioli, Carolina Ribeiro e Felipe Padilha.

Agradeço a Fabrício Nogueira pela companhia nos meses finais de escrita dessa dissertação.

E para que não haja dúvidas no futuro: 2016 FOI GOLPE PARLAMENTAR!

*Eu sou uma metralhadora
em estado de graça*

Poema Vertigem – Roberto Piva
Em *Já deu pra sentir* (Itamar Assumpção) de Teto Preto

Epígrafe

*Se o close é certo
Pode vir, pode chegar
Chega junto, chega perto
Pode vir, pode agregar!
Mas, se o close for errado
Não quero, muito obrigado
Não tem lugar pra você
Aí, que pena, tá lotado!*

*Chega na balada dando close de bonita
Olha de cima a baixo
Passa fazendo a egípcia
Só no CloseCard
Parcelado no carão
Mais seguidores que Cristo
Muitos K's e pouca ação!*

*Close de patrícia, close de patrícia
Quando o babado é certo tudo fica uma delícia!
Tudo que eu gosto é caro, engorda ou vicia*

*Close de bandida, close de bandida
Defendo as afrontosas e também as oprimidas
Quero ver se encara essa gangue reunida!*

*Se o close é pose, truque, jogo de aparência
Pra mim, estar no game é questão de sobrevivência
Mexeu com as manas, cê tá mexendo comigo
Eu não sou de confusão
Mas, se for pra brigar, eu brigo!*

Tô avisando

*Abre o olho, fica esperto
Que o jogo é perigoso
E aqui o Close é certo!*

*Close certo, junto
Close errado, afasta
Close certo, soma
Close errado, passa!
Close certo é luta
Close errado é golpe
Close certo muda
Close errado é TOP!*

*Close errado dura pouco
Esquece fácil, não se mexe
Close certo tem memória
Carne viva e fortalece
Por quê? Aham!*

*Se o close é pose, truque, jogo de aparência
Pra mim, estar no game é questão de sobrevivência
Mexeu com as manas, cê tá mexendo comigo
Eu não sou de confusão
Mas, se for pra brigar, eu brigo!*

*Vimos recapitular a enciclopédia do Close
Também conhecida como: Closário
Com Linn da Quebrada e Boss in Drama!
Como embaixadoras, donas e proprietárias na empresa "Close"
Emprestamos nossa imagem, justamente, pra gerar visibilidade
(Close errado, volte duas casas)*

*Close certo é o tesão que dá vontade de fazer
O que é bom pra mim, quando é gostoso pra você*

*Se o Close é pose, truque, jogo de aparência
Pra mim, estar no game é questão de sobrevivência
Mexeu com as manas, cê tá mexendo comigo
Eu não sou de confusão
Mas, se for pra brigar, eu brigo!*

*Tô avisando
Abre o olho, fica esperto
Que o jogo é perigoso
E aqui o Close é certo!*

Close Certo - Linn da Quebrada e Boss in Drama

Resumo

Esta dissertação teve por objetivo explorar como homens entre 18 e 27 anos compartilhavam e diziam sobre si on-line acerca de suas masculinidades, em um grupo de Facebook, observando os relatos de experiência e as qualificações de gênero, sexualidade e desejo contidas nas publicações desse grupo. O fenômeno das mídias digitais é um processo atrelado aos desenvolvimentos das sociedades em rede e intensificado desde 1997 com a comercialização da internet e, posteriormente, com a difusão dos *smartphones* que trouxeram características de uso móvel, pessoal e constante das mídias. Nesse sentido, essas comunidades imaginadas on-line promovem reconfigurações tradicionais off-line, sendo importante perceber que on-line e off-line existem continuamente de forma que se retroalimentam e se determinam. Por isso, meu problema de pesquisa foi perceber de que formas as mensagens sociais das publicações destes jovens nascidos pós-1985, a respeito de suas masculinidades, deslocam ou criam rupturas nos vocabulários e discursos para qualificar o gênero, a sexualidade e o desejo em relação às masculinidades do macho-viril. Os resultados alcançados evidenciam que a população estudada possui alta escolaridade, estão familiarizados com a internet, e cujos imaginários acionam fantasias de contextos metropolitanos das classes médias brasileiras, ainda que nem todos morem nessas cidades. Além disso, as homossexualidades aparecem de forma menos marcadas pela vergonha ou pela patologia, sendo as masculinidades das manas entendidas como motivo de orgulho. Além da visível crença dessa cultura juvenil na idolatria de figuras midiáticas, o BIV apareceu como uma comunidade on-line imaginada que propicia laços de solidariedade e apoio emocional para seus habitantes de maneira multissituada.

Palavras-chaves: Mídias Digitais; Masculinidades; Homossexualidades; Sociologia Digital; Culturas Juvenis; Teoria Queer.

Abstract

This dissertation aimed to explore how men between the ages of 18 and 27 shared and told each other online about their masculinities in a Facebook group, observing the experience reports and the qualifications of gender, sexuality and desire contained in the publications of this group. The phenomenon of digital media is a process linked to the developments of networked societies and intensified since 1997 with the commercialization of the internet and, later, with the diffusion of smartphones that brought characteristics of mobile use, personal and constant of the media. In this sense, these online imaging communities promote traditional offline reconfigurations, and it is important to realize that online and offline continually exist in ways that feed back and determine. Therefore, my research problem was to understand how the social messages of the publications of these post-1985 young people, regarding their masculinities, displace or create ruptures in vocabularies and discourses to qualify gender, sexuality and desire in relation masculinities of male-manly. The results show that the population studied has a high level of education, are familiar with the Internet, and whose imaginaries trigger fantasies of metropolitan contexts of the Brazilian middle classes, although not all of them live in these cities. In addition, homosexuality appears less marked by shame or pathology, and the manas' masculinities are understood as a source of pride. Although the belief of this youthful culture in the idolatry of media figures was visible, BIV appears as an imagined online community that provides bonds of solidarity and emotional support to its inhabitants in a multi-centered way.

Keywords: Digital Media; Masculinities; Homosexuality; Digital Sociology; Youth Cultures; Queer Theory.

Sumário

Introdução	13
Seção 1 – Caracterização do campo: as Manas do Grupo BIV.	17
Seção 2 – Comunidades on-line Imaginadas: o caso do BIV.....	30
Seção 3 – Metodologia: como estudei um fenômeno social em rede e on-line?...35	
Seção 4 – Masculinidades das Manas	51
Seção 5 – Quatro Tours de Sucesso	61
5.1 Revelando Segredos: o armário homossexual	62
5.2 Os ideais afetivos das masculinidades das manas.....	72
5.3 O conto erótico da geladeira.....	79
5.4 Teu ex é meu pai: uma tour sobre geração e masculinidade	88
Considerações Finais.....	96
Referências Bibliográficas	104

Introdução

Este é um estudo sobre masculinidades gays a partir dos usos das mídias digitais no Brasil, entendendo essas últimas como o conjunto articulado de tecnologias da informação e seus suportes (MISKOLCI, 2013, p.14). As mídias digitais englobam tanto os conteúdos vinculados on-line como as infraestruturas off-lines, em equipamentos como *PC's*, *smartphones*, *tablets*, e até os próprios cabamentos submarinos, satélites e servidores. A internet, portanto, é apenas uma parte das mídias digitais e difunde-se, junto com seus acessórios, de maneiras desiguais no Brasil e no mundo. Este processo refere-se justamente a um momento específico em que as novas tecnologias da informação, baseadas na microeletrônica, desenvolveram com rapidez o mercado global da sociedade em rede (CASTELLS, 2005). Por isso o espaço on-line é uma continuação do off-line, e vice-versa, mas ambos possuem características específicas.

No contexto desta pesquisa, jovens trocam experiências de sociabilidade on-line no grupo BIV hospedado pelo Serviço de Rede Social (SRS) Facebook. BIV não é o real nome deste ambiente on-line e o oculto porque os administradores do grupo o concebem como um “espaço seguro” para que seus habitantes compartilhem relatos e/ou imagens pessoais. Este grupo é secreto, ou seja, ingressa nele apenas pessoas convidadas por alguém que já estava dentro do mesmo.

Levando em consideração os códigos de ética da Sociedade Brasileira de Sociologia e da International Association of Sociology, junto às regras dos próprios habitante do grupo, tornou-se critério ético-metodológico deste trabalho não evidenciar o nome integral da rede e nem de seus usuários, evitando expô-los para além dos objetivos dessa pesquisa, por isso altero os nomes, as cidades e/ou as idades dos envolvidos. A sigla BIV não possui quaisquer significados que excedam sua função de nomear o grupo estudado. Minhas posturas ético-metodológicas estão melhor definidas na Seção 3 desta dissertação.

A comunidade imaginada do BIV aglutina-se a partir das identificações desses jovens com a cultura comercial da música pop, principalmente estadunidense, embora cada vez mais a nacional, como o funk. É habitado por

jovens gays, mas não só, que circulam conteúdos de humor e cotidiano¹ e, a partir dessas temáticas, desenvolvem redes emocionais com outros homens e mulheres – LGBT's ou não – interagindo neste espaço on-line.

Junto às agendas de pesquisa sobre mídias digitais, articulo estudos brasileiros e internacionais sobre gênero e sexualidade para entender as mensagens sociais que estes jovens circulam no grupo BIV acerca de suas masculinidades. Entendo, por isso, que o gênero é uma relação social produzida por tecnologias e discursos subjetivos e institucionais que disputam o controle dos campos de significação social criando, produzindo e implementando formas inteligíveis de existência (LAURETIS, 1996, p.15).

Por isso, as mensagens sociais e expectativas acerca das masculinidades que circulam neste grupo não são produto apenas de uma subjetividade individual, mas construídas simultaneamente por práticas simbólicas que produzem desigualdades e diferenças. Nestas relações de gênero são forjadas práticas que incluem, excluem e hierarquizam pessoas em uma política de gênero na qual a masculinidade hegemônica (CONNELL, 2003) [viril, musculosa, branca, rica, religiosa, heterossexual e etc.] é o topo. De mesma maneira, sendo o gênero relacional, tal conceito está sujeito aos seus contextos e esta pesquisa se imbuí da tentativa de explorar as sociabilidades que estes jovens brasileiros estão produzindo coletivamente neste espaço on-line.

O grupo deste estudo circula mensagens diferentes do observado por mim e outros pesquisadores (MISKOLCI, 2017; PADILHA, 2015; ZAGO, 2013) em mídias exclusivas de busca de parceiros amorosos entre homens, em que era recorrente a exigência de homens discretos que são presumidamente heterossexuais e não-afeminados, alinhando-se ao que Connell enunciou como o topo da masculinidade hegemônica. A hipótese de minha pesquisa foi que a geração conectada e nascida pós-1985 esteja associando outros valores sociais às suas subjetividades de forma diferente do observado em contextos como o dos anos pré-1985. Busquei entender os processos sociais em circulação para dialogar com pesquisas nas áreas de mídias digitais, gênero e sexualidade.

¹ A próxima seção é dedicada a explicar o funcionamento e a arquitetura do BIV.

Meu problema de pesquisa foi explorar as mensagens sociais das publicações a respeito das masculinidades gays dentro do BIV a fim de perceber sob quais vocabulários e quais discursos estes jovens expunham suas homossexualidades. Me indaguei se essa sociabilidade on-line alterou as subjetividades e os repertórios sociais disponíveis quanto às formas de serem homens na sociedade brasileira contemporânea em relação ao observado por outros pesquisadores das homossexualidades e das mídias digitais. As reflexões que cheguei indicam que existem rupturas, principalmente relacionadas aos seus horizontes de aspiração e fantasias românticas, mas também continuidades, vinculadas na crença desses jovens de que o mercado é o termômetro da legitimação social dessas homossexualidades, esperanças advindas da ampliação e exploração do nicho de consumo de “produtos e artistas LGBT”.

Meus objetivos específicos concentraram-se em observar e descrever as dinâmicas de sociabilidade do BIV – visto que não encontrei artigos ou livros específicos sobre este agrupamento; e entender quais conteúdos culturais são compartilhados por eles/as bem como suas particularidades linguísticas como gírias, piadas e etc. Meus procedimentos de coleta foram os próprios conteúdos que circularam no grupo durante esta investigação, contudo, sem intenções “experimentais” de controlar ou intervir nas interações dos/as usuários/as. E, quanto às fontes de informação, meu posicionamento foi o de habitar o campo on-line para observação das dinâmicas sociais neste grupo.

Por ser um estudo focado nos usos e nas produções de subjetividade dentro da rede, o fenômeno social sob estudo são as próprias publicações, reações e comentários dentro do grupo. As bases metodológicas deste estudo compreendem que a internet é um espelho cultural de nossa sociedade e, por isso, on-line e off-line são contínuos (HINE, 2000) e coexistem, reforçando sua complementaridade e afastando-se da oposição entre estar conectado e desconectado que uma leitura difundida do conceito de ciberespaço (GIBSON, 1991; LÉVY, 1999) pode sugerir.

O grupo BIV é meu site de campo (BURELL, 1994, p.81), o qual observei a interatividade dos usuários e utilizei um caderno de campo para inferir observações sobre o material coletado e os motivos de sua relevância. A coleta aconteceu desde que comecei o mestrado e, no momento de análise dos dados, examinei o conteúdo

de quatro publicações buscando relacioná-las com outras pesquisas existentes, a fim de historicizar os temas elencados por estes jovens.

A limitação desta pesquisa é estar situada num campo de estudo recentemente disponível, o da sociologia digital. Além disso, a própria apreensão do fenômeno aconteceu simultaneamente a ele e, analisar um fenômeno com o dinamismo do BIV que continua para além desta dissertação, foi uma tarefa que esta pesquisa pretendeu cumprir. Sem dúvidas o tempo e os recursos que disponho para o desenvolvimento da pesquisa podem influir nos resultados, podendo pesquisas futuras desenvolverem mecanismos de pesquisa mais sofisticados dentro desta área.

Pretendo minimizar estas limitações dedicando parte da minha dissertação expondo a maneira que colhi e analisei os dados, na Seção 3. Para isso combinei as metodologias sociológicas de apreensão dos fenômenos sociais para reduzir os vieses e possíveis erros analíticos, além de contar com orientações e diálogos de pesquisadores/as mais experientes que me auxiliaram na construção desta pesquisa.

Na Seção 1 introduzo as/os leitoras/es as características do campo de pesquisa estudado. Considero que a primeira missão dos/das pesquisadores/as seja observar e descrever os fenômenos sociais que se pretende pesquisar a partir dos/as próprios/as pesquisados/as. Os habitantes do BIV possuem códigos específicos que derivam das relações que vivenciam on-line e precisaram ser apreendidos por mim para que fosse possível inferir quaisquer análises.

Já na Seção 2, faço uma rápida digressão acerca da teoria sobre as comunidades imaginadas de Benedict Andersson para que ela nos auxilie a entender uma comunidade multissituada como a do BIV.

A Seção 4 explorará minhas observações acerca da organização e dos discursos das masculinidades, enquanto conceito, mas também as características das “masculinidades das manas” encontrada em campo e sua relação com a masculinidade hegemônica. *Manas* é uma gíria que funciona como pronome de tratamento pelo qual os/as usuários/as se reconhecem dentro do grupo e significa, nesse contexto, irmã viada, sendo *manas* também as mulheres no grupo.

Por fim, na Seção 5 realizo as análises de campo a partir de 4 casos. Na primeira considero um relato sobre as expectativas e temores desses jovens de viverem suas sexualidades publicamente. Na segunda, busco perceber os ideais de relacionamentos acionados no relato de uma traição amorosa. Na terceira, a partir de um relato erótico, articulo as fantasias acerca das masculinidades gays junto a reflexão sobre as dinâmicas sexuais contemporâneas veiculadas nessa publicação e nesses comentários. Por fim, pretendo explorar interações geracionais a partir de um relato de experiência sobre um jovem de 21 anos que começa a se relacionar com o filho de mesma idade do seu ex-namorado de 47 anos. A união dessas análises serviu para comporem as considerações finais deste trabalho em que sintetizo as principais conclusões.

Seção 1 – Closário: caracterização do Grupo BIV

As condições para o surgimento da Internet envolvem diversos processos históricos e tecnológicos que derivam, por exemplo, do surgimento da energia elétrica (1885, Brasil) e da microeletrônica (1950, EUA) cuja síntese pode ser considerada a invenção do primeiro microprocessador (1971).² Contudo, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) foram ainda mais impactantes quando passaram a se comunicar enviando informações cabeadas entre máquinas (1969, EUA – 1967, Inglaterra – 1973, França).

A chamada Internet (1975) – ou rede mundial de computadores – é a capacidade de uma máquina trocar pacotes de informações com outras por uma série de infraestruturas e protocolos. A internet comercial no país aparece em 1997 no período de razoável disseminação dos computadores pessoais (PC), ainda que cara e de baixa velocidade. Os computadores e notebooks continuam sendo importantes tecnologias de acesso à Internet, contudo, o barateamento dos

² Manuel Castells, sociólogo espanhol, n'A *Sociedade em Rede* (2011), caracteriza os desenvolvimentos do capitalismo contemporâneo e a intensificação da organização da sociedade em rede. As duas grandes revoluções industriais junto à revolução informacional, ocorridas em tempos e em contextos diferentes pelo mundo, propiciaram a intensificação e atualização da forma de organização social em rede, cujo ápice de seu desenvolvimento está imbricado ao surgimento das Tecnologias da Informação e Comunicação, o que exploro melhor na próxima seção. Para mais informações sobre o desenvolvimento das TIC's nos EUA e sua convergência com os interesses militares no contexto da Guerra Fria ver o capítulo *A Revolução da Tecnologia da Informação* de Castells (2011) e o *Building a Digital Society* de Adrian Athique (2013).

smartphones de uso individual que se conectam tanto pela internet móvel (3G e 4G) quanto por redes sem fio (Wi-Fi), recontextualizaram as noções de uso contínuo e em tempo real da internet. Essa dissertação visa explorar os usos e as sociabilidades on-line entre jovens gays de um grupo do Serviço de Rede Social (SRS) Facebook, o BIV.

O Facebook foi criado em 2004 e é o Serviço de Rede Social mais utilizado pelos/as brasileiros/as. Originalmente era um SRS restrito a estudantes universitários/as estadunidenses e sua abertura deu-se em 2006 e desde então sua expansão de usuários/as e de valor de mercado cresceram exponencialmente. Hoje, o SRS Facebook possui valor de mercado de aproximadamente 443 bilhões de dólares³, é acessado mensalmente por 45% da população brasileira⁴ e mundialmente por 2 bilhões de pessoas⁵.

O serviço de rede social obteve êxito no contexto de passagem de uma internet em que os usuários eram receptores de conteúdos (*Web 1.0*) para uma rede em que, potencialmente, as/os usuárias/os são criadores/as dos próprios conteúdos ou interagem com eles (*Web 2.0*). A autora canadense José Van Djick em *La Cultura de la Conectividad* (2016) percebe a complexa evolução sincrônica que vincula, em conjunto, as tecnologias aos seus usuários e as organizações às infraestruturas. Com isso, pela *Web 2.0* passaram a emergir serviços indeterminados para troca de conteúdos comunicacionais e criativos propiciados, por exemplo, pela arquitetura do Facebook. Além de conectar perfis entre si, a rede possui serviços como o *Feed* de Notícias, Messenger, os Eventos, as Páginas, os Grupos, Álbuns de Fotos, as Lojas e o segmento para Desenvolvedores. Cada uma dessas seções possui especificidades e, em maior ou menor medida, se cruzam na navegação dos/as usuários/as. É envolto neste ecossistema que se encontra o site de campo desta pesquisa, o grupo BIV. A etnógrafa digital Jenna Burrell define o termo site de campo para referir-se

³ FB – Cotação Facebook, Inc. (MM). *ADVFN Brasil*. [S.l.: s.n]. Disponível em < <https://br.advfn.com/bolsa-de-valores/nasdaq/FB/cotacao>>. Acesso em 15 jun. 2017.

⁴ 45% da população brasileira acessa o Facebook mensalmente. *Facebook para Empresas*. [S.l.]: 20 mar. 2015. Disponível em < <https://www.facebook.com/business/news/BR-45-da-populacao-brasileira-acessa-o-facebook-pelo-menos-uma-vez-ao-mes>>. Acesso em 15 jun. 2017.

⁵ PARK, Calif Menlo. Facebook Reports First Quarter 2017 Results. *PR Newswire*. Nova Iorque: 3 mai. 2017. Disponível em < <https://investor.fb.com/investor-news/press-release-details/2017/Facebook-Reports-First-Quarter-2017-Results/default.aspx>>. Acesso em 15 jun. 2017.

a características espaciais do campo base do projeto de pesquisa, o estado no qual os processos sociais sob estudo tomam lugar. Para etnógrafas/os, definir esse espaço é uma importante atividade que tradicionalmente toma lugar antes e nos estados iniciais do trabalho de campo. Isso envolve identificar onde o/a pesquisador/a pode idealmente ser alocado como observador/a. Uma vez concluído o trabalho de campo, uma etnografia não pode ser escrita sem algum ponto que define este terreno espacial onde o fenômeno social sob estudo tomou lugar. Este é um ato simultaneamente de exclusão e inclusão, indicando o que a pesquisa circunscreve e o que não circunscreve (BURRELL, 2009, p.182, tradução livre).

Sendo assim, meu site de campo é um ambiente on-line de sociabilidade que circulava repertórios culturais sobre as masculinidades gays nas publicações feitas pelos próprios usuários. Estou inserido neste grupo desde julho de 2015, quando submeti meu projeto de mestrado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar.

Quando iniciei a pesquisa, havia uma preocupação dos/as administradores/as em manter as publicações em segredo e, por isso, utilizavam as configurações de privacidade do próprio Facebook e listavam o espaço como secreto. Tal definição de privacidade permitiu ao grupo crescer apenas pelo formato bola de neve, onde o ponto inicial é a criação do mesmo pelo administrador. As definições de privacidade do Serviço de Rede Social e sua arquitetura determinam que minha observação na rede é vinculada ao meu perfil pessoal, sendo impossível ter acesso a sua totalidade. Esse dado, contudo, não é capaz de inviabilizar pesquisas dentro do Facebook, desde que saibamos que, ao pesquisar este SRS, nunca poderemos vê-lo em sua totalidade, mas sim subordinados às nossas conexões dentro da rede (amigos, páginas, grupos, aplicativos e etc.) e, ao mesmo tempo, às configurações de privacidade dos perfis, páginas e grupos em interação.

Depois, o administrador adiciona os primeiros membros de sua escolha que devem estar necessariamente na sua rede de amigos do Facebook e os/as recém-adicionados/as passam a convidar novos/as usuários/as da mesma forma. Assim, o grupo não é visível nas buscas pelas próprias ferramentas do sítio, sendo encontrado apenas quando se é parte do mesmo. Nestes dois anos de pesquisa acompanhei seu crescimento, ficando mais popular a cada mês. Até o fim desta pesquisa ele contava com mais de 1 milhão de usuários/as tendo iniciado minhas observações com cerca de 10 mil membros.

O BIV é um dos maiores grupos de “bichas”⁶ do Facebook ao qual tive contato e possuía 21.301 membros em abril de 2016. Acompanhando as publicações deste período inicial, era possível perceber diversas brigas entre os/as usuários/as – as chamadas “tretas”. O maior motivo de conflito eram as “problematizações” sobre o conteúdo publicado e os eixos de discussões circulavam em torno do que é entendido no espaço como “opressões”, as quais podiam ser “vivenciadas” a partir de clivagens como gênero e sexualidade, raça/etnia, classe social, nacionalidade e tipo físico, por exemplo. Nesse sentido, usuários/as negros/as problematizavam “apropriação cultural” de usuários/as brancos/as que utilizavam quaisquer símbolos originários em populações afro; usuárias lésbicas denunciavam que os usuários gays as “invisibilizavam” publicando conteúdos “misóginos”; usuários/as travestis e transexuais apontavam “transfobia” nas publicações e comentários dos/as membros/as “cissexuais”.

A partir de minhas observações, no primeiro semestre de 2016 houve um intenso fluxo de publicações e comentários que disseminaram vocabulários e termos específicos que elucidam um entendimento geral de nossa organização social. Mesmo que sem consensos ou uniformidade, esses jovens estão inseridos em outras redes de discursos juvenis que recontextualizam entendimentos clássicos sobre as diferenças na sociedade brasileira. No caso específico das homossexualidades, estes jovens produzem e reproduzem os resultados de processos históricos de magnitudes globais que ressignificaram o desejo homossexual fora dos tropos da doença e da vergonha e, por isso, avento que possuem expectativas maiores de assimilação social do que as gerações anteriores.

Contudo, os administradores consideraram que as “problematizações” estavam proibidas, ou seja, publicações e comentários que não fossem de cunho humorístico. Queriam fazer do grupo algo “superficial” que divertisse os/as membros/as e os/as que “tretavam” foram considerados “chatiativistas” (chatos e ativistas) e todos deveriam denunciá-los para que seus perfis fossem banidos do grupo.

⁶ Utilizo aspas para destacar expressões que aparecem de forma êmica e sob mesma grafia no site de campo.

Para fazer valer as novas regras fizeram uma “limpeza” da comunidade e a estratégia adotada foi recomeçar a sociedade secreta. Os administradores criaram outro grupo secreto e adicionaram apenas uma parcela das pessoas do BIV e elas convidavam novamente seus amigos para a nova comunidade na tentativa de barrar a migração de usuários/as com laços fracos e problematizadores/as. Este movimento de criação de um novo grupo é o que chamam de “*season*”, que significa temporada em tradução literal e está relacionada ao contexto dos seriados internacionais cuja cadência ocorre por episódios e temporadas. Assim, cada grupo BIV é uma “*season*” diferente.

Uma das regras era que os/as usuários/as recém-adicionados não poderiam espalhar que existia uma nova “*season*” e, caso o fizessem, seriam banidos/as. Ser banido é não ter mais acesso ao grupo e não poder ser convidado por nenhum/a outro/a usuário/a sem que os administradores retirem seu estado de banimento na plataforma do Facebook. Eu, por exemplo, consegui ser “arreatado” para as novas “Eras” (sinônimo de *season*) três vezes. Ser arreatado significa ser convidado por outro/a usuário/as e entrar na nova *season* do BIV. É uma palavra fortemente utilizada em contextos religiosos no Brasil quando, segundo eles, os seguidores de Deus serão arreatados no Armagedom concedendo-lhes vida eterna.

Para fins dessa seção dividirei o grupo em BIV Season 1 (S1), BIV Season 2 (S2), BIV Season 3 (S3) e BIV Season 4 (S4). A publicação mais antiga da S1 a qual tive contato data de abril de 2015, enquanto a S4 data de fevereiro de 2017. A S1 chegou a 25 mil membros, a S2 33 mil membros, a S3 85 mil membros e a S4, até dezembro de 2017, possuía mais de 1 milhão de membros. Apesar do grupo ter inflado em número de membros, sua população manteve a faixa etária de até 27 anos.

Em 28 de maio de 2016, no BIV *Season 2*, foi publicada uma mensagem perguntando às “manas” quais as suas faixas etárias. Foram obtidas 2.308 interações e a tabela segue abaixo, sendo perceptível a concentração de 95,36% dos/as os/as usuários/as entre 16 e 27 anos. Isso levanta minha hipótese de pesquisa, que poderá ser melhor explicada para além da Tabela I, de que a geração nascida pós-1985 – cuja infância, adolescência ou juventude está inserida em um contexto pós-ditadura militar, pós-Constituição de 1988, com a união civil estável

aprovada e inseridas nas redes de expansão das mídias digitais no país – esteja associando outros valores sociais às suas subjetividades e suas sexualidades a partir de diferentes repertórios culturais, se comparado ao observado em contextos como o dos anos pré-1985.

Tabela I – Faixa etária informada pelos/as usuários/as do grupo BIV

Faixa etária	12 a 15	16 a 19	20 a 23	24 a 27	28 a 31	32 a 35	Total
%	1,95%	40,42%	43,33%	11,61%	2,08%	0,61%	100%
Nº	45	933	1.006	268	48	14	2.308

Fonte: Grupo BIV.

Outra coleta de dados feita por mim no dia 23 de maio de 2017 na S4, quando o BIV contava com mais de 400 mil membros/as, evidenciou que o uso massivo do mesmo continuava a ser de jovens com até 27 anos. Tabulei as imagens que estes jovens circularam nas últimas 24 horas, totalizando 3.252 imagens. As figuras midiáticas, celebridades, bandas, séries, novelas e reality shows apontam para produtos, personagens e artistas que fizeram sucesso após os anos 1990-2000. Por isso, é possível considerar que há uma relação direta entre a Tabela I, extraída na S2 do grupo BIV, com a observação das últimas imagens publicadas na *season 4* do mesmo e esta conexão confirma o uso por jovens que nasceram pós-1985.

Não utilizarei a tabela integral neste momento pois ela é extensa, mas destaco as figuras e produtos culturais mais recorrentes: 1) novela *A Usurpadora* reprisada diversas vezes pela rede de televisão SBT, canal aberto brasileiro; 2) as vilãs de novelas da Rede Globo de televisão, Nazareth Tedesco e Carminha; 3) os reality shows *RuPaul's Drag Race*, *Big Brother Brasil*, *Master Chef* e *A Fazenda*; 4) Políticos como Lula, Barack Obama, Michel Temer e Dilma Rousseff; 5) artistas como Anitta, Pablo Vittar, Ludmilla, Lady Gaga, Beyonce, Xuxa, Inês Brasil, Katy Perry, Gretchen (a celebridade mais utilizada), Taylor Swift, Shakira, Lana Del Rey, Sandy, Mulher Pepita, MC Linn da Quebrada e Nicole Bahls; 6) Vídeos virais como os da Tulla Luana, Grávida de Taubaté, Leona Vingativa, Roma Gaga, Vanessão e Luiza Marilac; 7) Capturas de tela (*Printscreens*) dos aplicativos Messenger, Whatsapp, Tinder, Hornet, Scruff, Grindr e Hppn.

Estes produtos culturais e celebridades são readaptados em forma de *memes*, que são fotos, vídeos ou conteúdos audiovisuais que por motivos diversos se tornaram bordões e viralizaram na internet e são recontextualizados em diferentes momentos. Esses conteúdos são largamente utilizados pelos usuários/as para expressarem suas reações e emoções, por isso o número alto de imagens publicadas em 24 horas (3.252). Algumas vezes as imagens substituem completamente o texto, em outras a união de texto e imagem ressignificam estes produtos culturais.

Figura 1 - Exemplo de diferentes memes que expressam atenção



Fonte: site de campo.

É imprescindível entender os neologismos e categorias às quais estes jovens utilizam para se comunicar. Observar estas gírias, entender suas especificidades e seus usos foi o primeiro desafio desse empreendimento de pesquisa. Criar e usar gírias que tenham boa recepção e replicabilidade por outros/as usuários/as é uma forma de se destacar. Podemos entender um *meme* como uma mensagem codificada cujo formato é a junção de texto com audiovisual e que precisa ser interpretada (decodificada) pelo/a destinatário/a. Percebemos com a figura acima a multiplicidade de imagens utilizadas para indicar que o/a usuário/a está atenta/o a determinada publicação, cujos significados e intensidades residem nas expressões corporais dessas celebridades para representar os próprios sentimentos e expressões deles/as, independentes do contexto de origem dessas imagens.

Para diferenciar as publicações feitas no BIV, seus habitantes as denominam de “*tour*”, em referência as turnês (*tour*) das cantoras do gênero *pop music*. Ou seja, uma publicação dedicada apenas para os/as usuários/as publicarem suas redes sociais pode ser chamada de “rede social *tour*”. Caso seja uma publicação para que os/as usuários/as publiquem suas próprias fotos nuas chamariam de *Nude* [foto com nudez] *Tour*. Nesse fluxo de turnês (publicações) emergem diversos códigos de conduta para permanência no grupo e a maioria são oriundos dos termos de uso⁷ do próprio Facebook, o qual proíbe conteúdos com nudez, mamilos femininos, pornografia, palavras obscenas no nome de perfil, adicionar muitos amigos seguidamente, autoflagelação e suicídio, danos a segurança pública e pessoal, atividades terroristas ou crime organizado, *bullying* e assédio, ataques à figuras públicas, exploração e violência sexual, comprar, vender ou transacionar produtos controlados.

Os códigos de condutas específicas do BIV, criado pelos/as moderadores/as, incluem proibições à: 1) publicações políticas, ativistas, de tragédias, de abusos, de substâncias ilícitas e problematizações “em questões de direitos humanos”; 2) intimidar os membros com ameaça de vazamento de conteúdo; 3) compartilhar repetidamente a mesma publicação, notícia ou acontecimento; 4) possuir um perfil falso (*fake*) na rede; 5) promoção individual com

⁷ DECLARAÇÃO de Direitos e Responsabilidades. *Facebook*. [S.l.: s.n.], s.d. Disponível em <<https://www.facebook.com/terms>>. Acesso em 11 jul. 2017.

ou sem fins lucrativos (*selfie tour*, *nude tour*, rede social *tour*, campanhas de financiamento coletivo e etc.); 6) proibido imagens ou vídeos com nudez, pornografia, imagens de cunho perturbador, conteúdo que ameace ou “incentive direta ou indiretamente a saúde física do membro”.

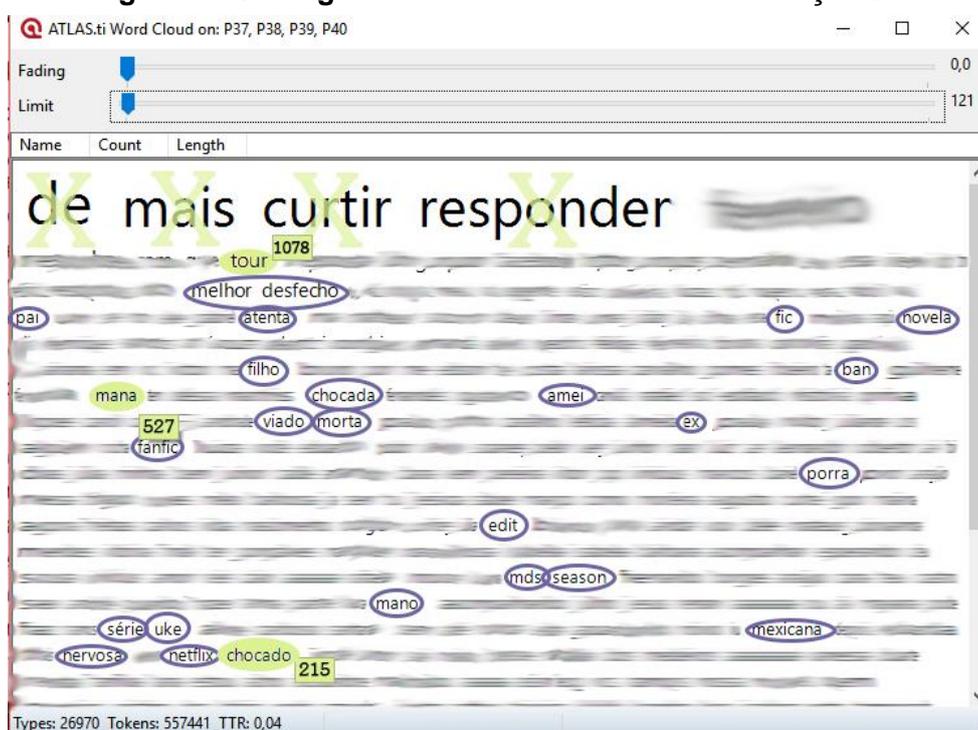
Caso algum usuário perceba alguma infração, deve ser acionado algum dos 84 moderadores do grupo para que os/as mesmos/as julguem pelo banimento ou permanência do/a membro/a. A centralidade da figura dos moderadores é adquirida pelo poder de controlar e excluir os membros considerados “tóxicos”. Em muitos casos usuários/as novatos/as foram banidos porque desobedeceram às regras e deram “*close errado*”. *Close* é uma expressão utilizada para demarcar que as atenções estão focadas em alguém, conseqüentemente, um “*close errado*” é algo que gerou atenção para si e não foi aprovado pela audiência da publicação. Uma atitude considerada homofóbica pela comunidade, por exemplo, é um “*close errado*”. A vigilância entre os/as usuários/as é característica dessa “sociedade secreta” e as proibições acima consolidadas na S4 visavam fomentar um formato específico de turnês tidas como mais interessantes pelos/as administradores/as, baseados nas métricas de engajamento do Facebook e na observação dos/as membros/as.

Com mais de 1 milhão de membros o dinamismo das publicações e assuntos que circularam no BIV era extenso. Nas primeiras observações de campo percebi a impossibilidade de coletar todas as publicações, imagens e vídeos que circularam ali no período de 24 meses. Primeiro porque a arquitetura do grupo, subordinada ao Facebook, permite aos participantes publicarem sobre quaisquer temas, mesmo os que desrespeitem as regras internas. Foi necessário, por isso, critérios de escolhas dentro da variedade de publicações veiculadas no BIV. Esta é uma pesquisa exploratória e levantou informações relevantes sobre o site de campo percebendo os repertórios culturais e as masculinidades gays das “manas”. As análises qualitativas de quatro publicações on-line feitas por homens gays encontram-se na seção 5 desta dissertação.

Em uma contagem de palavras de uma turnê famosa do grupo (com 67 mil reações e 44 mil comentários), a palavra “*tour*” foi a mais utilizada, sendo

contabilizada 1078 vezes.⁸ No grupo os usuários comentam “atenta” – sempre no feminino – para que sejam avisados pelo SRS a cada novo comentário a fim de acompanharem a conclusão (“desfecho”) das turnês. Apareceram também as palavras “Fic” ou “fanfiction” (ficção de fã), que é um estilo de texto famoso desde o início da internet no auge dos blogs em que fãs de determinados produtos culturais reutilizavam personagens fictícios para criar histórias paralelas às originais.

Figura 2 - Contagem de Palavras da turnê da subseção 5.4



Fonte: Atlas.ti e Grupo BIV

Adriana Amaral (2005, p.49), doutora em comunicação social, acompanhou o *cyberpunk* enquanto subgênero do fenômeno literário chamado de ficção científica, o qual orientou o imaginário coletivo dos usuários que se comunicavam on-line através de redes difusas de transmissão de informações sobre o *cyberpunk*. Segundo a autora, as referências literárias desses livros eram herdadas do Romantismo Gótico inglês (1764) – um estilo de Horror e Drama – e, nos contornos

⁸ Exclui-se da contagem as preposições, conjunções, os pronomes, artigos e as palavras “curtir”, “responder”, “https”, “Facebook”, “groups”, “permalink” e etc., pois são parte da arquitetura do serviço de rede social e não correspondem a aparição das mesmas nos comentários dos/as usuários/as.

on-line de 2005, traduziam visões de mundo intrinsecamente conectadas entre arte, cultura e tecnologia – ecoado também na cultura *hacker*⁹.

No caso do grupo BIV a referência de *fanfic* é ao estilo de escrita do gênero literário de ficção científica reescrita pelos fãs, que encontraram nos fóruns e blogs dos anos 2000 ambientes possíveis para escoarem suas “contra-publicações”, recriando os desfechos das personagens. Neste caso, contudo, para respeitar as regras da comunidade, as personagens devem ser necessariamente do “cotidiano” e “reais”, pois o que deve ser incentivado são as “tours” (histórias verdadeiras) e não as “fanfic” (conto falso). Independente do quanto discutam para decidir se alguma publicação é real ou inventada, são a partir delas que as interações acontecem e mesmo os comentários que apontem a farsa da história narrada tornam-se também contribuições para a sociabilidade acontecer no grupo. Na contagem acima, por exemplo, aparecem palavras como novela, série, Netflix e *season*, todas referências aos produtos culturais de ficção consumidos por esses jovens naquele momento.

No geral percebi que os assuntos sobre sentimentos, comportamentos, relacionamentos amorosos e família foram os temas mais recorrentes da amostra e, de alguma forma, são estes os componentes que explicam o que estes jovens entendem por “cotidiano”, o qual deve ser narrado como um episódio de uma série de humor.

Outro bordão dentro do grupo é chamar a atenção dos/as participantes dizendo precisar de informações para elaboração de algum Trabalho de Conclusão de Curso, o famoso “É pro meu TCC”. Com isso, estão caçoando da origem de uma curiosidade pessoal passível de tornar-se um motivo de pesquisa, afirmação que possui maior autoridade frente às curiosidades individuais. Estes trabalhos são comumente exigidos como avaliação final de cursos superiores, especializações e

⁹ Em poucas palavras, o termo *hacker* como termo da ciência da computação data de 1950 e é atribuído a pessoas com conhecimentos em informática capazes de alterar o funcionamento de uma rede ou equipamento eletrônico de forma diferente do pensado por seu fabricante. Esta habilidade pode ser usada para que produtos se tornem mais seguros, mas também podem causar prejuízos ou roubar informações. Por isso, a cultura *hacker* há mais de 60 anos suscita debates em torno da liberdade de informação; da descentralização dos *softwares* protegidos por direitos autorais originando o conceito de código-livre; da desconfiança nas autoridades nacionais e/ou empresariais; e da arte digital. Para maiores informações consultar em SANTOS (2016), AMARAL (2005), LEMOS (2002) ou LEVY (1984).

cursos técnicos, o que pode evidenciar tanto o nível de escolaridade desses jovens quanto os impactos da ampliação das escolas técnicas e das universidades no país nos últimos 15 anos. Foi muito comum, num certo período, publicações de questionários para a realização de TCC's. Essas publicações foram proibidas porque não eram divertidas, mas o bordão “é pro meu TCC” se manteve.

Para citar um exemplo de *tour*, em uma publicação um rapaz pergunta aos/às membros/as do BIV se parariam ou continuariam o sexo anal caso, durante o ato, alguém se sujasse com fezes. A imagem utilizada, para chamar a atenção, são de duas mãos com o que parece ser brigadeiro, em uma alusão a fezes. Durante os 968 comentários realizados por outros/as usuários/as nessa turnê, o autor da publicação edita sua publicação original para se comunicar com os/as espectadores/as. As edições, ou “Edits”, são uma maneira padronizada pelos/as membros/as para que os/as autores/as da publicação não esqueçam de contar o “desfecho”, evitando que se percam em meio aos comentários. O número das edições (edit1, edit2, edit3...) evidencia cada vez que o autor acrescentou informações à publicação original, mas, principalmente, traduz o quanto a publicação fez sucesso.

O próprio autor da *tour* contabilizou que a maioria das respostas sobre o tópico afirmavam que continuariam o sexo anal. Depois elegeu dois comentários que considerou os mais engraçados e que o fizeram “morrer” de rir. Por fim, se disse emocionado com as interações dos/as usuários/as e utilizou três ideogramas [emojis] de gatinhos com olhos de coração como elementos imagético-textuais, sinalizando que amou as interações.

O importante das turnês é que façam as pessoas se engajar, interagir e rir. Neste caso a imagem escolhida pelo autor foi estratégica para chamar a atenção das pessoas, primeiro porque possui uma estética do “cotidiano” e aparenta ser tirada com uma câmera de celular; segundo porque o chocolate na imagem faz alusão a fezes, o tema da *tour*; e terceiro porque publicações com imagens têm maior relevância para o algoritmo do Facebook, se comparado a uma publicação somente com texto ou link. No painel de reações, onde ficam os botões “curtir” e “comentar”, foram realizadas 830 reações – o antigo “curtir” – à publicação, sendo 51% de risada (“haha”).

Estes/as jovens se engajam por conteúdos que refletem alguma situação de suas próprias vidas e discutem assuntos diversos que fazem parte das situações sociais cotidianas. No geral, os relatos de experiência e as trocas de mensagens emocionais são as *tours* mais valorizadas e que possuem os maiores índices de engajamento, com média de 15 mil reações e 5 mil comentários. Exemplos de mensagens sociais dentro do grupo BIV aparecem em relatos sobre amor, sexo, acontecimentos familiares, peculiaridades regionais entre outros.

Apesar de ser implícita à relação desses jovens com o estilo musical do pop e do consumo desses produtos culturais, guerrear sobre qual é a melhor “diva” ou “rainha” perdeu a ênfase e o estímulo dos administradores no decorrer dos anos. Essas preferências ficam evidentes pelos comentários nas escolhas dos *memes*. Se o/a usuário/a é um/a “swiftie” [fã de Taylor Swift], ele/a pode demonstrar isso utilizando um *meme* da mesma em que esteja sorridente ou fazendo careta, podendo essas mesmas imagens terem múltiplos significados a depender do contexto ao qual são utilizadas.

Meu foco foi entender as dinâmicas do campo a partir da observação do que os/as próprios/as usuários/as publicavam. Majoritariamente as masculinidades que circulam ali são específicas de uma geração pós-1985 e diferem-se das fantasias de masculinidades do macho-víril-presumidamente-heterossexual. Mas, também, as masculinidades gays das “manas” flertam com um certo estereótipo do “esquisito” (*wirldo*) e diferem-se das masculinidades gays que eles denominam como as dos “padrõesinhos”, as quais remetem sumariamente ao estereótipo do macho-víril-musculoso-assumidamente-homossexual. Os “padrõesinhos” tendem a ser recusados em discurso, mas há o apontamento de várias “manas” de que eles sempre recebem o maior número de reações e comentários. Essas classificações são levadas a sério dentro do BIV e servem como referencial para que socializem ali dentro, mesmo que nunca haja consenso sobre seus significados. Em um paralelo histórico, as performances de gênero das “bichas” tocam-se com as das “manas” pelo efeminamento e consumo.

O intuito dessa seção foi o de apresentar uma caracterização do BIV para que o/a leitor/a se ambientasse nesse “sociedade secreta” on-line. Mencionadas as características gerais do campo, as gírias e os padrões das dinâmicas de

sociabilidade, farei uma sucinta digressão na seção 2 para que consigamos pensar sobre o BIV como uma comunidade on-line imaginada e multissituada.

Seção 2 – Comunidade on-line imaginadas: o caso do BIV

Esta seção visa apresentar as teorizações sobre o conceito de *Comunidades Imaginadas* de Benedict Anderson (1993) como forma de entender agrupamentos sociais contemporâneos. Nesta obra Anderson tenciona a História hegemônica ocidental a partir da desnaturalização da geopolítica que dividiu o globo a partir dos Estados Nacionais. Tais reflexões abrangem um período histórico de, ao menos, cinco séculos e merece ser evidenciado, ainda que não seja o foco exclusivo desta pesquisa. Mais importante que entender o que são as comunidades imaginadas em definição, esta seção é dedicada a perceber o caminho percorrido pelo autor no desenvolvimento de uma narrativa global – que inclui processos históricos como a colonização e o imperialismo – na tentativa de desnaturalizar o hábito e “presunção de que tudo de importante que aconteceu no mundo se originou na Europa” (ANDERSON, 1993, p.13).

O contexto empírico e a proposta de trabalho do autor foi entender como os conflitos armados de 1978-1979 na Indochina (guerra do Vietnã, Camboja e China) foram propiciados por regimes nacionalistas com princípios marxistas/socialistas (ibid., p.17). A confluência entre tendências marxistas e nacionalistas era apontada pelo historiador Eric Hobsbawn, e Anderson complementa afirmando que a nacionalidade é o valor mais universalmente legítimo da vida política de nosso tempo (ibid., p.19). O modelo de nacionalismo ao qual estes Estados marxistas chegaram é relevante para Anderson porque, devido a essa característica, eles deveriam ter caráter revolucionário e seria importante entender o que fizeram da possibilidade de usar esse poder de Nação para “realizar seus sonhos” ideológicos e de gestão (ibid., p.224).

Portanto, para o autor, a qualidade de nação é a de uma comunidade política (1) imaginada, (2) limitada e (3) soberana. Ela é imaginada porque seus membros jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, porém a mente de cada um vive a imagem dessa comunhão (ibid., p.23). Todas as comunidades, exceto algumas “aldeias primordiais”, são imaginadas e suas diferenças estão na maneira

em que são imaginadas. Essas comunidades são limitadas porque possuem fronteiras finitas, mesmo que elásticas, afinal, nenhuma nação se imagina como representante única d'A Humanidade (ibid., p.25) e são soberanas porque o conceito de nação visa a liberdade, e é justamente da soberania do Estado a presunção de garantia das liberdades.

A nação se imagina como comunidade porque, mesmo com a desigualdade e exploração, se concebe por um companheirismo profundo e horizontal de identificações entre patriotas: essa fraternidade permite que as pessoas matem e morram pelas suas "imaginações limitadas" (ibid., p.25), como nos contextos dos conflitos armados explorados pelo autor. A morte, então, é a raiz cultural última de uma gama de fatalidades empreendidas pela nação (ibid., p.27).

A ideia de nação hegemônica, influenciada pela História eurocêntrica, é de que as nações são organismos sociológicos que se movem periodicamente homogeneizadas através do tempo (ibid., p.48). Anderson aponta que as comunidades imaginadas só foram possíveis porque três concepções fundamentais perderam seu controle axiomático sobre as mentes da humanidade: 1) a língua escrita que oferecia a verdade ontológica das coisas; 2) a sociedade organizada naturalmente por governos divinos (dinásticos e autárquicos); 3) e a indistinção entre cosmologias e história. Todas essas concepções mudaram sob o ambiente frutífero do desenvolvimento do capitalismo (ibid., p.61-62), um sistema de classes sociais e, por isso, tanto a qualidade de nação quanto o nacionalismo são artefatos culturais de uma classe em particular: a mais rica (ibid., p.21).

Segundo Anderson, a chave para entender a geração de ideias e percepções históricas de simultaneidade é a imprensa, proporcionando o que o autor chama de percepção do "tempo transversal" (ibid., p.63). A convergência entre capitalismo e tecnologias de imprensa nas diversidades de línguas humanas tornou possível uma nova forma de comunidade imaginada: a nação moderna (ibid., p.75).

Gostaria de ressaltar este ponto, pois é o mais fundamental plano de fundo para entendermos o contexto desta dissertação. A imprensa à qual Anderson se refere como marco do surgimento da nação moderna acarreta desdobramentos até hoje: além dos jornais impressos, com o desenvolvimento de materiais audiovisuais de rádio e TV, a imprensa gera ainda maior impacto nos imaginários das

comunidades, já que passa a ter funções de entretenimento, característica central, por exemplo, da sociedade estadunidense – a qual estamos diretamente conectados na cadeia produtiva global. A imprensa contemporânea engloba também a internet, mas em ambientes em que, teoricamente, “todos” podem dizer e criar, emergindo contextos on-line de intensa interatividade. Claro que a possibilidade de criar não significa que de fato o criem, mas é preciso ressaltar este critério de interatividade entre conteúdo-usuário como uma característica definidora do que são comunidades imaginadas on-line como BIV.

Voltando à Anderson, a partir do século XIX surgiu o “nacionalismo oficial” na Europa como resposta dos grupos de poder ao medo das mobilizações das classes baixas (ibid., p.158). No caso do Brasil e da América, a colonização europeia foi responsável pela criação de Estados-Nações crioulos¹⁰, cujas independências nacionais foram propiciadas pelo temor de que as mobilizações das classes baixas – populações indígenas e de ex-escravos africanos – possibilitasse maior participação das mesmas nas esferas de poder (ibid. p,78). Isso evidencia, conforme o autor aponta, o fato de que o racismo colonial foi elemento importante para a concepção dos impérios coloniais europeus do século XIX, se caracterizando pelo imaginário de que a superioridade dos brancos era inata e herdada (ibid. p, 211).

A partir de meados do século XIX as viagens continentais se intensificaram (ibid., p.163): com a América independente, o capitalismo industrial passa a colonizar territórios da Ásia e da África no que foi chamado de imperialismo mundial (ibid., p.197). Nesse momento, as interconexões das peregrinações colônias-metrópoles possibilitaram a base territorial necessária para que os nativos pudessem se identificar como nacionais no contexto das metrópoles (ibid., p.198) gerando nacionalidades multiculturais ou “identidades diaspóricas” (HALL, 2013).

Vale mencionar que Stuart Hall (2013) percebe que as identidades diaspóricas propiciaram o aparecimento das questões multiculturais justamente em Estados que tiveram como característica o desmoronamento dos impérios coloniais europeus, como no caso brasileiro. Para o autor, este foi um momento ideal para colocarem-se questões da cultura negra porque houve o deslocamento dos

¹⁰ Crioulos são as pessoas com ascendência europeia, mas que nasceram fora da Europa.

modelos europeus culturais universalizantes, a emergência dos EUA como potência mundial e a descolonização do terceiro mundo; resultando nas reações das vozes marginais à centralização hegemônica das políticas culturais impostas pelas narrativas ocidentais. Conseqüentemente, as vidas culturais dos ex-colonizados obtiveram uma estética diaspórica que rompeu com as formas “puras” europeias e assumiram formas híbridas multiculturais e mundiais.

Para este trabalho, contudo, valeria a compreensão de que os desenvolvimentos das sociedades em redes e capitalistas demonstram as interdependências e as relações de poder desiguais de países ditos periféricos, como o nosso. As marcas coloniais estruturantes dessas sociedades, junto às empresas multinacionais operantes nesses países, continuam diferenciando as sociedades ex-colônias (exceto EUA) como tecnologicamente inferiores – de base microeletrônica e robótica – e, por isso, mais pobres. Podemos, inclusive, repensar como os mercados capitalistas das sociedades do Norte ainda se beneficiam de dependências criadas desde a colonização.

No caso brasileiro, por exemplo, as tensões entre nossa comunidade nacional imaginada são características do século XXI, mas advêm de séculos passados, como o XX e o XIX. O próprio entendimento de Estado-Nação é transplantado no país sem a sua real correspondência entre as populações europeias colonizadoras com as populações nativas e africanas aqui residentes. A sociologia e a política, nesse sentido, têm dificuldade em operar sem território e nem sempre o espaço geográfico do território é compatível com as relações de poder entre as pessoas. O Estado-Nação no Brasil não conseguiu homogeneizar os conjuntos das populações nacionais porque nunca conseguiu abarcar a pluralidade da realidade do “povo brasileiro”.

Nessas “sociedades globais” contemporâneas há muitas outras identificações que não se ancoram apenas no Estado Nacional como, por exemplo, as LGBT’s em que o mais importante é a identidade transnacional de gênero e sexualidade do que de pertencimento territorial nacional. Esse fluxo só é possível porque a própria globalização é uma tentativa de construção de relações em redes transnacionais de maneiras mais autônomas em relação ao Estado. Porém, sem ingenuidade, a ONU também representa uma estrutura transnacional de outro

formato de colonização em que os países ditos em desenvolvimento – ou de modernidade tardia (GIDDENS, 2002) – continuam alinhando-se a interesses benéficos aos dos países desenvolvidos – ou da alta modernidade (id.) – pela dependência de mercado. Por essa razão o estado nacional encontra-se entre as forças de seu contexto interno e seus conflitos externos.

Gostaria de caracterizar o grupo BIV como uma comunidade imaginada on-line que coexiste com a comunidade imaginada do Estado-Nação brasileiro porque as novas tecnologias da informação possibilitaram o agrupamento de usuários/as por quesitos de identificação. Estes jovens se identificam por falarem a mesma língua, o português; por suas sexualidades não-heterossexuais, mesmo que algumas pessoas admitam sua heterossexualidade, principalmente as mulheres; e por afinidade musical do segmento de música pop nacional e internacional. A continuidade on-line e off-line é majoritariamente regulada pelos dispositivos de governo do estado nacional brasileiro, que tem, inclusive, poder sobre as regulações da internet no país, mas a arquitetura do Facebook, por outro lado, é intrinsecamente pensada e projetada sob marcas que logram aspectos da vida cotidiana estadunidense para o resto do mundo, em que os perfis funcionam sob o aspecto de criar e montar uma relação pública de si mesmo, ou seja, performatizar a si mesmo (DJICK, 2016).

Sobre isso, a pesquisadora australiana José van Djick (2016, p.85) explica que a principal vantagem que o Facebook oferece aos seus/suas usuários/as é, “em primeiro lugar, entrar e permanecer conectado e, em segundo lugar, estar (bem) conectado”. Essas são as atividades centrais dentro de redes sociais on-line, porque estes serviços radicalizam as regras de espaço-tempo para o instantâneo e permitem às pessoas acompanhar momentos íntimos da vida de seus amigos. O Facebook, por isso, se converte na promoção do “eu” como centro de uma extensa rede de contatos, sendo que a noção de “fazer amigos” se relaciona com vínculos que são, concomitantemente, fracos, latentes e possíveis de existir off-line (op. cit.).

Nos contornos on-line, as pessoas desejam mostrar-se; têm um interesse criado por construir sua identidade compartilhando peças de informação, na medida em que deixam conhecer tais informações acerca de seu “eu” e se veiculam a possibilidade de alcançar certa popularidade (op. cit., p.86).

O BIV é uma rede com mais de 1 milhão de perfis e se constitui como comunidade on-line: 1) imaginada, porque há sentimento de fraternidade entre usuários/as que não se conhecem; e 2) limitada, porque possui um certo número de habitantes. O quesito “soberania” apontado por Anderson é preenchido por regras de condutas estabelecidas pelos moderadores do BIV e a desobediência de tais regras resulta em expulsão do infrator, explorado melhor na seção anterior. Assim, paralelamente à imaginada comunidade brasileira, existe um espaço on-line que chamo de BIV que possibilita a reorganização da “população” diferente da geografia off-line, agrupando pessoas por critérios de identificações culturais e sexuais e não por proximidade espacial-geográfica. Como é possível, então, estudar essa rede de usuários/as?

Seção 3 – Metodologia: como estudei um fenômeno social em rede e on-line?

O desenvolvimento das TIC's e a incorporação delas nas dinâmicas sociais – desde o telégrafo, o telefone fixo até os PC's, a internet e os smartphones – fez emergir novas possibilidades de comunicação, de autorrepresentação, de organização e de partilha. A internet, ferramenta desta pesquisa, apareceu como novidade em áreas das ciências sociais e comunicação a partir da década de 1970 (BAYM, 2010; TURKLE, 1997; LÉVY, 1999) primeiramente nos Estados Unidos e em países europeus.

Ainda que existam pesquisas brasileiras que reflitam sobre os usos das mídias digitais, ou mesmo que fizeram uso delas para manter contato com colaboradores, são perceptíveis as singularidades metodológicas adotadas pelos pesquisadores, pois o próprio recorte de campo e a pergunta a qual se pretende responder interferem nesse desenvolvimento. Além disso, hoje sabemos ser impossível conhecer a Rede Mundial de Computadores (*World Wide Web*) como um todo fixo, imutável e genérico.

Nesta seção evidencio minhas escolhas metodológicas e as justifico. Pretendo levantar reflexões apresentando o conceito de site de campo (BURRELL, 2009) como uma possibilidade de identificar os fenômenos sociais on-line, neste caso o grupo de Facebook BIV. Equiparo as publicações on-line realizadas por

estes jovens como um fenômeno social relevante que exige do pesquisador a interpretação de culturas on-line, mas também os contextos em que essas culturas se articulam off-line.

Em 2015, quando submeti o projeto de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, buscava entender em que espaços on-line homens expunham suas homossexualidades dentro do Serviço de Rede Social Facebook, a mais utilizada por brasileiros. Nesse primeiro momento encontrei cerca de 26 grupos, ou seja, ambientes on-line possíveis para a entrada de campo. Respondida a pergunta sobre “onde habitam on-line estes homens?”, percebi que esses agrupamentos on-line eram, em sua maioria, efêmeros. Em seu início os usuários publicavam muito e com o passar do tempo o grupo era abandonado pelos membros. Indaguei-me sobre a fragilidade de direcionar a um grupo específico as minhas perguntas de pesquisa, visto que nessa busca havia encontrado outros grupos já mortos. Até o momento estava seguindo procedimentos de recorte tradicionais nas ciências sociais, buscando em agrupamentos sociais os caminhos para pesquisar.

Respeitando o objetivo geral da pesquisa, estava explorando de que maneira as mensagens sociais acerca das masculinidades e das homossexualidades estavam mudando os modelos, fantasias e expectativas dos usuários em relação a um modelo de masculinidade clássico, definido por Raewyn Connel (2003) como “masculinidade hegemônica”. Este objetivo é derivado de minha iniciação científica onde, em conjunto com o Núcleo de Pesquisa em Diferenças, Gênero e Sexualidade, o Quereres, pudemos perceber impactos contemporâneos nas dinâmicas sociais pós advento das mídias digitais (MISKOLCI, 2017; FACIOLI, 2017; SILVA, 2017; PADILHA, 2015; KURASHIGE, 2015; PRADO, 2014; MELHADO, 2014).

Juliana do Prado, em sua tese de doutorado, por exemplo, acompanhou um agrupamento on-line de homens heterossexuais que surgiu como uma espécie de “consultório sentimental” (PRADO, 2014). Nela, seus autores e administradores escreviam sobre e para os “homens modernos” (e heterossexuais) em busca de apoio emocional, inclusive com colunas sobre “a arte da paquera” escritas por um psicólogo. Nos quatro anos de desenvolvimento da pesquisa, a autora caminhou

por uma sucessão de redes, incluindo os próprios sites de onde emergiram suas perguntas de pesquisa (Papo de Homem e A Cabana), mas também para as redes de seus colaboradores, mantendo contato tanto com os administradores da página quanto com seus usuários por meio de mensageiros instantâneos como Whatsapp e Messenger.

Em um primeiro momento o contato on-line foi suficiente para que a autora pudesse formar, ainda que inicialmente, uma rede de colaboradores para a pesquisa. Em outros, chegou a participar de reuniões off-line com os membros, sendo reconhecida enquanto pesquisadora. Apesar da articulação de parte destes homens com discursos de ruptura de algumas formas tradicionais de masculinidade – como falarem sobre seus sentimentos e importarem-se com suas saúdes e belezas – havia também a manutenção de algumas moralidades como, por exemplo, a centralidade da masculinidade na conquista e namoro de mulheres, as quais, observa Prado, estavam sempre em julgamento por eles.

A pesquisa exposta aponta para uma série de escolhas epistemológicas às quais também referencio sendo que a principal é entender os ambientes on-line e off-line como contínuos e incorporados nas práticas sociais (HINE, 2000). Procuo entender os usos das mídias a partir de outras metáforas que não as do ciberespaço (GIBSON, 1984; LÉVY, 1995), difundido como um novo mundo apartado do espaço físico: a internet não é mais uma novidade restrita às classes mais altas, nem tão rudimentar quanto no surgimento dos *browsers*¹¹. Além disso, as adaptações sociais e comerciais desta configuração social – o surgimento da internet – evidenciaram que ela se torna cada vez mais parte do cotidiano ao invés de um lugar virtual imersivo no qual o usuário encontra-se marcadamente dentro ou fora do ciberespaço. Pelo contrário, está cada vez mais difícil discernir quando deixamos a conexão.

¹¹ *Browsers* são conhecidos como navegadores de internet tais como o Microsoft Internet Explorer, Mozilla Firefox, Google Chrome, Apple Safari, Microsoft Edge e Opera, para citar alguns exemplos. A internet tornou-se comercial e atrativa aos usuários e empresas por dois principais motivos. Primeiro o surgimento do protocolo TCI/IP o qual, sinteticamente, padroniza a comunicação entre o dispositivo conectado e o servidor em que a página da *web* está hospedada. Segundo pelo surgimento dos navegadores (*browsers*), aplicações que transcodificam a Linguagem de Marcação de Hipertexto (HTML) em interface gráfica para o/a usuário/a. Esse arranjo tecnológico é chamado de Rede Mundial de Computadores ou World Wide Web (WWW).

Uma série de outras pesquisas¹² consideraram a internet como uma rede de conexões ao invés de um ciberespaço gerador de ciberculturas. Ainda que assumamos a necessidade de demarcar as diferenças entre relações face a face (off-line) e relações mediadas por ecrãs (on-line), “a metáfora [do ciberespaço imaginado] referiu-se especulativamente às tecnologias do futuro como realidade virtual, mas a tecnologia ou a infraestrutura não eram o principal alvo. O principal alvo foi o novo espaço virtual aberto por essas tecnologias” (BOOMEN, 2014, p.175).

Indexado à metáfora, a autora aponta como o conceito cria uma diferenciação radical do que antes era conhecido como espaço. Agora, dentro da aventura do espaço *cyber* os usuários são exploradores/navegadores. Este espaço não é físico, é um espaço mágico que desobedece às leis da natureza, onde se é descorporificado e apenas a mente existe. Em um sentido radical, Boomen aponta que Sally Wyatt (2004, p.250 *apud* id.) observou o conceito de ciberespaço no livro de ficção científica *Neuromancer* de William Gibson (1984) ordenados tanto a uma caótica vida na cidade quanto a uma matrix.

A fragilidade do conceito reside justamente em seu caráter ambíguo e imaginativo, podendo a/o pesquisador(a) desconsiderar o contexto em que se inserem os usos dessas tecnologias. A explosão dos *smartphones* no Brasil e o barateamento dos pacotes de internet móvel evidenciaram a contínua negociação entre on-line e off-line: ambos acontecem simultaneamente, enquanto esperamos em filas, transportes, em casa, no trabalho, em encontros com amigos ou familiares e tantas outras ocasiões. Enquanto trocamos mensagens on-line uma porção de eventos continuam acontecendo com o/a usuário/a e todo seu contexto. Se a conexão de dados móvel permanece ligada sem que olhemos a tela, estamos desconectados? Quando começa e quando se finda a conexão? Ainda que o ciberespaço seja o conceito mais difundido dentro dos estudos sobre internet no Brasil, outros conceitos concorreram com ele para explicar a internet.

Mariane Van Den Boomen, cientista social, jornalista e psicóloga holandesa, que escreve sobre internet desde 1984, é autora do *Transcoding the digital: How*

¹² Consultar mais informações em MISKOLCI, 2017; PELUCIO, 2015; BOOMEN, 2014; BELELI, 2012; CASTELLS, 2011; BURRELL, 2009; BOYD, 2008; ILLOUZ, 2007; HINE, 2000; TURKLE, 1997.

Mathaphors Matter in New Media (2014), obra na qual explora como diversas áreas do conhecimento começaram a entender a emergência das novas tecnologias desde o fim da década de 1970. Segundo a autora, poderíamos elencar as metáforas que guiaram a construção do nosso entendimento sobre “onde fica a internet?”, “o que somos dentro dela?”, “quais as consequências de seus usos?”, “para que ela serviria?”.

A primeira delas foi o entendimento de que os agrupamentos on-line formavam comunidades virtuais, termo que foi utilizado pela primeira vez por Howard Rheingold em seu livro *A Comunidade Virtual* (1996). Raquel Recuero (2005, p.12), baseada nesta definição, aponta como elementos formadores da comunidade virtual: 1) discussões públicas; 2) pessoas que mantêm contato exclusivamente (ou não) pela internet; 3) tempo de existência e; 4) o sentimento humano disposto a formar relações interpessoais e digitais. Onde? Em um espaço virtual que se diferencia ao espaço real.

Uma das vantagens e a razão pela qual prefiro a utilização de ambientes on-lines e off-lines é a menor diferenciação entre essas duas esferas. Quando pensamos que o off-line é o mundo real, podemos ser levados ao extremo da metáfora que denota que o mundo virtualizado é um mundo irreal. Porém, o que o termo não realça é que este novo ambiente é virtualizado em um conjunto de máquinas para que pessoas tenham acesso aos seus conteúdos. Um dos grandes paradigmas advindos do surgimento da internet foi a flexibilização do espaço geográfico tradicional uma vez que tanto o ciberespaço quanto as comunidades virtuais tentaram cumprir o papel de recolocar os fenômenos on-line em outro lugar, que não pertence ao mundo real. Em razão disso a utilização da palavra virtual: algo que existe em uma simulação criada por meios eletrônicos, em sua definição semântica mais tradicional na língua portuguesa.

Existem teorias contemporâneas sobre mídias digitais¹³ críticas a essa distinção radical entre espaço real e espaço virtual. O que podemos perceber nessas quase três décadas de desenvolvimento das mídias digitais no mundo é que o espaço virtual não está descolado do espaço dito como real. No limite, os

¹³ Consultar mais informações em HINE, 2000; RECUERO, 2005; 2015; CASTELLS, 2005; ILLOUZ, 2007; PORTUGAL, 2007; BURRELL, 2009; MISKOLCI, 2013; 2017; BOOMEN, 2014; MCQUIRE, 2015.

espaços virtual e real estão no mesmo plano, na medida em que não existe espaço virtual sem suporte físico, chamado de *hardware*.

Pode-se questionar então: onde estão suas mensagens trocadas com alguém específico? Em diversos suportes físicos: tanto na memória ROM¹⁴ de nosso equipamento utilizado, quanto nos servidores¹⁵ da empresa criadora da aplicação e, ainda, na memória ROM do destinatário. Isso porque os dados digitais podem ser replicados infinitamente sem que haja perda de informações. Essa capilaridade da internet dificulta a exclusão de arquivos vazados, sejam fotos íntimas ou conteúdos protegidos. Ao retirar o conteúdo violado de um servidor, suas cópias continuam existindo com os/as usuários/as.

Apesar da metáfora geográfica ter sido levada longe demais (BOOMEN, 2014), tanto o ciberespaço quanto as comunidades virtuais apontam para o entendimento de que a internet é uma **rede de conexões entre computadores e pessoas**. O seu caráter reticular é em si uma metáfora, já que incorporamos o uso da palavra “rede” para denotar uma porção de conexões. É necessário um rápido aprofundamento sobre as capacidades explicativas da internet enquanto rede, mas também os seus limites.

O conceito de redes não é recente, Recuero (2005, p.2) e Silvia Portugal (2007, p.1) apontam que surgiu no século XVII, mas apenas na década de 1960 ficaram mais populares com o estudo que o psicólogo estadunidense Stanley Milgram realizou em que solicitava a habitantes aleatórios de Boston e Nebraska que fizessem um dossiê chegar a um corretor que vivia nessas cidades. Das 296 pessoas abordadas, 217 aceitaram enviar o dossiê e 64 chegaram aos corretores, sendo que o tamanho médio das cadeias de conexões era de 5,5 intermediários. Deste estudo derivou-se a famosa frase de que qualquer indivíduo no planeta está separado por 6 pessoas, popularizada também pela peça de teatro e um filme de 1993 chamados Seis Graus de Separação. Contudo, o entendimento de que tudo e todos estamos conectados (*linked*) em rede podem ser atribuídos a autores como

¹⁴ Memória ROM é uma memória somente leitura que armazena nossos arquivos a longo prazo porque mantém as informações gravadas mesmo sem energia elétrica. Normalmente é chamada de memória interna em contraponto com a memória RAM, mais rápida e que ajuda o processador a executar tarefas.

¹⁵ Máquinas que se comunicam interligadas com outros computadores a partir de endereços eletrônicos – URL.

Duncan J. Watts, sociólogo e doutor em matemática estadunidense, Albert-László Barabási físico e professor da Universidade Northeastern nos EUA, Manuel Castells e Jan Van Dijk, professor de sociologia e comunicação holandês, para citar alguns.

Uma rede é, basicamente, um conjunto de elementos e um conjunto de conexões. Segundo Boomen (2014, p.171), Van Dijk distingue seis tipos diferente de redes, sendo elas: 1) Redes Físicas (ecossistemas, redes fluviais); 2) Redes Orgânicas (sistema nervoso, circulação do sangue); 3) Redes Neurais (conexões neurais, funções cerebrais); 4) Redes Sociais (relações entre as pessoas, grupos, organizações); 5) Redes Tecnológicas (estradas, ferrovias, redes de telecomunicação, redes de computadores); 6) Redes Midiáticas (sistema de remetentes, receptores e representações). É intrínseco às redes se conectarem umas com as outras, por isso a tipologia do autor parece estanque, como aponta Boomen, mas serve para termos uma noção da multiplicidade de significados que a palavra pode adquirir a depender do seu contexto.

Esta pesquisa sobre os usos da internet por jovens no Brasil dentro do grupo de Facebook BIV, localiza-se entre as três últimas tipologias da rede: sociais, tecnológicas e midiáticas. Um perfil no Facebook não pode ser facilmente categorizado, exclusivamente, como parte de uma rede social, de uma rede tecnológica ou de uma rede midiática. O mesmo perfil do Facebook, conectado aos perfis de amigos, já pode ser considerado uma rede social dentro de outras redes mais amplas.

Para ser mais precisa, [a internet é] uma rede de hardwares rodando em softwares e protocolos de múltiplas camadas. E, claro, a Web também é uma rede de servidores web, nomes de domínio e sites executados por protocolos web. Ou, de outra perspectiva, a web é uma rede de visitantes que favorecem alguns sites com mais tráfego do que outros. Ou, em outro nível, a rede é uma rede de comunidades agrupadas, conectadas por hiperlinks, questões e debates. Ou, em outro nível, é uma rede social de pessoas conectadas por laços fortes ou fracos. Na verdade, a Internet é 'uma rede de redes' mas reiterando e aninhando um resumo do termo não esclarece seu significado (ibid. p.172).

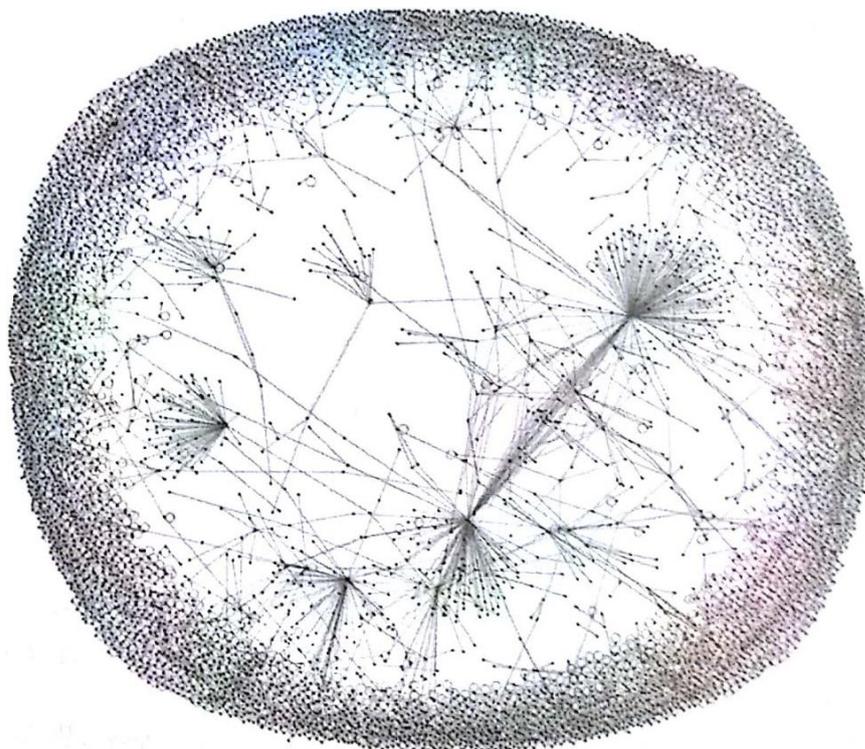
A chamada rede mundial de computadores, em outras palavras, é a capacidade de uma máquina trocar pacotes de informações com outras por uma série de infraestruturas. A rede é uma ferramenta analítica capaz de colocar um

conjunto de elementos em conexão formando um sistema e é funcional para se pensar a internet porque este “vasto espectro de possibilidades de conexões on-lines foram percebidos desde o princípio como uma nova infraestrutura global, ao estilo dos [sistemas de] encanamentos de água ou os cabos de eletricidade, análogos à própria rede” (DJICK, 2016, p.19-20).

Silvia Portugal (2007, p.4), socióloga e professora na Universidade de Coimbra, aponta duas correntes importantes sobre o entendimento de redes sociais enquanto uma dinâmica social anterior às mídias digitais, deixando claro que tal dinâmica foi intensificada por essas últimas. As correntes da Antropologia Social Britânica posteriores à Segunda Guerra Mundial apareceram como contraponto ao modelo estrutural-funcionalista clássico e se preocuparam com a análise qualitativa e situacional de redes de grupos restritos. Outra corrente, mais quantitativa, seriam as desenvolvidas pela Teoria do Grafo chamada de Análise de Redes Sociais (ARS) (RECUERO et. al., 2015) sob influência simmeliana dos sistemas sociais e seu relacionamento interindividual que definem mutuamente os comportamentos individuais e as relações coletivas, sendo aplicadas sobre a teoria matemática.

Pela teoria dos grafos utilizada na análise de mídias sociais, podemos estabelecer uma iconografia das redes, como ilustrado abaixo. Nela, os indivíduos, coletivos ou instituições são representadas graficamente como redes a partir de um conjunto de nós/arestas e um conjunto de laços/conexões que representam as interconexões entre um nó e outro.

Figura 3 – Representação gráfica de uma rede inteira descentralizada



Fonte: RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015, p.61.

Um dos pontos mais importantes que precisa ser compreendido a respeito dos grafos é seu papel como representação, [...] o grafo é, frequentemente, uma fotografia da estrutura em um dado momento e não um filme da mesma. Assim, é preciso ter em mente que dificilmente uma representação estática dá conta da complexidade de um sistema social (id.).

A figura acima nos ilustra a complexidade de conexões estabelecidas pelos elementos de uma mesma rede. A distância dos pontos não é uma distância geográfica e o tempo de “chegada” entre um ponto e outro, na internet, são da ordem de microssegundos. Por exemplo, podemos transmitir um vídeo ao vivo de São Paulo acessível em tempo real para quaisquer localidades do mundo que tenham uma conexão com internet e saibam o endereço eletrônico dessa transmissão. Isso em um contexto de acesso à internet que se caracteriza como uma rede aberta, entretanto as controladoras das infraestruturas de conexão podem restringir nosso acesso, seja estipulando um consumo de dados da franquia contratada, comum nas redes móveis, como também a sites específicos, como no caso chinês.

Sendo a internet uma rede de redes, é impossível averiguar com precisão sua extensão. Todavia, sabemos que existem “camadas” popularmente chamadas de “Superfície” e “Web Profunda”. O grupo em estudo faz parte da superfície regulamentada da internet, contido no serviço de rede social on-line Facebook cujos servidores encontram-se em diversas regiões do globo. Atualmente, a rede mundial de computadores é maior, mais complexa e mais interativa do que em seu surgimento quando contava com poucos bancos de dados, menor velocidade e escassos mecanismos de interação com a/o usuária/o.

Jenna Burrell (2009, p.187), socióloga, etnógrafa, cientista da computação, britânica e professora da Universidade de Berkeley na Califórnia, pontua interessantes reflexões sobre como fazer recortes de pesquisa em ambientes on-line, visto a impossibilidade de estudarmos a Internet como um todo fechado, estático e delimitado. Para isso, pontua sua própria experiência de 8 meses de trabalho de campo na cidade de Accra em Ghana. Em decorrência de seu interesse em entender como os/as usuários/as de Accra descreviam e falavam sobre a internet, a autora tomou a decisão de viajar até lá e decidiu que sua melhor entrada de campo eram os cafés abertos ao público com acesso à internet. Assim, a autora esperava conduzir observações e realizar entrevistas.

Seu objeto de pesquisa era a internet e considerou o cotidiano de Accra porque estes já possuíam “interações diárias com materiais e culturas midiáticas de múltiplas e ambíguas origens” (id.). Após algumas incursões em campo, a autora percebeu, por meio de entrevistas e horas de observação, que os clientes dos cafés não faziam amigos ou obtinham contatos face a face com outras pessoas. A maioria ficava sentada olhando para seus computadores em silêncio ou “imersos numa profunda experiência social no espaço virtual” (ibid., p.188), ou seja, os clientes ficavam nos cafés por um curto período e dificilmente retornavam. Por isso, ficou evidente que a autora superestimou a função dos cafés como um lugar de socialização com alguma coesão ou sensibilidade comum. Ao invés disso, ela concluiu que observar a circulação de consumidores de internet em cafés era insuficiente para seu propósito: o de entender a função do uso da internet no cotidiano dos habitantes urbanos de Accra.

A partir disso, retomou seu recorte de campo (site de campo) para a cidade de Accra, incluindo outros conjuntos de elementos além dos cafés, como as casas que visitou e as estradas que viajou. Porém, a cidade era heterogênea e complexa e, ao mesmo tempo, geograficamente limitada para sua análise, visto que os usuários de internet nem sempre estavam em comunicação com pessoas de Accra e não usavam aplicações originárias da cidade. Por essa razão, uma variedade de instituições, locais e pessoas também influenciavam diretamente na apropriação e uso da internet na cidade (ibid., p.189).

Para conciliar essas complexidades espaciais a autora definiu seu **site de campo** “como uma rede composta de pontos fixos e móveis, incluindo espaços, pessoas e objetos” (id.). Retomando as vantagens discutidas acima ao definir o site de campo como uma rede, a autora conseguiu conectar diversas entidades díspares sem criar suposições sobre níveis e hierarquias. Além disso, tornaram-se foco de seu interesse não só os pontos de origem e destinatários, mas os caminhos percorridos pelas informações. Nessa abordagem, a rede do site de campo é “projetada em torno de correntes, caminhos, filamentos, conjunções ou justaposições de locais em que o etnógrafo estabelece alguma forma de presença” (ibid., p.190). Burrell define algumas estratégias que serão descritas e exemplificadas a partir do meu próprio desenvolvimento do site de campo desta pesquisa.

Primeiro deve-se procurar pontos de entrada ao invés de sites específicos. Exemplificando, se eu voltasse meus objetivos somente para as dinâmicas internas do grupo, perderia de vista a rede de aplicações on-line pelas quais os/as usuários/as percorrem. Como dito, quando iniciei as explorações do campo, encontrei, somente dentro do Facebook, mais de três dezenas de grupos que se caracterizavam como ambientes on-line onde jovens homossexuais publicizavam e debatiam sobre diversos temas, inclusive sobre suas sexualidades.

Meu objetivo geral, derivado de minha iniciação científica, era explorar como homens jovens compartilham e dizem sobre si on-line, acerca de suas masculinidades, observando as qualificações de gênero, sexualidade e desejo nessas mensagens sociais. Tentando atender a este objetivo e garantida minha entrada na maioria dos grupos ativos, notei que a quantidade de publicações

disponíveis diariamente era grande, entre 3 e 50 em cada grupo por dia. Em conversas com outros pesquisadores da área¹⁶, percebemos que o prazo de 24 meses exigiria o foco em apenas um grupo para melhor analisá-lo. Até o momento, não encontrei nenhuma pesquisa descritiva sobre as dinâmicas desses grupos e pude comprovar posteriormente, que a ascensão do BIV e de outros grupos similares começou em 2013 quando se tratavam de agrupamentos recém-formados, vinculando perfis pessoais e dispendo de um ambiente dedicado a compartilhar textos, imagens ou vídeos entre os/as membros/as.

Fui convidado a participar do BIV em 2015 por um amigo e este grupo faz parte de uma rede de jovens gays que incluem outros segmentos como: 1) o de aplicações para busca de parceiros amorosos; 2) grupos para troca de imagens nuas; 3) grupos de “gaymers”, ou seja, jogadores gays que conversam sobre jogos on-line, 4) redes de informações ativistas LGBT; 5) redes sobre drag-queens, maquiagens e tantos outros assuntos. As mais utilizadas por eles são o Facebook, Whatsapp, Instagram, Messenger, YouTube, Tinder, Hornet, Grindr, Tumblr, Twitter, Imgur, Sendvid e Giphy, para citar alguns exemplos.

Dois características do BIV me fizeram escolhê-lo como site de campo a fim de viabilizar meu objetivo geral: 1) o BIV era o mais famoso dos grupos levantados, tendo o maior número de membros/as, usuários/as ativos/as e métricas de publicação, curtidas e comentários; 2) outros grupos e páginas incorporavam e replicavam as melhores publicações, notícias ou vídeos depois do BIV, sendo este um indicativo de que alguns virais circulavam primeiro ali do que nos outros grupos levantados. A caracterização do BIV está descrita na seção 1 deste trabalho.

Outra estratégia levantada por Burrell (2009, p.191) foi considerar múltiplos tipos de rede aceitando a heterogeneidade dos ambientes on-line e “preservando a possibilidade do fenômeno social de definir-se não apenas pela rede social, mas pelo fluxo material e outros modos de conexão”. Ainda que os/as usuários/as do BIV forneçam grandes quantidades de informações diariamente, é impossível desconsiderar que estes jovens são intersectados por diversas outras redes on-line e off-line. Ficou perceptível, portanto, que os produtos culturais veiculados por

¹⁶ Agradeço as/aos pesquisadoras/es Felipe Padilha, Lara Facioli, Carolina Ribeiro, Juliana do Prado e Richard Miskolci pelas conversas produtivas.

esses jovens fizeram parte de seus contextos nas décadas de 1990 e 2000, com referências à cultura televisa e musical brasileira e estadunidense, reforçando o indicativo de que o uso da internet é organizado em continuidade com nossos contextos off-line e nos informam sobre os contextos midiáticos geracionais desses jovens.

Os agrupamentos de jovens com o intuito de discutir sobre músicas, séries ou quaisquer assuntos específicos não é recente. Os *fandons* (domínio dos fãs) foram muito estudados nos anos 1990. Nancy Baym (2010, p.15), estadunidense, professora da Universidade de Kansas e Pesquisadora Principal na Microsoft Research, aponta que os "indivíduos em comunidades de fãs criam relacionamentos diretos com músicos e selos, na medida em que ajudam a disseminar a música dentro e fora de fronteiras nacionais". Em decorrência do desenvolvimento da internet e ampliação de seu público, estes espaços são considerados estratégicos pelas empresas do segmento do audiovisual nacional e internacional. Apesar de haver concorrência e abundância de agrupamentos por identificações, o BIV tem certa relevância como um espaço de circulação de ídolos mulheres, denominadas de divas e rainhas, como é o caso da celebridade Gretchen, a **rainha** brasileira do bumbum desde 1980.

De uma forma geral o BIV transformou-se e cresceu com rapidez entre 2016 e 2017, principalmente porque empresas de diversos setores começaram a absorver as demandas de produtos culturais e ídolos desses jovens homossexuais, veiculando-os em suas campanhas publicitárias e discursos midiáticos e audiovisuais sobre respeito, amor e diversidade. Apesar dos assuntos sobre músicas pop ser popular dentro do grupo, são nas publicações de assuntos pessoais, nos vídeos virais e nas personagens e emoções dos memes em circulação que se expressam as partes substanciais do fenômeno sociológico estudado.

As regras de convivência, descritas acima, levaram os/as membros/as do grupo a padronizarem a forma como compartilham determinados conteúdos, sendo as turnês um estilo de publicação em que relatam – em tempo quase real – determinada situação tida por esses jovens como engraçadas, constrangedoras, esquisitas ou inesperadas. A *tour* funciona como um reality show do cotidiano, no

qual um/a usuário/a narra uma história “cotidiana” e engraçada contando-a em partes, fazendo edições na publicação original. Assim, os membros/as on-line interagem marcando amigos ou implorando pelo “desfecho” da história, caso angarie a atenção das pessoas. Para provar a veracidade da mesma os/as autores/as utilizam textos, imagens e vídeos.

Para entender os códigos e conteúdos publicados, dediquei-me à observação dessas interações. Como o objetivo era entender a rede de discursos e vocabulários acionados por estes jovens gays acerca de suas masculinidades; as turnês, a participação coletiva (comentários) e seus desdobramentos compõe a rede do fenômeno social em estudo. Nesta dissertação usei 4 *tours* para explorar as percepções coletivas on-line desses jovens a respeito de suas masculinidades e homossexualidades. Sendo o BIV um grupo de jovens cujo elo de identificação é a cultura pop *mainstream*, estão imbuídas nas publicações selecionadas certas demandas, expectativas e fantasias coletivas que servem, subjetivamente, como referência para os/as membros/as a partir de aspectos comportamentais, morais ou simbólicos.

A seleção das turnês aconteceu em várias etapas. Primeiramente, foi necessário conhecer a arquitetura de funcionamento do Facebook para adotar a melhor estratégia de análise nesse site de campo. O foco era coletar publicações on-line do BIV que se referiam às masculinidades gays brasileiras. Em meados de março de 2017 o grupo atingiu mais de quatrocentos mil membros/as, sendo impossível acompanhar todas as publicações. De que forma poderia eu, então, recolher as publicações mais relevantes sem o conhecimento de todas?

Para explicar melhor esta parte, é preciso nos atentarmos à arquitetura do ambiente on-line no qual o grupo BIV se organiza. A observação acontece a partir do meu próprio perfil no Facebook, uma vez que é por ele que o site me conecta aos seus serviços. Os ordenamentos das publicações são definidos pelo “algoritmo da linha do tempo” que cria um *ranking* de relevância de acordo com as interações realizadas por mim. Ou seja, a partir do rastreamento de nossas atividades e interações, o algoritmo busca prever “o que queremos ver”, maximizando o tempo gasto por usuário/a na plataforma.

A arquitetura do Facebook possui suas especificidades e a organização do conteúdo exibido é resultado de um complexo cálculo de relevância extraído desse algoritmo criado pelo próprio serviço. Ou seja, um, de muitos algoritmos do Facebook, é responsável por personalizar o ordenamento das publicações nas nossas *timelines*, sendo relevante para o cálculo tanto o conteúdo da publicação (vídeo, foto, texto e link, sucessivamente) quanto as informações coletadas dentro e fora do Facebook durante a navegação. O resultado é o ordenamento de publicações por relevância, ao contrário de outros SRS em que as publicações são ordenadas cronologicamente.

Este ordenamento é inextricável aos interesses da empresa por trás deste serviço, pois sua criação visa solucionar o problema de evasão dos usuários. O Facebook aposta por relevância, personalização e automatização para tentar acertar quais são os conteúdos que os/as usuário/as gostariam de ver primeiro e, também, quais não devem ser mostrados; tudo a partir das relações de conectividade das listas de amigos, das páginas curtidas, dos anúncios pesquisados, das coordenadas do GPS, do histórico de navegação e etc.

No caso da arquitetura trabalhada, o algoritmo pertence a uma das maiores empresas de tecnologia do planeta e um dos maiores destaques no campo das ciências da computação de “aprendizado de máquina” (*machine learning*). Para esta pesquisa, o algoritmo da linha do tempo é um dos mais determinantes, visto que ele propicia o fenômeno das bolhas de informações me alocando em pontos de extrema visão, mas também de não-visão, sem meu total controle. Contudo, o algoritmo aprende a partir do uso pessoal, tendo o pesquisador impacto fundamental na construção destas bolhas de informações.

Como não sou especialista na área computacional, busquei articular as informações mais gerais acerca do algoritmo para que assim eu pudesse impactá-lo estrategicamente fazendo com que me mostrasse as publicações relevantes para a pesquisa. Nos estágios iniciais as publicações do grupo BIV não apareciam na minha própria *timeline*, o que me forçava abrir a página do grupo pesquisado e rolar as publicações – cujo ordenamento também está suscetível à organização por relevância. Assim, passei a curtir as publicações do grupo que poderiam ser interessantes para a pesquisa.

A partir disso aumentou a aparição dessas publicações na minha linha do tempo, o que me auxiliou a ficar cada vez mais em contato com o campo. Além disso, comentei algumas publicações específicas, nenhuma das selecionadas, arriscando interações no campo e algumas vezes ganhei seguidores e amigos. Sempre que isso aconteceu eu fui adicionado e nunca adicionei ninguém. Foi então que percebi que a frequência de publicações da minha *timeline* sobre o grupo BIV haviam aumentado, pois, além dos *posts* que resultaram do algoritmo, implicava no cálculo da relevância os contatos que eu tinha na minha lista e que também eram membros do grupo. Ou seja, quando um usuário da minha lista de amigos comentava ou curtia alguma publicação, o Facebook me notificava: “seu amigo comentou uma publicação no BIV”.

Encarei o algoritmo como uma ferramenta útil, pois, embora possuísse suas próprias regras, refletia minhas atividades. Utilizei o botão “curtir” em publicações que considerei relevantes e assinei que gostaria de receber as publicações do grupo no topo de minha linha do tempo. Portanto, meu trabalho de campo dependia do algoritmo e não havia nada a se fazer a não ser conhecê-lo e considerar que, mesmo sem a totalidade, as publicações com que tive contato compunham uma amostra representativa. A amostragem por acessibilidade é, nesse sentido,

outra forma de definir os elementos da pesquisa de uma maneira completamente livre, sem o embasamento de qualquer rigor estatístico. Sua construção não é balizada por quaisquer regras de proporcionalidade ou probabilidade: neste tipo de amostragem, o pesquisador seleciona os elementos a que ele tem acesso adotando a premissa de que, de alguma forma, tal amostra possa ser considerada representativa do todo. (PÁTARO; OLIVA, 2017, p. 126).

A coleta das *tours*, meus objetos de análise, aconteceu diária e cronologicamente, no período que se estende de março de 2016 a novembro de 2017 sendo pré-selecionadas 67 turnês que estabeleciam uma relação direta com os temas das masculinidades, homossexualidades e das juventudes. Desse total, 63 foram descartadas por serem menos relevantes ao objetivo de entender as mensagens sociais vinculadas por esses usuários jovens a respeito de suas masculinidades. As 4 turnês restantes representam os melhores materiais ao qual tive acesso dentro do grupo e orientei-me pelos critérios de viabilidade de análise,

popularidade das publicações e variedade de temáticas presentes nelas. No geral, as publicações selecionadas narravam histórias sobre as redes de relações afetivas e emocionais desses jovens, seja com amigos, namorados ou familiares. As selecionadas foram exploradas qualitativamente por mim na seção 5 desta dissertação.

Seção 4 – Masculinidades das Manas

O título desta dissertação é uma gíria utilizada como pronome de tratamento entre os/as usuários/as do grupo BIV. “Manas”, uma derivação de “manos” – amplamente utilizado por jovens brasileiros – que significa “irmãos” ou “homem”, cuja inflexão de gênero linguístico feminino seria “mina”. O termo ainda difere de “mona”, cujo significado reflete mais às travestis e transexuais. Mana é, neste contexto, “irmã gay/bicha/viada”. É interessante perceber que esta é uma das expressões mais utilizadas pelos habitantes do grupo e de alguma forma evidencia um rearranjo linguístico de gênero, unindo o verbete masculino “gay/viado” com o verbete feminino “irmã”. Além disso, as artistas e webcelebridades com as quais se identificam são mulheres em sua maioria, sendo elas chamadas de “divas”, “rainhas” ou “lacradoras”, por exemplo.

Isso traduz a complexidade das performances de gêneros desses habitantes, pois todos/as são manas, sejam homens ou mulheres. Funciona também como um flerte com a feminilidade ou uma forma de identificação com as representações midiáticas das feminilidades. Tornou-se um bordão muito utilizado nas publicações feitas por esses habitantes para chamar a atenção para uma publicação em que se colocam dúvidas ou se pede colaboração dos/as usuários/as. Posso citar como exemplo chamadas como “CALLING ALL THE MANAS...”¹⁷ ou “MANAS ME AJUDEM”.

Os debates científicos acerca das problemáticas de gênero; das diferenças entre homens e mulheres; das explicações acerca das origens das homos e transexualidades; e dos conflitos sociais acerca das violências e subalternidades

¹⁷ “Chamando todas as manas”, em tradução livre.

são embates acadêmicos importantes em muitos núcleos de estudos.¹⁸ Dentro desse extenso campo, me encontro nos estudos sobre as masculinidades, principalmente as gays e brasileiras. É interessante reescrever sobre os percursos históricos dessas pesquisas para que meu tema de estudo fique em maior evidência.

As definições de masculinidade se encontram intimamente ligadas à História das Instituições e das discursividades acerca da economia no mundo. Há algum tempo algumas correntes de estudos sobre gênero e sexualidade (RUBIN, 1986; CONNELL, 2003; BUTLER, 2013) enfatizam a necessidade de não se trabalhar masculinidade ou feminilidade no singular, porque tanto as masculinidades quanto as feminilidades se constroem socialmente na e pela interação social, de múltiplas formas, cultural e regionalmente. Essas categorias referem-se a processos coletivos de negociação entre as subjetividades dos atores sociais com o mundo social.

Uma das principais obras para pensar as questões aqui colocadas é o livro *Masculinidades* de Raewyn Connell (2003) que resgata uma porção de publicações acerca dos conhecimentos e autores/as que de alguma forma impactaram na área de estudos sobre as masculinidades. Sua organização é precisa e de base para o entendimento da categoria “masculinidade” internacionalmente. Por essa fundamental influência, esta seção da dissertação é inspirada nas contribuições da autora e de seus comentadores. Além dela podemos citar o livro *El deseo homosexual* de Guy Hocquenghem (2009).

As masculinidades não são apenas identidades individuais, mas mesclam-se com as relações sociais. Os sistemas classificatórios de gênero devem ser entendidos como um conjunto de valores, crenças e práticas que orientam e interpelam os sujeitos. As relações de gênero podem ser, por isso, legitimadas, mantidas ou mudadas em nível local, regional ou global a depender do que dessas relações fazemos (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013).

¹⁸ Vale ressaltar que muitos conhecimentos foram produzidos também fora de ambientes institucionais universitários e que tiveram grande absorção pelo que se chama de movimentos civis organizados ou movimentos sociais.

Este trabalho utiliza a teoria da masculinidade hegemônica que consiste “no conceito de que há uma forma de masculinidade que possui poder sobre outras formas [de masculinidade] em um dado contexto histórico e cultural e existe embutida em crenças, valores e práticas” (BURKE, 2016, p.2). As masculinidades subordinadas, por exemplo, funcionam como cúmplices na manutenção das práticas que constituem a masculinidade hegemônica. Isso porque os processos de formação das masculinidades são de grande escala social e as hegemônias devem ser contextualizadas historicas e culturalmente, porque seus repertórios são dependentes de seus contextos sociais.

Em termos gerais, a masculinidade hegemônica da qual falamos encontra-se fundamentalmente relacionada ao poder e organizada para a dominação enquanto configurações de práticas que se estruturam nas relações de gênero, de forma que o seu fazer e seu refazer alteram o equilíbrio de interesses da sociedade. O conceito de masculinidade hegemônica não pode ser usado de forma fixa, pois este uso viola a historicidade do gênero e ignora as evidências de transformações nas definições sociais da masculinidade. Entender que as masculinidades circulam na teia social e suas significações e hegemônias estão em disputa é importante para se entender como a masculinidade hegemônica se forma enquanto processo histórico e não como um sistema autorreprodutor. Nessa circulação os agentes sociais e o contexto social cooperam para sua manutenção ou contestação, por exemplo. Contudo, a hegemonia produz exemplos de masculinidades a partir de símbolos que possuem autoridade, mesmo que a maioria dos homens não vivam de acordo com o desses exemplos. A masculinidade hegemônica – mesmo que não corresponda fielmente à vida de nenhum homem – traduz ideias, fantasias e desejos para tornar-se algum modelo, quer real ou imaginário.

Tudo que aprendemos sobre a história da sexualidade nos diz que a organização social da sexualidade nunca é fixa ou estável. Ela é modelada sob circunstâncias históricas complexas. Na medida em que entramos no período conhecido como "pós-modernidade", é provável que vejamos uma nova e radical mudança nos modos como nos relacionamos com nossos corpos e com suas necessidades sexuais. O desafio será compreender, de uma forma mais efetiva do que no período da modernidade, os processos que estão em ação nesse campo (WEEKS, 2000, p.58).

Dessas práticas emergem as explicações para nosso contexto brasileiro, um país com altos índices de assassinatos contra pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis ou transexuais (LGBT).¹⁹ Um dos marcos que propiciaram o amplo debate e atenção sobre as masculinidades foi o período pós-1980 pelo pânico moral da AIDS (MISKOLCI, 2017; BURKE 2016). Temas polêmicos sobre as masculinidades, como as relações extraconjugais e homoeróticas, foram visibilizadas e passaram a ser reconhecidos e questionados publicamente. John Mercer (2012, p.315) atribui ao período, inclusive, o aparecimento da iconografia e tipologia pornográfica que retratavam os homens a partir de sinais distintivos de juventude, virilidade, “*health conscious*” (no Brasil reconhecido como corpo “sarado”) e detentores inegáveis de uma masculinidade estadunidense. Os corpos magros e pálidos poderiam ser interpretados pelos consumidores como menos saudáveis e, por isso, emergiu o modelo antisséptico dos corpos musculosos interpretados como saudáveis e sexuais (BURKE, 2016, p.4).

No Brasil²⁰, as masculinidades se constroem sob as expectativas sociais de que os homens devem ser menos emotivos e mais violentos, devem gostar de esportes, devem ser valentes e não covardes chorões, devem ser compulsoriamente heterossexuais²¹, devem ter pênis grande, não devem ser vulneráveis, não devem se submeter às mulheres, devem ser chefes da família, casar, ser inteligente, podem circular em quaisquer espaços públicos a qualquer hora, ter relações com múltiplas/os parceiras/os, consumir álcool e etc. Todas essas expectativas sociais são um devir de uma masculinidade inalcançada e sempre em negociação.

¹⁹ Segundo tabulação de notícias de assassinatos vinculadas nas mídias brasileiras, em 2016 foram assassinadas 343 pessoas LGBT por crime de ódio pela orientação sexual, sendo: 50% de gays, 42% de pessoas transgênero, 4% de heterossexuais confundidos com LGBT's, 3% de lésbicas e 1% de bissexuais (MOTT, Luiz; MICHELS, Eduardo; PAULINHO, 2016)

²⁰ Pesquisas sobre as masculinidades no Brasil podem ser encontradas em MISKOLCI (2017), PERLONGHER (2008) e OLIVEIRA (2004), por exemplo.

²¹ Eve Kosofsky Sedgwick (2007) é uma das autoras que demonstra a história da construção da heterossexualidade, afirmando que ninguém nasce heterossexual, mas a sociedade nos ensina a sê-lo a partir da presunção de que todos os desejos amorosos e sexuais se destinam exclusivamente para o sexo oposto. O desestímulo das relações não-heterossexuais é a falta de reconhecimento e exclusão social por não partilharem do mesmo regime de verdade da hegemonia heterossexual.

Esses comportamentos são incentivados socialmente e servem, desde há muitos séculos, como uma série geral de expectativas atribuídas a cada sexo como forma de organização social. Contudo, essa “lista de comportamentos” que orientam as masculinidades sofrem interferências de ordem global, regional ou local o que determina suas especificidades contextual e temporalmente. Além disso, existem clivagens econômicas, culturais, étnico/raciais e nacionais que interferem na construção dessas masculinidades e feminilidades individuais.

As masculinidades historicamente negadas das pessoas “anormais”, “invertidas”, “pederastas”, “desviadas” e “bichas” (todos rótulos de injúria) encontraram formas engenhosas de reinterpretar os modelos de masculinidades, inclusive com casamentos heterossexuais em que o marido faz sexo com outros homens “no sigilo”, sem que seu círculo social e familiar saiba. Neste contexto, o armário (Sedgwick, 2007), ou “vida dupla”, aparece intimamente conectado com as masculinidades gays e a masculinidade hegemônica do século XX. Além disso, o armário é um objeto de reflexão que evidencia não só sobre aqueles que vivem suas vidas amorosas em segredo, mas também sobre quem pôde vive-las publicamente. Por isso ele é uma forma de regulação da vida social que evidencia as estratégias sociais de visibilidade dos indivíduos, indicando quais fantasias de masculinidades devem estar visíveis (hegemônica) e quais devem ser menos visíveis, ocultadas ou excluídas (não-hegemônicas).

O que busco ressaltar desses estudos sobre as masculinidades é que elas são múltiplas e produzidas individual e coletivamente. Há uma masculinidade hegemônica que depende do contexto e é historicizável, que subordina outras formas de masculinidades e impactam o equilíbrio de interesses dos grupos sociais. As masculinidades possuem características de processos históricos e sua materialidade se dá nos corpos dos indivíduos. Por isso proponho para esta dissertação perceber como jovens gays brasileiros socializam no BIV a partir de suas publicações em texto e imagem, percebendo quais fantasias, ideais, imaginários, repertórios, produtos culturais e linguagens estão associadas às masculinidades gays.

As masculinidades das “manas” circulam sob um conjunto de valores, crenças e práticas específicas de uma juventude gay on-line contextualizadas no

período pós-1985, pós Ditadura Militar, pós-Constituição Cidadã de 88, pós retirada do homossexualismo do DSM-II²², pós expansão das mídias digitais no país, pós aprovação da união estável equiparável ao casamento, que vivenciaram a expansão da classe média no Brasil e a expansão do ensino superior público. É perceptível que estes eventos históricos impactaram as expectativas, oportunidades e fantasias desses jovens quanto às suas próprias possibilidades de experimentarem suas masculinidades, orientações sexuais, estilos de vida e de consumo. Mesmo em um território violento, o imperativo clássico do armário se reorganiza sob outras estratégias de visibilidade na oportunidade, por exemplo, de cursar uma universidade fora de sua cidade natal, sem conexões familiares, e fazer circular masculinidades gays mais públicas e com circuitos de sociabilidade universitários e/ou LGBT's.

O grupo BIV é, neste contexto, um ambiente on-line nacional em que jovens gays constituem um espaço coletivo comum em que ser “viado demais” é incentivado e exaltado. É importante ressaltar a magnitude dessa rede de pessoas da qual proponho esta pesquisa – mais de 1 milhão de membros – porque esta é uma articulação específica de uma geração nascida pós-1985 que está, de alguma forma, confrontando diretamente as fantasias e expectativas do modelo da masculinidade hegemônica heteronormativa. Não se configura como uma prática que já existia antes, pois é um fenômeno que emerge vinculado aos 20 anos de desenvolvimento das mídias digitais no país, mas também é importante ressaltar as continuidades encontradas em campo.

Além disso, os resultados obtidos por este recorte de campo podem ser cruzados com outros estudos sobre masculinidades gays brasileiras e usos das mídias digitais. A pesquisa de Felipe Padilha (2015, p.12) em aplicativos de busca de parceiros no interior paulista, por exemplo, evidencia a valorização de condutas presumidas socialmente como heterossexuais como estratégia para manutenção

²² O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais II (DSM-II) retirou o “homossexualismo” como um distúrbio sociopático da personalidade em 1973 sob muita agitação e protesto de psiquiatras e ativistas LGBT's. Contudo as pessoas travestis e transexuais ainda constam no DSM-V como portadoras de “disforia de gênero” e na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde 11 (CID-11) como portadoras do “transtorno de identidade de gênero (TIG)”. A despatologização das transexualidades são uma das pautas principais do movimento T no Brasil.

dos vínculos de respeito e afeto, principalmente no espaço da família e do trabalho. Argumentos que corroboram com essa conclusão foram obtidos nas pesquisas de Keith Kurashige (2014) e minha (MELHADO, 2014) no interior paulista, nas de Luiz Felipe Zago (2013) em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Salvador e nas de Richard Miskolci (2017) em São Paulo.

O grupo BIV é um ambiente on-line distinto das plataformas específicas de busca de parceiros. Mesmo que muitos usuários estejam tanto no BIV quanto nas mídias de busca de parceiros, as formas de exposição dentro do grupo são predominantemente fantasias de masculinidades amplamente recusadas dentro dos aplicativos geolocalizadores. Nem sempre sua população foi de mais de um milhão de pessoas, o que prova que o fenômeno estudado está em transformação ganhando adesão por estes usuários jovens. Os termos “bicha, viado e afeminado” dentro desse contexto são banalizados de forma a esvaziar seu conteúdo ofensivo e são ressignificados a partir dos repertórios de pertencimento e vinculação social, como os do orgulho gay. A Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, por exemplo, em 2017 reuniu 3 milhões de pessoas e movimentou 45 milhões de reais.²³

As masculinidades das manas são marcadas pelo consumo de marcas e produtos que forneçam especificidades para suas subjetividades. Além disso, a utilização midiática e propagandista de seus ídolos e a incorporação de seus códigos de linguagem são extremamente valorizados e consumidos por esses jovens. Mesmo que hajam impactos positivos na proliferação midiática de ícones e produtos emocionais voltados ao *pink money*, estes jovens veem com demasiado vislumbre as tentativas mercadológicas de abocanharem este mercado consumidor. Para alguns desses jovens, ter seus estilos de vida incluídos no *marketing* e na propaganda é o termômetro da aceitação, legitimação e reconhecimento de suas masculinidades, ainda que os ambientes de trabalho

²³ GONÇALVES, Gabriela. Com 19 trios elétricos, Parada Gay reúne multidão em São Paulo. G1. São Paulo, s.n, 19 jun. 2017. Disponível em <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/com-19-trios-eletricos-parada-gay-reune-multidao-em-sp.ghtml>>. Acesso em 11 jul 2017.

dessas mesmas grandes corporações sejam marcados pela dinâmica do segredo e discrição na visibilidade dos afetos homoeróticos (armário).²⁴

Os repertórios dessas masculinidades das manas não podem ser descolados dos impactos contemporâneos das mídias digitais, principalmente pelo caráter cada vez mais acessível de mobilidade e conexão ininterrupta. Contudo, se compararmos o Brasil com países centrais nos quesitos infraestrutura, qualidade e preço dos serviços, nosso acesso à Internet é caro, deficitário ou inexistente em diversos pontos do país.

A rede é extensa e a intensidade do uso varia de usuário para usuário. O grupo BIV possuía 4 administradores, 80 moderadores e diversas regras de conduta que organizavam como as interações on-line deviam acontecer. Ser um “viado lacrador” é um título que exige prestígio e reconhecimento dentro da rede, sendo uma negociação constante das diferentes masculinidades. Como a concorrência é grande, alguns autores das publicações dizem “não acreditar que a *tour* não *flopou* [fracassou]” e utilizam emojis de choro, textos e imagens de artistas que traduzam de forma cômica o choro de emoção. A validação de um *close* certo ou errado em última instância é julgada pelas/os administradoras/es, mas em primeira pelas denúncias das/os membras/os.

Para caracterizar melhor as diferenças encontradas em campo entre a masculinidade hegemônica e as masculinidades das manas utilizo o quadro abaixo. Vale ressaltar que sua validade é meramente ilustrativa e não deve ser generalizado. As características encontradas em campo das particularidade das masculinidades das manas foram: 1) a centralidade das emoções para estes jovens, fazendo com que orientem suas ações a partir da investigação de seus próprios sentimentos; 2) o exercício de se comunicarem extensivamente expondo suas vulnerabilidades; 3) a naturalização da tristeza como um sentimento legítimo e que merece atenção; 4) a abertura para outros formatos de relacionamento que não apenas o par monogâmico, embora este seja o mais requerido pelos usuários; 5) a identificação em diversas esferas, sejam sentimentais ou de personalidade,

²⁴ EX-CQC conta que perdeu trabalho na TV após se assumir gay. *Catraca Livre*. [S.l.: s.n.], 30 abr. 2017. Disponível em <<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/ex-cqc-conta-que-perdeu-trabalho-na-tv-apos-se-assumir-gay/>>. Acesso em 11 jul. 2017.

com as figuras femininas, podendo estes homens, inclusive, reconhecerem-se a partir de alter egos femininos; 6) a flexibilização da obrigatoriedade na formação do núcleo familiar patriarcal, propiciando outras organizações da moradia como repúblicas de amigos ou divisão do lar com outras pessoas que não um cônjuge; 7) a compreensão social de que suas sexualidades e estilos de vida quebram expectativas sociais fazendo com que a comunidade do BIV ajude a driblar o contexto brasileiro sabidamente homofóbico. Em maior ou menor medida, essas características emergem, se realizam e intensificam-se principalmente em contextos metropolitanos de consumo, algo que para algumas manas do interior do país está longe de ser uma realidade vivível, senão apenas fantasiada.

Quadro 1 – Síntese das características das masculinidades do macho-viril e das masculinidades das manas

MACHO VIRIL	MANAS
Menos emotivos	Emoção orienta a ação
Mais violentos	Mais comunicativos
Não podem chorar	Ficam na "bad"
Casamentos Heterossexuais	Outros formatos de relacionamentos
Não podem ser vulneráveis	Expressam suas vulnerabilidades
Não se submetem às mulheres	Identificam-se com as mulheres
Chefes da família	Dividem casas com outras pessoas
Livre circulação nos espaços públicos	Homofobia nos espaços públicos
Incentivado socialmente	Quebram expectativas sociais
Contextos mais tradicionais	Contextos metropolitanos de consumo

Fonte: Caderno de campo

É possível deduzir com bastante segurança que no crescimento do grupo BIV foram emergindo repertórios cada vez mais legitimados pelo grupo sobre as

masculinidades das manas. A criação do BIV é de 2013 e utilizavam o ambiente para enaltecer seus ícones da *pop music* e conhecer outros jovens de diversas partes do país que soubessem desses assuntos. Este período coincide com o de monetização do YouTube²⁵ e o surgimento da carreira de *youtuber*, pessoa que vive da receita de publicidade dos seus vídeos. A nova carreira que os serviços de redes sociais propiciaram, principalmente os da empresa Facebook²⁶, foi a de Influenciadores/as Digitais (*Digital Influencers*). Fazer sucesso dentro dos serviços de rede social e influenciar pessoas – cujos parâmetros são curtidas, seguidores e compartilhamentos – parece ser um horizonte de aspiração possível e valorizado por esses homens, ao invés, por exemplo, de almejarem ser jogadores de futebol.

Os/as participantes do grupo BIV são consumidores assíduos de produtos culturais que trabalhem suas fantasias sobre autenticidade e histórias de vida, como *trailers* promocionais da empresa de vídeos sob demanda Netflix que convidou os ícones desses jovens como a Gretchen, Rita Cadillac, Inês Brasil, Valeska Popozuda e Narcisa Tamborindeguy para gravarem vídeos promocionais de suas séries. Durante sua expansão, alguns influenciadores digitais, artistas e *youtubers* já foram adicionados no grupo ou fizeram algum vídeo mandando “beijo para as manas lacradoras do BIV”.

Neste caso a rede não funciona como inimiga da televisão, pelo contrário. O estilo de programas de televisão que esses jovens mais comentam e se engajam são de reality shows como Big Brother Brasil e Master Chef, que são produtos densamente emocionais e incitam as pessoas a julgarem as atitudes dos participantes e escolherem por suas eliminações, no primeiro caso, ou comparam os resultados da votação popular no Twitter com a decisão das/os *chefs* juradas/os, no segundo.

O que esses jovens desejam é uma sociabilidade interativa em que cada vez mais tenham a sensação de que estar conectado os insere em uma nova camada aumentada da realidade. Isso não é uma marca das suas masculinidades manas,

²⁵ O processo de monetização do YouTube é o pagamento de uma parte da receita de publicidade do site para criadores de conteúdo original.

²⁶ A empresa Facebook possui também os serviços: Whatsapp, com 1,2 bilhões de usuários, sendo 120 milhões brasileiros/as em 2017; e Instagram, com 700 milhões de usuários, sendo 35 milhões de brasileiros/as em 2016.

mas os interpelam pelo contexto de juventude gay conectada e modificam as estratégias de visibilidade de suas sexualidades e os repertórios morais e culturais que dispõe para interagir ali dentro. Estes jovens estão obtendo respostas imediatas dos mercados e empresas para que utilizem cada vez mais as mídias, gastem com esses produtos e passem mais tempo dentro dos serviços.

Afrontar, causar e chocar é uma das maneiras que essas masculinidades das manas encontraram, se utilizando de um humor extremamente ácido, específico e complexo, de resistirem a um contexto que sempre expôs as homossexualidades como motivo de piada e rejeição. Nascidos no período em que essas agressões passaram a ser reconhecidas enquanto *bullying*, este grupo de jovens aprendeu a caçoar da heterossexualidade e da masculinidade hegemônica. Surgiu, por isso, um nicho de modelos e fantasias de masculinidades que – apesar de subordinadas e de limitada relevância regional – começam a disputar poder e hegemonia midiática com os modelos de masculinidades hegemônicas. Em muitos casos as fantasias mais radicais de destruição do “macho-viril” ainda podem ser tidas como utópicas e restritas. Contudo, é possível perceber como as interferências desses produtos culturais e desses modos de sociabilidade modificaram as expectativas e fantasias de vida desses jovens em relação ao imperativo do segredo e discrição apontado por pesquisadores da primeira geração de homens que buscaram outros homens na internet.

Seção 5 – Quatro Tours de Sucesso

Agora que o/a leitor/a possui referência tanto às problemáticas envolvidas nesta pesquisa quanto as características e comportamentos gerais da comunidade imaginada on-line de jovens do BIV, serão exploradas as 4 publicações mais relevantes de minha amostra total de 67 turnês. Como critério ético-metodológico não transcrevo integralmente os conteúdos das turnês a fim de minimizar possíveis exposições que prejudiquem os/as usuários/as, sendo minha intenção explorar as sociabilidades e os relatos de experiência que representam um fragmento de uma porção de outras interações em outras redes das quais eles/as estão diariamente expostos. Por isso narrei as turnês evidenciando as mensagens que carregam sem

expor o nome dos envolvidos, as cidades onde residem e outras informações sensíveis.

5.1 Revelando Segredos: o armário homossexual

Diversos homens publicaram sobre o momento em que “se assumiram” ou, em outras palavras, contaram a seus familiares próximos sobre seu desejo, exclusivo ou não, por outros homens. Essa repetição não é mera coincidência, é prova de que mesmo com apontamentos de avanço nos campos jurídicos e de obtenção de direitos, vivenciar as homossexualidades masculinas – mas não só – gera nesses jovens a sensação de quebrar expectativas ou desapontar seus amigos e familiares.

A temática do armário, entendido como “um regime de controle da sexualidade que rege e mantém a divisão binária hetero-homo da sociedade ocidental desde fins do século XIX” (MISKOLCI, 2009, p.171), é clássica nos estudos de homossexualidades, sendo Eve Kosofsky Sedgwick (2007) uma importante autora para sua definição. Para entender sociologicamente este fenômeno das turnês de revelação da homossexualidade em 2017, não perco de vista os difusos processos históricos que datam, como dito acima, do século XIX e cujos ecos (SCOTT, 2002, s.p) ou prolongamentos ficam evidentes nessas turnês. A tentativa deste tópico é estabelecer conexões entre o fenômeno social em observação e seus contornos explicativos históricos e contextuais.

Segundo Raewyn Connel (2003) os temas científicos relacionados ao gênero e a sexualidade emergiram se concentrando em questões como as relacionadas à saúde, à população e fertilidade, sobre criminalidade e violência, e estudos sobre a não-heterossexualidade. Sendo assim, no século XIX, estes estudos serviram para assentar as diferenciações radicais entre os homens e as mulheres a partir de características biológicas como diferenças corporais, cerebrais, de comportamento, hormonais ou no código genético.

Como bem pontua a autora, nenhuma dessas diferenciações provaram-se verdadeiras quando criticadas pelas pesquisadoras feministas que evidenciavam que a maior diferença entre homens e mulheres, na verdade, acontecia por processos culturais como o monopólio do controle dos homens nos governos,

corporações e meios de comunicação, bem como seus melhores salários e posições de trabalho e, ainda, na violência exercida cotidianamente contra as mulheres: evidências do Patriarcado que, segundo a autora, conjuntamente com as opressões contra os desejos homossexuais faz parte de um projeto amplo que mantém a ordem social autoritária e produz tanto o ódio às mulheres quanto o ódio aos homossexuais. Ambos os processos estão em conformidade com outro amplo processo histórico: a construção da masculinidade hegemônica – organizada para a dominação das mulheres e para a regulação de um tipo específico de masculinidade, que produz também um tipo específico de feminilidade, as quais resistem às mudanças devido às relações de poder envolvidas nesses processos.

O imaginário cultural de que o desejo teria um alvo único, predominantemente do sexo oposto e visando a reprodução é o resultado de um processo histórico complexo e contraditório que culminou na emergência da categoria homossexual no início da década de 1870 (MISKOLCI, 2017, p.58).

Segundo o autor, a aparição da categoria homossexual cristalizou a interpretação neste período de que o desejo por pessoas do mesmo sexo era uma patologia psiquiátrica e que essas pessoas estariam “invertidas e degeneradas” (id.); na contramão de suas próprias naturezas reprodutivas – imaginário acionado até hoje por políticos no país, por exemplo.

É fundamental sublinhar que o estabelecimento do binário hétero-homo foi, de fato o estabelecimento da norma heterossexual como suposta ordem natural do desejo [...] A emergência do que denomino aqui como regime político-cultural da heterossexualidade no terço final do século XIX foi de crescente patologização dessas relações e eventuais criminalizações (ibid., p.60).

Essa trama de discursos apareceu como uma assombração para a sociedade ocidental do período e consolidou “um dispositivo histórico do poder que conhecemos como sexualidade” (id.), o qual foi reconstituído genealogicamente por Michel Foucault (2005) e data desde o século XVII. Em confluência, CONNELL (2003) aponta que este secular sistema classificatório de gênero binário (homem ou mulher) é produto de relações de poder cuja funcionalidade histórica estabeleceram a norma heterossexual e as diferenças entre as pessoas de forma a organizar, reproduzir e controlar os comportamentos sociais.

Contudo, a prática de sexo entre homens é anterior a criação da categoria homossexual. A partir de sua repulsa (abjeção) e orientada pela ameaça à ordem social e simbólica, estes homens “foram ‘ensinados’ que expressões do desejo por pessoas do mesmo sexo não poderiam ocorrer em público, apenas de forma privada e, por segurança, em segredo” (MISKOLCI, 2017, p.66). "O ‘armário’, portanto, é a **metáfora** que descreve o segredo velado em torno das vidas das pessoas que não se conformam à ordem heterossexual" (PADILHA, 2014, p.82, grifos do autor).

As pesquisas mencionadas apontam a centralidade do estigma das homossexualidades nas sociedades ocidentais e, especificamente, na sociedade brasileira. Ainda assim, Miskolci (2017), Padilha (2014) e Luiz Felipe Zago (2013), ao evidenciarem as proibições ao desejo homossexual, notam como os homens que buscam outros homens em aplicativos de busca de parceiro fazem uso estratégico do segredo, de forma que conseguem realizar seus desejos sem, com isso, confrontar diretamente a ordem cultural. Ou seja, o “passar por hétero” é uma estratégia de sobrevivência incorporada difusamente desde pelo menos o século XIX quando emerge o binário homossexual e heterossexual no conhecimento psicanalítico e psiquiátrico.

No Brasil a prática de sexo entre homens, desde o XIX, acontecia em pontos móveis que, juntos, formavam um circuito urbano, bem documentado por Nestor Perlongher (2008) e James Naylor Green (2000, p.52), ainda que suas observações sejam restritas as regiões metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente. Diferente dos EUA, em nosso país não houveram processos de formação de guetos como na cidade de São Francisco na Califórnia. Aqui a característica do *Negócio do Michê* (PERLONGHER, 2008), mas também do negócio do desejo (MISKOLCI; PELÚCIO, 2008, p. 17), se concentrava em locais públicos, como praças e banheiros, desde os anos 1890 (GREEN, 2000, p.51) para o encontro sexual entre homens. A forma de circuito é característica dos deslocamentos territoriais devido às intervenções policiais num primeiro momento e, a partir de 1970 (PERLONGHER, 2008, p.84), com o surgimento e desaparecimento de bares e boates específicas ao público LGBT, principalmente

para homens gays, criando um segmento de consumo capitalista denominado pelos estadunidenses como *pink money*.

O código-território das homossexualidades paulistanas envolvia uma capacidade de interlocução – muitas vezes silenciosa, feita por sinais e pela troca de olhares – entre homens que circulavam pelo centro da cidade (MISKOLCI, 2017, p.74).

Ainda, Perlongher (id.) aponta uma dimensão que denomina de “categorial” e percebe diversos deslocamentos dos sistemas de classificação dos próprios nativos em sua pesquisa. Por exemplo, em 1960 os grupos de homossexuais paulistanos que se identificavam como “gays” pertenciam a uma elite intelectualizada, enquanto as “bichas” e os “bofes” possuíam características de maior marginalização social; a partir de 1980, por outro lado, uma “nova onda gay” começa a ocupar outros espaços da capital paulista seguindo o compasso de um “massivo *out of closets* (‘sair do armário’)” (id.), inspirados pela emergência de figuras públicas como Ney Matogrosso, Cazuzza, Caetano Veloso, Dzi Croquettes e Gilberto Gil, mas também ao que o autor chama de vanguarda teatral gay, intelectualizada e militante, que frequentava o “meio gay” e incentivava que “assumidos” transassem com outros “assumidos”.

Neste desbunde gay nos anos de 1980, a fantasia do “movimento GLS” era a de incorporação social respeitando as regras sociais familistas e buscaram, durante anos de mobilização, por regulamentações como o casamento e a adoção de crianças por casais de pessoas do mesmo sexo. A emergência do pânico sexual da epidemia de HIV/aids até a primeira metade da década de 1990 reacendeu os medos coletivos seculares das sociedades ocidentais e potencializou uma nova forma de patologização das homossexualidades que foram consideradas, durante muito tempo, vetores exclusivos da epidemia.

Somente a partir do final dos anos 90 é que a internet comercial chega ao Brasil e, desde então,

expandiu radicalmente as possibilidades relacionais para pessoas que se interessam por outras do mesmo sexo conectando-as [...] O meio tecnológico permitiu a quem adentrou on-line a construção de uma socialidade aparentemente paralela e não conflitiva em relação à cotidiana regida pela demanda da heterossexualidade. [...] Tais buscas por meios digitais constituem expressão de autonomia desejante, já que se utiliza da tecnologia como meio de

driblar normas sociais que ainda dificultam ou até mesmo punem as relações com pessoas do mesmo sexo” (MISKOLCI, 2017, p.83-85).

A internet aparece para o público LGBTI+ como uma possibilidade mais segura do que as ruas para driblar as regulações sociais que alocam estes sujeitos como corruptores das normas e convenções sociais. É neste momento, após 20 anos de desenvolvimento da internet, que se encontra o grupo BIV e seus mais de 1 milhão de membros. Com este panorama histórico, descreverei a saída do armário de um de seus usuários para percebermos quais são as problemáticas contemporâneas anunciadas por esses jovens em relação ao histórico traçado pelas pesquisas supracitadas.

*

Vitor mora no sudeste e estuda Publicidade e Propaganda em uma metrópole brasileira. Em uma tarde envia uma mensagem privada a seu pai pelo mensageiro instantâneo WhatsApp e publica a foto da tela (*printscreen*) no BIV. As mensagens são de Vitor, que pede a seu pai que leia com atenção o que quer lhe falar. Revela que há tempos anseia pela conversa que está encabeçando, mas sempre teve medo da reação dele, justificando sua escolha por contar-lhe através de mensagens on-line que lhe oferece uma percepção maior de segurança. Esperando pela decepção do pai, Vitor “revela” ser gay e conta primeiro a ele por considerá-lo mais compreensivo que sua mãe, mas sabe a dificuldade para o pai em entender sua homossexualidade. Reforça que nada precisa mudar entre eles e que ele não escolheu desejar outros homens, finalizando com “te amo e espero que vc [você] entenda”.

Oito minutos após Vitor submeter seu texto de revelação ao pai, escreve um pequeno texto pedindo por ajuda das manas. Nele, informa que seu pai havia visualizado suas mensagens, mas não havia respondido e, com tom humorístico, pergunta se isso significava que ele deveria procurar outra residência. Este é o momento inicial de uma *tour* e a partir dos comentários dos/as usuários/as Vitor passa a editá-la ao longo de 3 dias, respondendo às perguntas e narrando como esta história termina.

Os primeiros comentários são de outros/as jovens – as manas – pedindo por mais informações porque querem saber o “desfecho”. Eles/as se referem a Vitor, por exemplo, como “mana”, “viado”, “migo” [amigo], “bicha” e “gay” e isso não é tido como ofensivo neste contexto. Para esses jovens, estes rótulos ou identidades não são entendidas como vergonhosas, pelo contrário, são motivo de orgulho: os comentários que seguem sua publicação indicam que Vitor demonstrou uma atitude positiva a qual todos as manas deveriam seguir porque a “melhor coisa é sair do armário”. Os comentários reforçam que para superar esse momento difícil era necessário um pouco de “sorte”, “força”, “fé” e “tempo” para seus pais “digerirem” a situação. Dessa forma, enquanto o pai não respondia para que Vitor pudesse contar os “próximos capítulos dessa novela”, outros/as usuários/as relatavam suas recordações sobre os momentos em que se assumiram e alguns tinham como sonho acumular “coragem” para revelar a seus pais que seus desejos não se orientavam pelo o que pressupunham ser “normal”.

Com sua plateia ávida por desfecho, Vitor edita sua publicação informando que seu pai ainda não respondeu e que está “ansiosa” pela resposta. Depois de uma hora, ele reaparece preocupado sobre a quietude do pai, dizendo que não sabe o que fazer ou pensar sobre esse silêncio. Informa que voltará de sua aula na universidade antes da madrugada e encontrará todos em sua casa, acreditando que esse será o inevitável momento em que seus pais conversarão com ele.

Nove horas se passam desde o início da *tour* e Vitor conta na postagem que, ao chegar em casa, seus pais já estavam no quarto com a porta fechada, ao contrário do habitual. Ele se mostra decepcionado ao perceber que os pais não quiseram conversar com ele nessa noite, afinal, havia pensado que poderia ser um grande momento de aceitação ou mesmo de “bronca” e “chororô”, mas não acontecer “nada” acabou piorando sua situação porque foi impossível decifrar como os pais estavam se sentindo. Por fim, segue esperançoso de que na manhã seguinte, no café da manhã, será inevitável que conversem.

Passaram-se 24 horas desde a última edição e Vitor retorna porque os/as membros/as ainda não estavam satisfeitos com o desfecho revelado. Começa agradecendo pelo apoio da “comunidade LGBTQ+” e que os comentários e relatos de experiências das manas o ajudaram muito. Mesmo sem novidades, informa que

o “clima” está diferente, mas seus pais não falaram com ele desde o dia anterior. Vitor decidiu dar um tempo aos pais para pensarem e o que importa para ele é que pode, agora fora do armário, ser “100%” quem ele é sem preocupar-se com o que pensarão as outras pessoas e com seus pais informados sobre seu desejo por outros homens. Acredita que as manas sem “coragem” para se revelar, devem ter “força” porque ele mesmo evitou o momento por anos e se arrepende disso, justificando que a vida é curta. Informa que outros/as usuários/as podem conversar com ele no bate-papo privado do Facebook (fora do BIV) caso precisem de ajuda ou aconselhamento como forma de retribuir o apoio emocional recebido.

Os usuários seguem comentando a publicação, cujas métricas do Facebook indicam mais de 15 mil reações (curtidas) e 6 mil comentários. Desde o dia de sua publicação até o último comentário passaram-se 4 dias até que a turnê se perdeu em meio a outras tantas dentro do grupo.

De forma geral, analisando os comentários com relatos de experiências das outras manas que se assumiram para seus pais, aconteceu o contrário do esperado por esses jovens: nenhum/a deles/as foi expulso/a de suas casas. Contudo, a desestabilização de suas relações familiares gerou “silêncio” e relatam que em um primeiro momento os pais “surtam”, os/as “ignoram”, fazem um “climão” sobre o assunto, dizem que “não aceitarão”, mas, passada a fase silenciosa, sob muito “medo”, “choro”, “aflição” e “sofrimento” de todos os envolvidos, a relação se assenta, o “amor” prevalece e a homossexualidade não os/as distancia. Contudo, o desejo não é um assunto extensamente discutido entre os jovens e seus familiares, revelando o silêncio como a resolução mais apontada pelas manas do grupo presentes nessa turnê. Independente das consequências trazidas pela saída do armário, as manas enxergam esse momento como inevitável e o anseiam. Assim, acabar com a economia do segredo pode ser entendido como um dos elementos que compõe os horizontes de aspiração desses jovens que a enxergam como um sofrimento que impede sua autorrealização. Esses horizontes de aspiração, conforme conceitua Lara Facioli (2017, p.11), envolvem “anseios em relação ao futuro, sejam eles de cunho econômico que visam alcançar melhores condições de vida, até mesmo os que estão ligados à esfera afetiva e da família”.

É importante notar certa diferença entre essas masculinidades das manas, que desejam se tornar “visíveis”, e as masculinidades gays que preponderaram nas pesquisas já citadas de MISKOLCI (2017) e PADILHA (2014), por exemplo. Enquanto para uma primeira geração de homens que buscaram outros homens através de mídias digitais, o segredo e o armário aparecem como imperativo de conduta, no segmento das manas pode ser associado ao discurso político-midiático do sair do armário, de viver o desejo homossexual publicamente e de acessar espaços de consumo capilarizados. Essa constatação, no entanto, aciona imaginários e fantasias que devem ser contextualizadas.

A primeira delas é que, além de homossexuais, o BIV é habitado por pessoas que possuem um recorte educacional superior. Ainda que alguns não estejam na universidade, esse contexto aparece em diversas turnês, inclusive nesta em que Vitor mencionou que chegaria da aula às 23h e em seu perfil pessoal consta que faz Publicidade e Propaganda. O ensino superior não é só valorizado por eles/as, mas efetivamente acessado e, por isso, podemos considerar que possuem maiores condições de acesso ao mercado de trabalho e com maiores salários (se comparado ao salário mínimo), o que acaba por possibilitar sua inserção em contextos de consumo e a ampliação de seu acesso tanto à cidade quanto às informações, projetando seus horizontes de aspiração e reconfigurando suas percepções de formas mais visíveis e incorporadas do que as gerações anteriores.

O contexto que esses jovens vivenciam, imaginam e projetam são enredos sociais das classes médias brasileiras somado aos enredos midiáticos e metropolitanos do país e, portanto, não representam uma possibilidade para todos/as senão como “sonho” ou desejo impossível. Vitor não possuía um pai pastor neopentecostal como outro usuário, tampouco enviaram uma foto a seus pais em que ele aparece de mãos dadas com outro rapaz e, muito menos, foi levado ao psicólogo na tentativa de solapar seu desejo por outros homens. Esses também foram cenários apontados em outras revelações e evidenciam o complexo emaranhado de elementos que regem essa economia do segredo. Nesses exemplos ficam evidentes: 1) a tradição religiosa da família apontada como a explícita proibição para dialogar sobre o desejo; 2) o medo de se mostrar em público, uma vez que o acesso às câmeras nos celulares serviu para expulsar

alguém do armário a partir de uma fotografia, fruto de espionagem; e 3) a autoridade psicanalítica e psiquiátrica acionada pelos pais desses jovens, seja para tentar uma violenta conversão de “homossexual para heteressexual” ou como fonte confiável de avaliação – função historicamente reconhecida no país aos padres e aos médicos sanitaristas.

O tempo, segundo os relatos, é necessário para “digerir” o acontecimento de um filho gay, evidenciando o impacto não apenas no indivíduo como no seu entorno familiar. Os pais são as maiores preocupações dos filhos e foram considerados por eles como os mais impactados após a “revelação do segredo”. Mesmo com desapontamentos e tristezas a “vida segue” e as relações familiares se assentam. Há uma expectativa positiva em torno do contar para os pais, ao passo que os casamentos de fachada são vistos de maneira negativa em virtude de possíveis consequências para as pessoas envolvidas, como as esposas e os/as filhos/as.

A maior parte das personagens envolvidos nessas tramas e relatos aparecem chorando. Alguns usuários aparecem revoltados por terem que “implorar aceitação” ou “aceitar broncas” por serem homossexuais. Os motivos de chateação elencados foram, por exemplo: 1) quebrar o sonho geracional dos pais e das mães sobre o casamento dos/as filhos/as e o nascimento dos/as netos/as; 2) a importância da aceitação e legitimação da comunidade em que se vive, envolvendo a opinião de outras pessoas que não apenas a dos pais e filhos; 3) a preocupação quanto a violência e o preconceito sabidamente sofridos no contexto brasileiro e que aparece como uma preocupação comum às diferentes gerações.

Quero dizer com isso que é preciso levar em consideração que a centralidade na saída do armário para as manas prova, para eles, a honestidade do sujeito, mas continua permeado por fantasias e expectativas. Para esses jovens a sexualidade não é exclusivamente uma orientação do desejo senão o próprio exercício de suas subjetividades, amparado em laços de solidariedade e apoio emocional – diferentemente da solidão e do isolamento que caracterizava a vida das gerações anteriores de homossexuais.

Emergem, ainda, horizontes de aspiração sobre o que entendem por amor e relacionamentos afetivos, os quais ficam mais evidentes na próxima subseção, que são dependentes de um contexto off-line específico e midiaticamente alimentado

pelos relatos de experiências de vida desses/as jovens. Alguns pesquisadores percebem este exercício da subjetividade como o componente funcional do que chamam de “identidade gay”, algo que nesta pesquisa visou articular a partir da conexão de processos históricos com os processos subjetivos acerca do desejo homossexual. Segundo Hocquenghem (2009, p.71), “o mundo social explora o desejo homossexual como nenhum outro, convertendo a força libidinal em sistema de representação”. Assim,

podemos pensar a identidade como um efeito decorrente de um circuito de interpelações e de reconhecimento alimentado por um conjunto de convenções (nesse caso, sobre o gênero) que organiza uma economia social e que posiciona os sujeitos em relação ao Outro (PADILHA, 2014, p.113).

O posicionamento deliberado – ou sonhado – por estes jovens de serem reconhecidas enquanto “bichas bichérrimas” tornou-se possível pelo desenvolvimento das redes on-line e consolida ideais individualistas na medida em que esperam tomar o controle de suas vidas afetivas, mesmo desapontando seus familiares e amigos/as. Este processo individualista refere-se também às reconfigurações de práticas sobre trabalho e lazer da sociedade brasileira, associado diretamente ao desenvolvimento das cadeias produtivas capitalistas cuja via de exercício da individualidade acontece pelo mercado e pelo consumo. Ser parte desta comunidade on-line imaginada não conflita com o individualismo contemporâneo, pelo contrário, ela pode funcionar como reforço das identificações individuais que devem ser compartilhadas apenas com quem é individualmente “autêntico e verdadeiro” como eles/as.

Sair do armário, nesse contexto, é um dos elementos valorizados pela comunidade imaginada do BIV, evidentes em frases como “nós LGBT’s” ou “nossa geração”. Esse posicionamento, como explicado por Padilha, os posiciona como jovens não-heterossexuais, mas evidencia que reconhecem suas diferenças, seja em relação à “outra geração” ou em relação aos/às “heterossexuais”. Em outras palavras, sair do armário para as manas é viver sua própria autenticidade, considerada por elas como ponto fundamental para alcançar uma vida habitável.

5.2 Os ideais afetivos das masculinidades das manas

A próxima turnê selecionada para análise narra acontecimentos românticos e dramáticos da vida de Breno, mas foi seu amigo Artur quem fotografou a imagem da tela de seu *smartphone* contendo as mensagens trocadas com Breno e as publicou no BIV, requisitando ajuda das manas. Nessa imagem aparece uma ligação perdida de Breno para Artur que, por mensagem de texto, informa que não pode falar por áudio, ainda assim o amigo insiste dizendo que é uma conversa séria e Artur pede que ele digite ao invés de falar.

A narrativa desta turnê acontece a partir de Artur que pede às manas do BIV que o ajudem a aconselhar Breno sobre seu relacionamento amoroso. Segundo Artur, o amigo namora a distância há 1 ano com um “Boy”, ao qual se refere a todo momento como “embuste” – a maior desqualificação a alguém nesse contexto, transparecendo sua total desaprovação com o relacionamento do amigo. Breno é caracterizado como um jovem que paga sozinho o aluguel de seu apartamento, embora tenha sido demitido e, por isso, não teria mais dinheiro para gastar com o aluguel e as viagens para encontrar o namorado; mesmo assim vendeu um celular antigo e viajou ao encontro de Boy. Tudo corria bem até que Breno encontrou três camisinhas que não haviam sido usadas com ele, enquanto limpava sozinho o apartamento do namorado e, desconfiado de uma traição, perguntava a Artur sobre como agir.

Essas são as informações originais da publicação, mas o autor a editou espaçadamente durante seis dias. Os comentários iniciais, nas primeiras 24 horas, serviram para ranquear a publicação, aumentando seu potencial de aparecer organicamente na linha do tempo de outras pessoas e apontam para o interesse das pessoas em saber o desfecho da história: é habitual que estes primeiros comentários sejam apenas a palavra “atenta”, um bordão cuja função é fazer o Facebook notificar o perfil de quem comentou quando surgem novos comentários, facilitando que as manas revisitem a turnê e acompanhem o desenrolar de seu desfecho. Apesar do bordão padronizado e largamente repetido, existem entonações diferentes para a palavra “atenta”. Por diferentes *memes* podemos captar algumas preferências dos/as autores/as e perceber os múltiplos sentidos de

humor que adquirem no contexto da *tour*, funcionando como expressões digitalizadas.

Na figura abaixo selecionei cinco *memes* que evidenciam, por exemplo, a entonação humorística das diferentes formas de utilizar a palavra “atenta”. O humor depende da interpretação do leitor, ou seja, a mensagem contida na junção imagem-texto possui referência contextual e para entender os códigos acionados nos *memes* deve-se considerar que as imagens utilizadas não são aleatórias. Decodificarei os cinco *memes* abaixo a fim de exemplificar esse processo que aconteceu a todo momento enquanto analisava as turnês, ainda que apresentar a decodificação de todos os outros com os quais tive contato fugiria aos objetivos dessa dissertação.

Figura 4 – Imagens (memes) que enunciam atenção



Fonte: Grupo BIV no Facebook.

Agrupei estes *memes* acima porque todos acionam o “humor” e possuem a mesma mensagem: o/a autor/a do comentário está atenta/o acompanhando as atualizações da publicação. Por exemplo, o código de humor sobre o *meme* em que

aparece a ex-Presidenta da República Dilma Rousseff é a posição de seus braços que formam a letra T e complementam a palavra atenta. As imagens da cantora Gretchen e do cachorro em cima da árvore contém palavras em inglês, cuja graça está na mistura “proibida” de idiomas, bem como na expressão facial da cantora e corporal do cachorro. Na figura em que Mônica, uma famosa personagem de histórias em quadrinho infantil, aparece sentada em um computador *desktop* com a palavra “caralho”, o humor reside no contraste entre a imagem infantil de Mônica com a palavra tida como obscena e imprópria para crianças. Por fim, no *meme* “atenta e camuflada” a graça dá-se pela ironia entre o sigilo que pressupõe a palavra “camuflada” e o fato de conseguirmos enxergar uma pessoa escondida entre as plantas.

O bordão “atenta” e as variadas entonações que se criam com ele aparecem em todas as turnês analisadas nesta dissertação, correspondendo quase sempre aos momentos iniciais das *tours* em que não há muita informação disponível sobre a resolução do desfecho da história. Misturadas aos comentários dessa massa de pessoas atentas, emergiram respostas à pergunta feita por Artur sobre como ajudar um amigo que está certo da traição por parte de seu namorado. Alguns disseram que Breno deveria arrumar suas malas, voltar para sua cidade e bloquear para sempre as formas de contato com o Boy. Estes foram os primeiros respondidos por Artur, que editou a turnê afirmando que voltar não seria opção para Breno porque a passagem já estava paga e agendada, recebendo tréplicas que informavam diferentes formas de conseguir a troca das passagens.

Outros diziam-se tristes por Breno e se identificavam com a história relembando suas próprias tragédias amorosas. Começa a enunciar-se a figura do “Trouxa”, aquele que é enganado pelos parceiros amorosos e submetem-se às mentiras para continuar o relacionamento. Neste ponto os usuários têm piedade de Breno e antipatizam com Boy, considerado um mentiroso ardiloso (embuste). Por isso surgem também roteiros ficcionais sobre as possíveis reações que Breno teria como: 1) roubar e vender a televisão de Boy para financiar sua passagem de volta; 2) fazer alguma comida com as camisinhas escondidas para que o namorado as encontre depois de engolida algumas garfadas; 3) transar com diversos homens no mesmo dia para retribuir a traição; ou 4) esfaquear o namorado.

Apesar da variedade de situações fantasiosas pensadas por esses jovens, é visível que seus repertórios para se expressar dentro da rede advém de seus contextos midiáticos, cujas referências para resoluções de conflitos são baseadas em enredos dramáticos similares aos roteiros de filmes e seriados. Até brincam que alguns comentários poderiam ser roteirizados pela empresa de vídeos sob demanda Netflix. Esses comentários, além de fazerem a turnê circular entre mais perfis, produzem interações efêmeras entre os/as membros/as que podem, ainda, comentar os comentários, ampliando as possibilidades de contribuições dos/as usuários/as. Nessas cenas, as sugestões dadas a Breno se constroem a partir de repertórios de vingança seguido do bloqueio do ex-namorado, evitando quaisquer contatos on-line futuros.

A maneira como estes jovens utilizam as possibilidades das comunicações on-line serve para entretê-los enquanto o desfecho não aparece. Sendo assim, o BIV é uma comunidade on-line imaginada cuja função é ocupar um espaço de lazer nos cotidianos desses jovens e, por isso, os administradores do grupo empenharam-se em proibir publicações que não cumpram os requisitos exigidos de que as turnês sejam engraçadas e retratem assuntos do cotidiano, como este da suposta traição do namorado de Breno que, apesar de triste para ele, é narrada humoristicamente por Artur quando, por exemplo, chama o amigo de “chifrudo.mp3”.

Eis que Artur surge com atualizações e informa que Breno vai a uma “social” na casa do melhor amigo de Boy e fará a “frozen”, ou seja, controlará suas emoções friamente sem falar nada sobre o ocorrido com o namorado. *Fronzen – Uma Aventura Congelante* é uma animação infantil estadunidense de 2013 que fez muito sucesso no país e conta a história de Elsa, uma princesa que possui poderes mágicos que criam gelo e neve. Nesse sentido, Breno “fez a frozen” porque não permitiu que no calor das emoções – com o “sangue quente” – fizesse algum tipo de escândalo que estragasse sua vingança e, por isso, foi comparado ao coração gelado de Elsa. Breno planejava “dar o bote” no melhor amigo de Boy, ou seja, flertar para se vingar, antes de conversar.

Até este momento Breno era visto com piedade pelos usuários, mas ao descobrirem que a vingança a qual ele planeja não é estourar o limite do cartão de

crédito de Boy ou destruir os móveis de sua casa, recaiu a Breno o julgamento da comunidade de que ele passou dos limites. Ao que parece, para alguns espectadores, flertar com o melhor amigo do namorado é uma infração mais grave do que “passar a faca nessa fudida”. Este último é outro chavão (*meme*) utilizado, cujas primeiras aparições em minha amostra datam de 2015, quando o BIV não possuía mais que 20 mil membros/as. A protagonista “original” deste *meme* é, novamente, Mônica e a graça de utilizá-la está em fundir palavras e frases de adultos na personagem infantil, misturando uma imagem fofa com uma frase agressiva. A figura abaixo mostra outras entonações da mesma mensagem.

Figura 5 – Memes cujos sentidos são de agressão.



Fonte: Grupo BIV no Facebook.

Os espectadores recebem atualizações de Artur confirmando que Breno flertou a noite toda com o “bff” (melhor amigo) de Boy e conseguiu deixá-lo nervoso. Mesmo assim, o casal esperou a “social” acabar e conversaram sobre o ocorrido dentro do apartamento de Boy. Segundo Artur, que desaprova o desfecho da história de seu amigo, o casal discutiu primeiro sobre o flerte entre Breno e o *bff*, cuja resposta foi mandá-lo olhar no lixo, onde havia deixado as camisinhas usadas. Boy confirma a traição e revela o nome do amante e, por isso, Breno rompe com

ele. Para se redimir, promete mudar e pede que permaneçam juntos para reconstruírem sua história de amor, atitude que Artur denuncia como mentirosa e acredita que o namorado de seu amigo é um “palhaço”. Agora, resta a Breno decidir se abandona seu namoro de um ano devido à traição ou se aceita a nova proposta de amor. Artur acredita que Breno engolirá seus sentimentos sobre a traição e aceitará continuar seu romance com Boy e, condenando sua decisão, pede a todos/as “paciência”.

Esta antecipação feita por Artur causou tamanha decepção que, a partir desse momento, aparecem comentários acusando Breno também de ser um embuste porque não tem “amor próprio” e, de muitas maneiras, discordam do retorno do casal – inclusive em ironias como a de que “namoro a distância é ruim para os 4”, pressupondo que é explícito o envolvimento de cada um do casal com amantes em suas cidades. Não parece ser o caso de Breno até onde sabemos, mas foi o suficiente para emergir o coro denunciando o “papel de trouxa” que Breno interpretou. Artur voltou depois de 3 dias reafirmando que o casal segue namorando, mas nessa edição dedica suas palavras a defender o amigo dos ataques de alguns perfis. Segundo ele, Breno perdeu o pai há pouco tempo e o mesmo não se encontra em “condições psicológicas” de terminar seu relacionamento e finaliza afirmando que preferiu contar o que realmente aconteceu do que criar uma *fanfic* para agradar ou enganar os/as leitores/as.

Independente da fidedignidade entre a projeção da história narrada por Artur e os acontecimentos off-line; a *tour*, seus comentários e suas edições fornecem um ambiente on-line disponível para esses jovens criarem seus relatos de experiência, que são valorizados porque a troca de experiência é a característica de ajuda mútua desse ambiente. É possível deduzir que estes jovens passem algumas horas por dia conectados e percebem o BIV como um ambiente interativo de informações constantes, contudo efêmeras. Após seis dias ninguém mais perguntou por Breno e outras turnês continuaram aparecendo e acabando.

Dentro da amostra, poucos foram os comentários que sugeriam que Breno conversasse com Boy e o indagasse sobre a possível traição. A maior quantidade deles começaram com delírios tentando adivinhar o que Breno faria e, quando descobriram que voltou com o embuste, Breno perdeu progressivamente a simpatia

do público. Nessa *tour*, que por vezes pareceu um julgamento, o debate foi guiado por ideais do amor romântico tradicional, cujo resultado após uma traição – ou seja, a quebra do acordo monogâmico estabelecido pelo namoro – deve ser o término. Contudo, são perceptíveis algumas mudanças acerca desses ideais adaptados ao contexto brasileiro contemporâneo como, por exemplo, a naturalidade para estes usuários de que Breno e Boy namorem a distância. Para que não haja traição, segundo os comentários, é preciso combinar com o/a parceiro/a antes de se envolver afetiva ou sexualmente com alguém para construírem o que chamam de “relacionamento aberto”, aquele em que é permitido ao casal sair com outras pessoas. A maioria, contudo, deseja parceiros/as exclusivos/as, mas é necessário ter amor próprio, sendo melhor estar solteiro/a do que se relacionar com um embuste. Aparece, por fim, o formato de sexo “apenas casual” como uma possibilidade de manter-se solteiro/a e sexualmente ativo/a. Independente do formato, é necessário não fazer “papel de trouxa” ou, com um adjetivo que perpassa gerações, não ser “chifrudo/a”.

Nesse sentido, as dinâmicas de gênero, sexualidade e masculinidade não podem ser isoladas dos ideais afetivos que esses jovens acionam. O que chamam de “amor” é uma forma cultural de afeto na qual depositam muitas expectativas e pudemos perceber a ampliação de seus formatos. Outra ruptura com o ideal romântico tradicional reside na requisição de maior individualidade entre o casal porque é necessário, antes de tudo, “amor próprio” (algo individual), seja em relacionamentos monogâmicos ou abertos.

O amor próprio aparece como uma ferramenta de combate à figura do Embuste, largamente representada nessa amostra, sendo sua prova a preferência por ficarem solteiros/as ao invés de fazerem “papel de trouxa”. A figura do/a “solteiro/a” não carrega apenas aspectos negativos, embora não seja exatamente positiva, e aparece como um horizonte de aspiração para os/as que não aceitam a quebra da exclusividade sexual do/a parceiro/a. Além disso, a mesma figura do Embuste é apontada tanto pelos garotos homossexuais quanto pelas garotas heterossexuais e, sob mesmo inimigo, compartilham momentos de sociabilidade e identificação. É na centralidade do afeto dessas masculinidades das manas que aparece a intersecção entre essas identificações entre as “gays” e as “héteras”.

As mídias digitais são comumente utilizadas para suprir a distância geográfica entre os envolvidos, seja possibilitando a Breno o seu namoro ou a ajuda de Artur e, por conseguinte, a de mais de 8 mil pessoas do BIV. Houveram usuários que recriminaram Artur pela exposição de seu amigo, que se justificou dizendo que estava repassando as informações a Breno, sem mencionar quaisquer atritos entre eles por esse motivo.

A *tour* – essa reunião on-line para opinar, fantasiar e acompanhar o relato de Artur – rearranja o que nos anos pré-1990 representou a sala da TV como um espaço de reunião familiar das classes populares e médias enquanto assistiam ao Jornal Nacional e à novela das 21h. Com as possibilidades da internet e do Facebook, estes jovens interagem em rede na turnê, sem a necessidade da co-presença entre os/as participantes. A *tour* é, ainda, um ambiente propício para fofocas, suposições, investigações e julgamentos, atitudes presentes na sociedade brasileira, principalmente em cidades de pequeno e médio porte em que moradores/as ficam nas calçadas observando e comentando a vida dos outros na vizinhança.

Enquanto na *tour* anterior Vitor buscou compartilhar com seus pais seu desejo por outros homens para que se sentisse “100%” ele; aqui, as personagens Breno e Boy aparecem como namorados e financeiramente independentes, cujo conflito reside na quebra do acordo monogâmico por Boy, sem mencionar quaisquer problemas com a família ou trabalho. Ainda que não fique evidente quais regulações de visibilidade vivenciem, é possível presumir que um namoro a distância (500km) seja facilmente negociado sem confrontar as expectativas culturais, familiares e do trabalho caso sejam “discretos”. Pelo relato é perceptível que estes homens possuem redes próximas de amigos que compartilham a orientação do desejo por outros homens publicamente, embora não sejam evidentes as maneiras pelas quais regulam esse desejo nas esferas do trabalho e da família.

5.3 O conto erótico da geladeira

A terceira turnê analisada é um dia na vida de Saulo, um jovem do sudeste funcionário do comércio que desconfia que Nelson, o prestador de serviço de onde

trabalha, esteja trocando olhares com ele e narra ao grupo sua tentativa de transar. Não é a primeira vez que eles se encontram, afinal, Nelson sempre conserta os equipamentos da loja e precisaram de seus serviços para pintar uma geladeira e, dessa vez, estarão sozinhos. Pedindo por opiniões, Saulo assume que gostaria que Nelson “sentasse em sua cara”, mas não consegue pensar maneiras para realizar seu desejo.

Figura 6 - Memes que indicam interesse dos/as usuários/as em acompanhar a tour



Fonte: Grupo BIV

A partir deste cenário, as manas comentam estarem “atenta” e pedem pelo “desfecho”, evidentes na figura acima e que constitui um certo padrão de sociabilidade que indica tanto a quantidade de audiência da publicação quanto a demanda por maiores detalhes sobre a história. Saulo começa comentando a publicação, porém um dos membros o ensina a maneira “correta” de contar o desfecho, o qual deve constar na publicação original para não se perder em meio aos comentários. Além disso, o mesmo ensina que Saulo deveria publicar alguma

foto do rapaz quando ele chegasse e a disponibilizasse a partir de um *hiperlink* público e externo ao Facebook, o que o autor acata. Primeiro informa o momento em que o técnico chegou na loja e depois inclui uma foto de Nelson virado de costas, em cima de uma cadeira, com a bermuda larga e uma parte da cueca aparecendo, fornecendo um corpo para os/as usuários/as imaginarem a história. Saulo informa que Nelson pediu que segurasse a cadeira na qual se apoiava, o que fez com que ficassem muito próximos.

Passado algum tempo ele acrescenta outra foto, mas agora da geladeira finalizada. Conta por texto que continua observando as insinuações de Nelson e, por isso, perguntou a ele se havia almoçado, pois havia comida para oferecer. Nesse momento, Saulo recebe críticas de alguns usuários que demonstram interesse apenas na parte sexual do conto e pedem mais fotos de Nelson, ao invés de notícias da geladeira. As sugestões dadas pelas manas para que se consumasse o encontro sexual, assim como na turnê analisada na subseção anterior, acionam um roteiro fantasioso e ficcional inspirado em produtos culturais que possuem contato, neste caso o de produtos pornográficos.

Segundo os usuários, Saulo deveria chamar Nelson para sua casa e quando chegassem deveria encontrar uma maneira de ficar nu, por isso tomar banho enquanto Nelson estivesse presente em sua casa apareceu repetidamente. De variadas formas utilizam uma piada sobre pintores que poderia ser resumida pelo trocadilho “você pinta como eu pinto?” que, na língua falada, ganha conotação sexual porque a grafia do verbo pintar na primeira pessoa do singular e no presente do indicativo – (eu) pinto – é idêntica à da palavra popular para referir-se ao pênis. Outro usuário sugere que Saulo coloque a mão em seu próprio pênis várias vezes durante a conversa, afirmando ser um sinal para que Nelson entenda suas intenções sexuais e, caso a técnica funcione, o autor poderia abaixar as calças do técnico e fazer sexo oral. A diferença entre sexo penetrativo (foda) e oral (mamada) foi acentuada pelos usuários, sendo a segunda uma modalidade sugerida como forma de sexo rápido e impessoal que, segundo as recomendações, era o mais adequado para a situação.

Depois de um tempo, Saulo retorna com mais uma foto do técnico de costas, sentado e mexendo no celular em que é possível enxergar o aplicativo Whatsapp

aberto, mas não o conteúdo de sua conversa. No almoço conversaram sobre coisas triviais e o autor inventa que tem interesse em pintar a geladeira de sua casa e pergunta se Nelson pode fazer um orçamento para ele, o qual responde positivamente e informa que Saulo era seu último cliente do dia. Ele pede que o pintor espere o fim do seu turno no estabelecimento para que passem em sua casa e pintem sua geladeira. Contudo, o autor reaparece informando que está temeroso com a proposta feita a Saulo porque sua geladeira é nova e não tem intenção alguma de pintá-la, afinal seu interesse é no “boy”. Pedindo por socorro, informa que fechará a loja e que precisa de sugestões das manas sobre maneiras para realizar seu desejo. Na oitava edição, após 3 horas da publicação original, avisa que chegou em casa com refrigerante e comidas de padaria para servir a Nelson. Seu plano é falar que o técnico pode ficar à vontade enquanto avalia sua geladeira e que espere nesse ínterim enquanto toma banho.

Com essas informações, os espectadores criam expectativas coletivas de que o conto erótico da geladeira, como alguns o chamaram, terá o desfecho que esperam. Foram seis horas de espera até a revelação do desfecho, apelidado de “Edit9”, pois segue a mesma cronologia das edições que o autor fez na publicação. Mesmo sabendo que o sumiço de Saulo fosse a indicação do provável sucesso de sua aventura, os comentários apontam o desespero da plateia que implorava por seu reaparecimento.

Foram apontados dois cenários possíveis pelas manas: um de que a demora era oriunda do “sexo selvagem”, sendo Saulo imaginado majoritariamente como o passivo (anal receptivo) e Nelson como o ativo (anal insertivo); e outro de que o autor estava correndo perigo ou foi vítima de algum crime, estando as manas como testemunhas para mobilizarem uma denúncia se fosse o caso. Sobre este último, um dos comentários indica que outras histórias de encontros entre desconhecidos foram relatadas no BIV, mas nunca presenciou nenhuma *tour* cujo desfecho tenha terminado em crime. Misturadas às piadas e fantasias sobre a transa entre os dois, haviam preocupações sobre os contextos de violência, como tentativa de sequestro e tráfico de órgãos, e seus desfechos apontavam para situações de Horror, as quais provaram-se falsas em relação ao desfecho original.

Independente do cenário, a quantidade de interações na publicação era suficiente para que o Facebook favorecesse sua circulação naquele dia. Em 8 horas pelo menos 6 mil perfis acompanhavam a *tour* de Saulo e, quando voltou, confirmou que atendeu Nelson e disse que tomaria um banho rápido. Apesar de aflito quando acabou o banho, criou coragem para sair com a toalha enrolada na cintura e falar com Nelson na sala. Lá encontra o rapaz sentado no sofá, com o controle da televisão na mão, descalço e não conseguiu disfarçar sua excitação de que seu plano estava dando certo. Quando disse que colocaria uma roupa, Nelson explicita suas intenções sexuais perguntando se Saulo tem certeza que precisa se vestir, o qual consente com um sorriso e transam no quarto. O único detalhe erótico aparece na piada que faz sobre a dificuldade de Nelson em penetrar Saulo, por ser menor.

Depois, o técnico foi embora e se despediu com um “até logo”, o que deixou o autor em dúvida sobre a possibilidade de transarem novamente. Quando foi pegar seu *smartphone* para contar às manas todos os acontecimentos, ele não conseguiu utilizá-lo devido a quantidade de comentários que estavam fazendo na publicação e que travaram o processamento de seu aparelho. Por isso precisou ligar seu computador e informou que mesmo não conseguindo ler todos os comentários, queria dizer que havia compensado o medo que sentiu de flertar com Nelson porque “tomou a iniciativa” e realizou seu desejo, sendo merecedor de sua conquista. Poucos minutos depois lançou um “Edit Bonus” com uma foto do boné esquecido por Nelson e que serviria de desculpa para que se encontrassem novamente.

Mesmo com o desfecho revelado, os/as usuários/as pediam por maiores detalhes sobre a relação sexual e fizeram Saulo voltar pela última vez para responder às “reclamações”, justificando que não contará todos os detalhes porque sua intenção não era criar um conto erótico, ainda que esse fosse o assunto de maior interesse dos/as espectadores/as. Para ele o sexo havia sido uma “delícia” porque Nelson era “incansável” com seu pênis tamanho “M quase G” e, independentemente da tensão inicial, tudo foi considerado “incrível”. No começo ele estava se achando “doido” por tê-lo convidado para almoçar com intenções sexuais, mas depois de realizar sua fantasia se considera uma pessoa “normal”, sem sentimentos de culpa ou moralidade por ter consumado um sexo rápido e sem compromisso. A partir de uma piada com o verbo “dar” feita pelo autor, revela-se

que Saulo foi passivo nesta transa assim como os espectadores haviam pressuposto. Finaliza dizendo que adorou passar o dia nessa interação com as manas e que riu muito dos comentários “maravilhosos” que recebeu. Publica uma última foto em que aparece ao lado de uma geladeira branca, diferente da que apareceu nas fotos da loja, e assim o fez porque o importante para ele nesse desfecho foi que sua geladeira continuava branca e não teve de pintá-la, situação que aconteceria caso Nelson não correspondesse aos seus flertes.

Ao final, os espectadores estavam convencidos de que aquela foi a melhor *tour* do dia e ovacionavam a efêmera obra criada com notas de 0 a 10, assim como jurados de concursos de talentos. A maior parte era grafada como “10/10” que significa que a *tour* merece a pontuação máxima de 10 pontos, outros deram “7/10”, “4/10” porque faltou detalhes. As qualidades elencadas sobre a aprovação da *tour* pelos espectadores foi de que houve boa condução da história pelo autor, com as informações necessárias e que traduziu a “essência” do BIV: um relato do cotidiano engraçado e com um final feliz.

Para entender os critérios de avaliação desses jovens sobre os por quês do sucesso da *tour*, precisamos avaliar o contexto temporal em que ela se insere no grupo como um todo. No primeiro semestre de 2017, época da publicação, o grupo estava crescendo rapidamente saltando de 80 mil para mais de 400 mil pessoas e, devido a isso, os usuários novos eram acusados de “descaracterizarem” a sociabilidade do grupo por não lerem as regras da comunidade. Acontece que o BIV estava ficando cada vez mais conhecido, mesmo sendo secreto, e assim que um/a usuário/a entrava e se identificava com as *tours*, convidava sua própria rede de amigos para que pudessem acompanhá-las. Neste caso, Saulo começa expondo o desfecho na caixa de comentários e um usuário, como dito acima, o ensina como deveria fazer e quais sites usar para disponibilizar as imagens. Mesmo tendo aprendido as regras enquanto escrevia a *tour*, um moderador a considerou “fraca” e “repetida”, além de dizer que Saulo era “feio” e que não era obrigado a vê-lo na sua linha do tempo. Após 16 horas desde sua criação, um moderador raivoso foi o suficiente para impossibilitar novos comentários na publicação, acabando com a sociabilidade de mais de 8 mil jovens que se engajaram nessa turnê.

Analisando os comentários percebi que Mateus, um usuário, acompanhou a *tour* o dia todo e fez 12 comentários sobre ela. Ele é da mesma cidade de Saulo e não se conheciam, mas sugeriu que se encontrassem em outro momento, proposta que o autor não respondeu. Depois sugeriu ao autor que oferecesse a Nelson para tomar banho em sua casa, ainda quando a *tour* acontecia na loja. Com o sumiço de Saulo e a lacuna de 6 horas entre o “Edit8” e o desfecho da transa do “Edit9”, Mateus comentou diversas vezes seu retorno à publicação que ainda não havia sido atualizada. No fim da tarde disse que iria lavar a louça até Saulo reaparecer, voltou e comentou que faziam 2 horas desde o sumiço e que não aguentava mais esperar pelo desfecho, embora tenha voltado para demonstrar preocupação, junto a outros/as membros, de que o autor estivesse em perigo ou morto. Quando o “Edit9” foi escrito, Mateus ficou satisfeito com seu desfecho e brincou que já estava ligando para a polícia, além de marcar outro amigo da mesma cidade para que recebesse uma notificação no seu perfil pessoal do Facebook e acompanhasse o conto da geladeira.

Me refiro a este usuário para demonstrar como é possível acompanhar e interagir com a *turnê*, podendo voltar a ela para saber de suas novidades. Enquanto não havia o “Edit9”, Mateus interagiu com comentários de outras pessoas e se preocupou com Saulo quando outros/as usuários/as começaram a levantar a hipótese de que estivesse em perigo. Não foi apenas Mateus quem identificou a cidade da qual o autor escrevia, o que rendeu uma série de paqueras por outras manas. Um deles dizia ter descoberto o motivo pelo qual Saulo nunca ficou com ele, pois era alto, enquanto Nelson foi elogiado por ser “baixinho”. Outro escreveu “ciúmes do crush”, indicando que o usuário tinha interesse em Saulo e acompanhava a *turnê* em que o mesmo pretendia transar com outro rapaz. Ou seja, por mais que o autor não conhecesse as mais de 8 mil pessoas que interagiram com sua publicação, havia alguns que ele já conhecia ou estavam geograficamente próximos a ele. Mesmo não conseguindo estabelecer quais consequências off-line o conto da geladeira possa ter trazido à Saulo, é possível deduzir que algumas pessoas que o conheciam estavam presentes e, por isso, estava exposto aos julgamentos e possíveis fofocas que se disseminariam para fora do grupo, e isso

pode fazer de Saulo, por exemplo, um garoto popular, libertino ou um “crush” (pretendente), a depender da forma como a história seja contada.

Nos comentários apareceram alguns lugares off-line em que os/as usuários/as estavam quando leram a turnê, como: na fila do metrô, no corredor da universidade ou nas suas casas enquanto estudavam, sendo as duas últimas esferas que conectam a vida desses perfis ao ensino superior e aos estudos, por isso a dedução de que possuem alto grau de escolaridade seja consistente.

Ainda que alguns dissessem que o conto erótico teve muito pouco erotismo, pode-se perceber que acessam conteúdos pornográficos com frequência e pediram fotos nuas dos envolvidos ou vídeos da transa. Sobre esses comentários, apareceram 3 usuários que sugeriram que a empresa brasileira de filmes pornográficos gays Mundo Mais fizesse uma adaptação da *tour*, mas também 2 comentários inventaram nomes que dariam a uma possível “sextape” como “comprei_geladeira_e_técnico_me_botou_pra_mamar” que, na fantasia, estariam disponíveis no site de pornografia gratuita Xvideos. Essa adaptação é possível porque esta turnê flerta com o fetiche de alguns por figuras masculinas cujos trabalhos acontecem dentro de casa como o dos técnicos de telecomunicações, pedreiros, entregadores de pizza, encanadores e etc. Na pornografia, como evidenciam os usuários, estas figuras viris são utilizadas como contexto para um sexo casual e a *tour* excitou a plateia que declarava repetidamente que ficou de “pau duro” enquanto a liam. Um dos usuários afirma que as informações de Saulo foram suficientes para que imaginasse um bom “pornoção”. Apresento algumas imagens utilizadas na turnê cuja mensagem é claramente sexual, mas que, por estarem codificadas, não caem no filtro automático de pornografia do Facebook.

Figura 7 – Memes com conotações sexuais da tour analisada



Fonte: Grupo BIV.

Essas imagens podem ser entendidas como uma maneira de fazer circular conteúdos pornográficos sem que isso afronte diretamente as regras de conduta do Facebook, afinal, não há imagens explicitamente pornográficas, mesmo que as interpretações das mesmas sejam de cunho sexual. Ainda que as plataformas digitais desenvolvam diferentes maneiras de banir esse tipo de conteúdo, os usuários encontram meios de driblá-los justamente porque são produtos dos quais têm contato e possuem interesse. Este argumento corrobora ao argumento geral

da pesquisadora Adriana Piscitelli (2005, p.281) que vê a internet como uma ferramenta na constituição e fortificação do “mercado transnacional do sexo”, ainda que a pesquisa da autora seja sobre os deslocamentos na geografia mundial do turismo sexual de mulheres. A pornografia é, portanto, algo presente em maior ou menor grau na vida desses jovens, sendo plausível deduzir que uma porção deles têm contato com ela rotineiramente, visto a popularidade de grupos de Facebook dedicados a publicarem exclusivamente as próprias fotos pessoais de nudez e que participantes do BIV também são membros. Por isso gravar ou fotografar a própria transa faz parte do imaginário sexual desses jovens que são munidos de repertórios midiáticos e técnicas de enquadramento da indústria pornográfica, mas agora com personagens “reais” e do “cotidiano”. No BIV, os conteúdos audiovisuais de sexo explícito são proibidos e, mesmo assim, esses jovens escrevem o tempo todo sobre sexo, caracterizado como parte fundamental de suas vidas e masculinidades.

5.4 Teu ex é meu pai: uma tour sobre geração e masculinidade

*“Na conquista, uma arma mais poderosa que a pólvora – a emoção.”
(Cartaz na parede da TV Globo na década de 1980 sobre o sucesso de suas
novelas na China).²⁷*

Davi é um jovem universitário que mora numa cidade de médio porte do interior do Sudeste e narra a história de como conheceu Pedro, o filho do seu ex-namorado. Eles trocaram mensagens pela primeira vez naquele dia em um aplicativo de busca de parceiros e, quando conversavam sobre antigos namorados, Pedro se interessa em saber mais informações sobre Francisco, um homem de 47 anos. Segundo as mensagens trocadas entre os dois e publicadas pelo autor, para aumentar sua veracidade, podemos ler Pedro pedindo para que Davi confirmasse algumas características de Francisco como sobrenome, marca e cor de seu carro, o corte de sua barba e uma tatuagem nas costas. Ao confirmar todas as respostas ambos descobrem que Francisco é o pai de Pedro, além de ex-namorado de Davi, que se diz chocado com as informações e expõe a história no BIV com menos de 10 minutos em relação ao horário exibido nas mensagens trocadas.

²⁷ ELIAS, Maria de Fátima Faila. O Adolescente diante da telenovela. *Comunicação e Educação*, São Paulo, n.11, pp.35-47, jan-abr, 1998.

A partir desse momento a *tour* recebe comentários de “atenta” e “desfecho” que pediam por mais informações sobre a continuação da conversa. Davi havia acompanhado outras turnês e conhecia as regras da comunidade, por isso sabia que informações adicionais deveriam aparecer dentro da publicação original e não nos comentários, diferente de Saulo da subseção anterior. Assim, respondeu aos espectadores que o assunto era delicado porque Francisco estava divorciado da mãe de Pedro há mais de 10 anos – a qual ficou com a guarda dos filhos – e Pedro desconfiava que seu pai era gay, embora nunca tivesse “assumido” isso a ele. Davi, por outro lado, nunca soube que ele tivesse filhos e percebeu que esse poderia ter sido o motivo da preocupação de Francisco em aparecer em público com ele.

Figura 8 – Diferentes entonações do meme "atenta"



Fonte: Grupo BIV

Pedro, no entanto, não estava satisfeito em ter descoberto o segredo de seu pai e precisava de uma motivação para que esta conversa surgisse com Francisco. Seu plano foi convidar Davi no dia seguinte para um jantar, que aceitou, e apresentá-lo como seu namorado para observarem a reação de seu pai. Apesar disso, Pedro afirmou que tudo não passaria de uma brincadeira e que, na verdade, eles não estavam namorando e nem poderiam ser amigos depois que tudo fosse revelado porque não acreditava que pudesse namorar alguém que já namorou seu pai. A função de Davi no jantar era que sua presença mobilizasse uma conversa entre pai e filho sobre os segredos de suas sexualidades. Agora, as manas esperariam até a noite do dia seguinte para descobrirem a continuação da *tour* apelidada de “teu ex é meu pai”, que durante esse tempo foi exibida para pelo menos 15 mil pessoas.

No outro dia, Davi reaparece perto do horário combinado informando que iria para o jantar de carro com Pedro e, mesmo nervoso, atualizaria a publicação. Ele disponibiliza duas imagens onde é possível ler o conteúdo das mensagens trocadas entre eles e a diferença de horário entre a mensagem “cheguei”, de Pedro, e a publicação da *tour* é de 3 minutos. Depois de 45 minutos, o autor atualiza os/as espectadores/as dizendo que chegou e cumprimentou Francisco que não conseguiu esconder sua cara de surpresa, para satisfação de Davi, contudo se cumprimentaram como se não se conhecessem. No momento em que pai e filho estavam na cozinha guardando as bebidas e conversando, Davi escrevia para as manas e percebeu que haviam quatro pratos na mesa do jantar, ao invés de três, e não sabia se mais alguém se juntaria a eles. Para provar sua história, anexou uma foto onde é possível ver uma mesa de 6 lugares, os talheres, os pratos e, ao fundo, uma pequena sala com uma TV LED e dois sofás.

Não demorou mais que uma hora para que Davi nos contasse que o quarto convidado era Gustavo, o noivo de Francisco, que seria apresentado a Pedro no mesmo dia em que revelaria ao filho o segredo de seu desejo. Apesar do ciúme sentido por Davi, conta que a declaração do pai foi um momento bonito em que anunciou seu amor incondicional ao filho pelo que “ele é” – “homossexual” – e esperava o mesmo sentimento de Pedro por ele. O autor detalhou os acontecimentos dentro do banheiro e publicou uma foto do mesmo comentando que estava diferente da época em que frequentava a casa de Francisco e depois voltou ao jantar.

Em menos de uma hora Davi retorna contando o fim do jantar após o anúncio do noivado. Depois de beber, Pedro começou a blefar com o pai indicando que sabia de sua relação anterior com Davi, mas Francisco ignorou as provocações. O autor pediu para ele e Pedro irem embora, se despedindo dos noivos e, no carro, Pedro sugeriu que continuassem bebendo em um bar. Expondo uma foto de seu *drink*, David informa que ele e Pedro começaram a flertar e o último sugere um lugar mais reservado para continuar bebendo e “ficando”. Na madrugada, Davi conta que foram ao motel e fizeram um bom sexo, descrevendo Pedro como carinhoso e cheiroso e, ainda, ganharam uma pizza como cortesia. Para provar o relato, publica uma foto da pizza ganhada em que é possível ver uma mesa com

uma pizza de forno faltando dois pedaços, um prato com a logomarca do motel, um cinzeiro, talheres e dois copos limpos. Além da pizza, há outra imagem em que Davi aparece na frente do espelho com o rosto riscado, os botões da camisa aberto, a mão no pênis por cima da calça e, ao fundo, outros espelhos que mostravam um quarto de motel vermelho.

Naquela noite seus espectadores dormiram satisfeitos com o desfecho revelado e com a qualidade dos detalhes fornecidos por Davi a tal ponto que, até os que acreditavam que a história era apenas invenção, consideraram a turnê “incrível”, “melhor do ano”, “*best seller*” porque todos os materiais fornecidos (textos e imagens) corroboravam com a história contada e foram suficientes para entreter mais de 21 mil jovens por dois dias consecutivos. A logomarca do motel fez com que algumas pessoas, inclusive, reconhecessem a cidade de Davi que começou a receber solicitações de amizades e mensagens privadas de outros/as usuários/as.

Figura 9 – Memes que expressam divertimento



Fonte: Grupo BIV

Os leitores achavam que a turnê havia acabado quando, na noite seguinte ao jantar, Davi retorna contando que Francisco havia entrado em contato por mensagem no Facebook perguntando se o autor sabia que Pedro era seu filho e publica as fotos da conversa que tiveram. Davi nega que soubesse de qualquer coisa e Francisco pede desculpa por não ter falado que tinha filhos na época em que namoraram. Aproveita o ensejo para conversar por texto o que não puderam conversar pessoalmente, tentando ser compreensivo e maduro para lidar com a

situação. Francisco entende que a situação foi desconfortável, mas lembra que ele sabia que o relacionamento que tiveram não duraria porque estavam apenas “curtindo” um ao outro e, na época, a imaturidade de Davi havia pesado para que se separassem, mas que aquilo eram “águas passadas”. Se diz feliz com seu noivo e deseja felicidades para o relacionamento com seu filho e que não tem quaisquer problemas ou impedimentos quanto a isso, contudo, gostaria que Davi não contasse para Pedro que já namoraram e se despede dizendo que o ex-namorado “evoluiu demais” e o parabeniza por isso.

O autor não gostou de ser chamado de imaturo e confessa que sentiu raiva de Francisco, compartilhando no BIV sua resposta em tom irônico. Disse entender a situação porque Francisco era um homem mais velho e, rindo, afirma que esses só querem iludir os “novinhos” como ele. Deseja felicidades aos noivos e reafirma que não comentará com Pedro sobre o namoro que tiveram. Davi considerou que ser chamado de “imaturo” foi um ultraje e tentou ofender Francisco o chamando de velho e enganador. A ofensa parece ter surtido efeito, pois o pai de Pedro disse ter ficado “mal” ao ler as mensagens de Davi e gostaria de esclarecer que nunca tentou iludi-lo e pediu para conversarem pessoalmente e resolverem esse desentendimento. O autor responde que não poderia encontrar-se com Francisco porque Pedro não gostaria que isso acontecesse, mas ele insiste afirmando que irão apenas conversar como amigos e que isso era importante já que conviverão enquanto ele estiver namorando seu filho. Ele pede o endereço de Davi e marcam para o dia seguinte no início da noite.

O autor não era mais um desconhecido no grupo e rapidamente a terceira parte da turnê volta a fazer sucesso. Mesmo com o apontamento de alguns usuários de que Davi estava sendo “trouxa” ao aceitar a conversa, o mesmo quer saber o que ele tem para falar. Respondendo aos que se preocuparam com sua segurança, ele brinca dizendo que todos do BIV são testemunhas de que se algo acontecer eles saberiam que foi Francisco, apontando o sentimento de segurança em publicar sua história para os/as membros/as. A plateia retorna empolgada para a turnê mais duradoura e com maior número de comentários a qual teve contato, recomendando-a aos seus contatos e esperando pela continuação. Na manhã seguinte, contudo, Davi foi surpreendido pela própria repercussão de sua história e publica uma

imagem em que podemos ver uma conversa entre ele e sua mãe em que ela pergunta: “Davi, o que é BIV?”. Ele diz que não sabe do que ela está falando e sua mãe responde que sua sobrinha Camila pediu para que ela não deixasse Davi sair de casa porque ele havia feito uma “tur” no BIV. Sem entender o que isso significava, foi perguntar ao filho se ele sairia de casa e ele confirmou, porém mentiu que sairia com uma amiga ao invés de Francisco. Sem fazer objeções, a mãe pergunta o horário combinado com a suposta amiga para que ela prepare sua janta e Davi retorna ao grupo pedindo pelo banimento de sua prima “fofoqueira”, o que não acontece. Duas horas antes do horário combinado com Francisco, o autor informa à plateia que Pedro mandou mensagem e que ele aceitou o convite para beberem juntos, sendo este um álibi para sair da conversa com Francisco que aconteceria antes e da qual Pedro não sabia.

Em uma hora o autor retorna e conta que falou no carro a verdade para Francisco sobre a ciência de Pedro da relação que tiveram, o que o deixou furioso e acusou o jovem de ter premeditado essa horrível situação. Naquele momento em que Davi atualizava a todos/as, Francisco havia parado o carro em uma rua e entrado em uma casa. Depois de cinco minutos aguardando dentro do carro e com o relato feito para as manas, ele decide ligar para Pedro e contar a situação na qual havia se metido e compartilhou sua localização para que ele o buscasse. Contudo, Francisco voltou ao carro antes da chegada do filho e perguntou se Davi voltaria para sua casa que ele o deixaria lá. Davi informa que contou ao seu filho sobre onde estava e que o mesmo estava a caminho para buscá-lo e Francisco o acusa de tentar destruir sua família ao colocar seu filho contra ele e mandou que o autor saísse de seu carro. Pedro encontrou Davi na rua e ficou bravo com seu pai e decidiu que iria até sua casa tirar satisfações com ele e contar ao noivo toda a história, com intenções de prejudicá-los. Davi implorou aos prantos para que ele esperasse até o outro dia para pensar melhor e seguiram para a casa de Pedro. No caminho compraram comidas e bebidas e Pedro teve tempo de mandar uma mensagem de voz ao seu pai avisando que iria até sua casa no outro dia para resolverem essa situação.

Quando chegaram na casa, Davi postou uma foto de Pedro de costas na cozinha preparando comida para os dois e parecia que aquele seria o fim da turnê,

porém Gustavo, o noivo, entrou na conta do Facebook de Francisco e leu a conversa entre ele e Davi e, bravo, mandou mensagem para o último dizendo que não conseguia falar com Francisco e queria saber onde eles estavam e o que estava acontecendo. Davi respondeu que estava com Pedro e que o mesmo sabia que ele havia conversado com Francisco de quem não tinha notícias há mais de duas horas. Desconfiado, Gustavo pede o endereço de Pedro para que ele comprove que seu noivo não está com ele, além de querer maiores explicações face a face. Ele chegou “acelerado” e entrou em todos os cômodos do apartamento a procura de Francisco e, quando percebeu que ele não estava lá, começou a chorar e lamentar o sumiço do noivo.

Todos eles decidiram voltar para a casa em que Francisco havia entrado horas atrás e perguntar aos moradores se tinham notícias dele, mas, lá, a vizinha informou que ninguém morava há pelo menos um ano. O noivo avisou que voltaria na casa de Francisco e Pedro quis acompanhá-lo. Davi pediu para que Pedro o deixasse na sua casa, mas este se disse abalado com toda a história e pediu que ficasse com ele essa noite porque não estava se sentindo bem e Davi aceitou. Chegaram à casa de Francisco no início da madrugada e o encontraram dormindo. Seu filho o acordou com um soco e o noivo chorando pediu explicações sobre onde ele esteve naquela noite. Segundo Francisco a casa era de um amigo que não mora lá e que foi pegar duas malas emprestado, fato que o noivo não pareceu acreditar, porém passou a questionar o envolvimento entre Francisco e Davi que responderam a todas as perguntas do noivo. Como estava tarde, Pedro e Davi decidiram ir embora e deixar que os noivos se entendessem, afinal nenhum deles esperava que a história ficasse tão complicada. Em suas cabeças eles constrangeriam Francisco, mas não foi apenas isso o que aconteceu. No caminho para casa, Pedro começou a chorar e disse estar exausto pelo dia que teve e recebeu uma mensagem de sua mãe dizendo que precisavam conversar, mas decidiu ignorá-la e responder no outro dia. Davi contou que esperava fazer sexo com Pedro naquela noite para se acalmarem e desejou boa noite para as manas que o acompanharam nessa saga.

Na tarde seguinte, depois de 21 edições e quando parecia não haver mais quaisquer continuções possíveis para essa história, Davi reaparece perplexo e

compartilha a mensagem que Pedro enviou pela manhã. Uma prima dele era membra do BIV e estava acompanhando a turnê, porém, quando Davi publicou a foto de Pedro ela reconheceu sua cozinha e foi contar a mãe dele que havia um garoto chamado Davi publicando em um grupo de Facebook toda a história que estava se passando entre eles. Visivelmente irritado, Pedro perguntou qual era a necessidade de Davi expor ele e sua família daquele jeito e pedia explicações. Mesmo com as manas implorando para que ele revelasse o que havia conversado com Pedro, Davi decidiu que aquele era o momento de parar de compartilhar sua vida com os/as membros/as do BIV e nunca voltou para complementar a história, mas a mesma é lembrada como a “essência” do “verdadeiro” BIV por diversos usuários em outras turnês. “Teu ex é meu pai”, como ficou conhecida, reuniu em 5 dias mais de 67 mil reações e 44 mil comentários e entrou para o “hall da fama” das turnês do BIV.

O sucesso de recepção pode ser atribuído a forma como o texto foi escrito pelo autor, que se mostrou atualizado às gírias daquele momento e forneceu 19 imagens para que seus leitores o acompanhassem durante os desdobramentos da história. Independente da veracidade sobre os fatos, a esta dissertação importa justamente a troca de informações entre esses jovens e as suas interpretações e criações sobre isso. De forma geral, os desfechos ficam em segundo plano na *tour*, pois o que ela trouxe de mais valioso aos leitores foi diversão e por isso era suficiente sua aparente plausibilidade.

A *tour* evidencia personagens e imaginários sobre a vida desses jovens, a começar pelo conflito de gerações entre Davi e Francisco. Há uma diferença de pelo menos 22 anos entre eles e, por isso, alguns usuários desqualificaram a relação fantasiando Francisco como um *sugar daddy* (papai de açúcar) aposentado que se aproveitou da juventude e beleza de Davi através de sua pressuposta estabilidade financeira. Outros questionaram a relevância da exposição da história porque dizia respeito a sentimentos e não era aceitável brincar com os sentimentos alheios.

Assim como na subseção 5.1, “se assumir” como gay é algo sério, que exige respeito e, no limite, o modo de agir mais ético e recomendado para esses jovens. Francisco é tido com desconfiança porque não era assumidamente gay e as manas

o julgam por ter “escondido” isso durante um tempo casando-se e tendo filhos, estratégia essa não adotada por seu jovem filho Pedro, que levaria seu novo namorado para o pai conhecer. A diferença geracional é apontada por Francisco como o motivo pela interrupção na relação entre ele e Davi, afinal, a imaturidade dele devido à idade e a experiência de Francisco resultaram apenas em “curtição”, um modelo de relacionamento distinto do compromisso duradouro, ainda que Francisco diga-se chateado quando o autor insinua que ele é “velho”. Nessa troca de farpas, fica evidente o impacto das diferenças etárias na constituição desse relacionamento.

É importante lembrar que os encontros de Davi, seja com Pedro ou Francisco, aconteceram por intermédio dos aplicativos geolocalizadores de buscas de parceiros on-line que se constituem como redes mais abertas que o BIV, que é controlada pelos moderadores e possui restrições de conteúdos pornográficos. Esses aplicativos aparecem de forma naturalizada pelos/as usuários/as – assim como o uso de mensageiros instantâneos – e encontram nos *smartphones* possibilidades de contato com pessoas e de acesso à informação. A construção do BIV enquanto uma comunidade on-line imaginada fornece a esses jovens gramáticas e repertórios sobre a vida de outros/as jovens, a sensação de pertencimento enquanto “manas” e uma maneira de passar o tempo livre. As situações cercadas de adrenalina, desejo e emoção prendem os espectadores que comparam suas próprias vidas com a história narrada e simulam maneiras de reagir ou atitudes que teriam frente a situação de transar com o filho do seu ex-namorado. Independente da reação, a emoção – causada ou sentida – é a base para o funcionamento das dinâmicas de sociabilidade entre os jovens do BIV.

Considerações Finais

Nesta seção final condensarei as reflexões apresentadas durante todo o trabalho, começando pelas características metodológicas da pesquisa. Como meu objetivo era explorar uma comunidade on-line da qual não encontrei referências bibliográficas específicas, passei uma parte do trabalho de campo atento ao que esses jovens enunciavam e como diziam sobre si e seus contextos. Foi fundamental acompanhar cotidianamente essas interações para perceber as

repetições e as especificidades desse agrupamento. Como exposto na primeira seção, existe um contexto midiático e cultural ao qual estes jovens estão expostos, além de certa homogeneidade etária. Os ideais e fantasias de masculinidades das manas que tratei neste trabalho dizem respeito a uma rede específica e relativamente populosa, de homens que não entendem suas orientações do desejo por outros homens como algo patológico ou imoral. Nesse site de campo são propiciadas sociabilidades on-line que menos dependem da proximidade geográfica e mais de características de identificações, como suas homossexualidades ou preferências musicais. Nesse sentido, o BIV é uma comunidade on-line imaginada multisituada que conecta pessoas por intermédio da tecnologia e essa possibilidade, inexistente antes da internet comercial, potencializa a disseminação de informações e relatos entre esses jovens. Nunca foi intenção desta pesquisa prejudicar os/as habitantes da comunidade, por isso busquei preservar suas identidades.

Para entender essas dinâmicas on-line foi importante observar suas regras de convivência, bem como entender de que forma interagem com as potencialidades e limitações que o serviço de rede social acarreta às interações no BIV. Primeiro, foi visível nas cinco turnês analisadas que existe um padrão de três momentos nessas dinâmicas em que o autor primeiro contextualiza sua história e suas dúvidas, depois os usuários que se interessaram pela publicação comentam “atenta” ou requisitam maiores detalhes para, por fim, comentarem, torcerem e julgarem o “desfecho”. Depois desses dois anos de trabalho de campo, fica latente como as turnês de maior sucesso se valem de dinâmicas midiáticas e são narradas a partir de referenciais de produtos do audiovisual, podendo compará-las a enredos de seriados e filmes, já que sempre são contadas pelos próprios autores, quer seja em primeira pessoa ou contando histórias de seus amigos.

O BIV aparece como uma comunidade on-line disponível para que se divirtam a partir de acontecimentos peculiares das vidas de outras pessoas, como uma forma de trocar experiências. Para muitos jovens os relatos feitos ali os fazem comparar suas próprias vidas com a história narrada, alimentando reflexões sobre seus cotidianos, além de instaurar uma sociabilidade pautada pelo apoio emocional e pela exposição de suas intimidades. Nesse sentido, as possibilidades de

expressão são potencializadas para além do textual e, por isso, os memes (imagens) possuem aderência na rede funcionando como expressões digitalizadas que explicitam a habilidade desses jovens em interpretar, recontextualizar e manipular elementos audiovisuais.

O crescimento de sua população, que pulou de 10 mil para 1 milhão em dois anos, também acarretou transformações nas dinâmicas on-line do grupo, principalmente com a entrada massiva de mulheres. Em 2016 o BIV era apelidado de “Vale dos Homossexuais” porque visivelmente era uma comunidade composta por homens gays e universitários, com conteúdo relevante para este público: a cultura pop e os relatos individuais de experiência. Já em 2017, uma quantidade considerável de mulheres heterossexuais começa a adentrar a rede. Nesse momento, com 400 mil membros, se cada um(a) convidasse um perfil para compor a rede a comunidade se duplicaria, ou seja, é possível entender porque o BIV cresceu rapidamente. Um dos administradores afirmou, em reportagem concedida a um jornal on-line de cultura pop, que as métricas do Facebook apontam que a maior população do BIV hoje é composta por mulheres e atualmente existem *tours* de sucesso cujas protagonistas são lésbicas ou heterossexuais.

Valeria explorar em pesquisas com outros objetivos o que o BIV representa para essas jovens, mas consigo deduzir que a figura do “Embuste” – o homem enganador – une os jovens gays e as jovens heterossexuais porque, no fundo, este inimigo é responsável por reunir as características afetivas negativas do “macho”: a mentira (traição), a manipulação ou outras características tidas como danosas. De qualquer maneira, a masculinidade do Embuste é tida como inapropriada e não deve ser reproduzida ou aceita por nenhuma mana, afinal, quem se relaciona com embuste faz “papel de trouxa”. Enquanto nos aplicativos de busca de parceiros entre homens a figura do “macho-viril” – aquele que vive seus desejos com discrição, trai os/as parceiros/as amorosos/as, assiste futebol e entende de negócios, por exemplo – são as performances mais valorizadas e requeridas pelos usuários; no grupo tornam-se a figura principal das piadas sobre relacionamentos afetivos. Isso se constitui como uma ruptura nas qualificações do gênero e da sexualidade, mas há também continuidade como vimos na turnê 5.3 em que os

usuários apontaram suas fantasias pela virilidade dos trabalhadores braçais, no caso de Nelson, o pintor.

Os relacionamentos afetivos são temas populares que alimentam o imaginário desses jovens, mesmo que sob outros repertórios afetivos e diferentes modelos de relacionamento, e foram centrais para capturar diversos aspectos das masculinidades das manas. Isso se deve justamente ao caráter contextual das masculinidades que, segundo Connel (2003), jamais pode ser perdido de vista. Ou seja, não é possível isolar a masculinidade dos comportamentos sociais e, por isso, foi impossível ignorar que por detrás dos enredos afetivos e emocionais, esses jovens estavam evidenciando a centralidade dos sentimentos e do amor nessas masculinidades. Todas as turnês analisadas centralizam nas emoções – quer sejam felizes, melancólicas, aventureiras e etc – o sentido de suas ações e escolhas, algo que pode ser explicado pela faixa etária das manas e suas exposições aos repertórios midiáticos dos enredos de séries, filmes e reality shows que assistem. Como exposto no parágrafo acima, essa característica não é exclusiva dessa masculinidade, mas compartilhada com as mulheres heterossexuais justamente porque articulam um sistema classificatório que dispõe de figuras estereotipadas como o homem “embuste” que produz identificações entre eles e elas, sendo o BIV o ambiente no qual as manas se unem para prestar suporte e expor conselhos que contestam diversas normas culturais hegemônicas sobre o gênero e a sexualidade, não só das masculinidades, alvo desta dissertação.

As turnês forneceram evidências, ainda, da ampliação das categorias e modalidades de relacionamentos possíveis para esses jovens. Primeiro, específico dos não-heterossexuais, a possibilidade de viverem suas sexualidades menos fundamentadas nos tropos da vergonha e da patologia. Segundo, na recontextualização dos horizontes de aspiração sobre as configurações amorosas que incluem relacionar-se com mais de um parceiro ao mesmo tempo – desde de que seja algo de comum acordo entre os/as participantes –, manter apenas sexo casualmente com outros ou, ainda, à distância. Por fim, a figura do/a solteiro/a não é fantasiada como uma possibilidade exclusivamente ruim e solitária, mas sim uma possibilidade legítima de experienciar o desejo ou maneira individual de aproveitar oportunidades na vida.

Específico das masculinidades das manas, podemos perceber que são jovens que acessam a educação superior, bem como são aptos a lidarem com grandes volumes de informações. Ainda que não seja uma realidade de todos, os ideais e fantasias expostos nas turnês analisadas, apontam para a valorização de contextos metropolitanos e dos horizontes de aspiração das classes médias brasileiras, incluindo seus temores e receios com as mais variadas situações de violência do país.

Inseridos numa economia de mercado, esses jovens parecem visualizar o consumo específico de produtos de vestimenta e música, por exemplo, como uma forma de exercerem sua autenticidade e liberdade e, dessa forma, acreditam demasiado na representação midiática de seus ídolos como propulsores substanciais da legitimação de seus estilos de vida. Contudo, os resultados apontaram que a autenticidade buscada por eles é altamente questionável quando percebemos as padronizações na comunicação, na repetição de expressões como “atenta”, “berro”, “desfecho”, entre outras. Essa tentativa de aglutinação a partir de identificações com produtos culturais de massa da cultura da pop resulta basicamente em um individualismo consumista, na idolatria e enriquecimento de figuras individuais e uma confiança exacerbada na Mídia e nas suas bolhas de informação.

Ficou perceptível também o acesso e valorização de conteúdo pornográficos por esses jovens, seja na seção 5.3 do conto erótico ou na 5.4 na turnê “teu ex é meu pai”. Mesmo sendo explicitamente proibido veiculá-los na plataforma do Facebook, esses materiais são codificados, como demonstrado na Figura 7, e suas mensagens são transmitidas sem a exposição de imagens de pênis ou vaginas, consideradas sensíveis e proibidas dentro da rede. O importante a se ressaltar sobre isso é que foi possível deduzir que estes jovens consomem esse tipo de material e aprenderam a burlar as ferramentas que proíbem sua veiculação. Caso a tentativa dessas redes seja coibir temáticas sexuais, as turnês aqui analisadas expõem o quanto o sexo é importante no cotidiano desses jovens e como esses conteúdos são facilmente acessados e deliberadamente requerido por eles/as.

As dinâmicas estabelecidas no grupo pelos relatos de experiência acompanham uma cultura de apoio emocional que tanto Facioli (2017) quanto

Prado (2014) apontaram em redes que se pareciam muito pouco com a do BIV. Ou seja, quero sugerir com isso que os usos das mídias digitais no país devem ser entendidos envoltos de uma densa camada emocional, cujas fantasias precisam ser entendidas para que analisemos nossos sujeitos de pesquisa. Afinal, uma vantagem das técnicas etnográficas é colocar as experiências dos/as pesquisados/as sob uma perspectiva histórica (SCOTT, 2002) e, no caso dessa pesquisa, negligenciar a importância das emoções para as tomadas de decisões das manas nas construções de seus horizontes de aspiração ou, ainda, na ampliação dos repertórios acerca de suas próprias sexualidades acarretaria em erros analíticos. Posso aventar que a base para a utilização de uma rede como o BIV para criação de laços de solidariedade possui correspondência com uma maior expectativa geracional sobre a própria sociedade brasileira, pois cresceram em um momento histórico em que conseguem vislumbrar com maior proximidade a legitimação burocrático-legal de suas sexualidades, a incorporação social e mercadológica de suas fantasias de juventude e a idealização de melhores condições materiais resultantes do alto grau de escolaridade dos mesmos.

Devido às suas juventudes e contextos de classe média brasileira, diversos enredos familiares ficaram visíveis em suas falas e história, sendo os “adultos” apresentados como figuras que conflitam com esses jovens. O trabalho de Boyd (2008) já apontava que o uso do serviço de rede social MySpace por adolescentes, famoso na década de 2000 nos EUA, acontecia de maneiras distintas das relações que estabeleciam com seus familiares, porque a internet era, naquele contexto, uma maneira que esses adolescentes tinham de fugir do controle das relações clássicas de vigilância das mães e dos pais. Sob outro contexto, algo similar pode ser pensado sobre o uso das mídias digitais e contextos juvenis no Brasil, principalmente porque gerações anteriores à Internet possuem maiores dificuldades para se adaptarem às novas tecnologias, enquanto a juventude nascida pós-1985 quase não consegue relacionar-se sem o intermédio delas.

É interessante perceber algumas rupturas no que concerne às diferenciações radicais entre homens e mulheres dentro do grupo, a começar pelo pronome de tratamento “manas” utilizado por todos/as e que se torna ambivalente. Quase todas as personagens e celebridades veiculadas nos memes ou

publicamente exaltadas pelos jovens são figuras femininas e eles as utilizam como alter ego. Ou seja, as masculinidades das manas podem ser expressas digitalmente a partir de imagens de protagonistas mulheres e isso não parece constranger suas masculinidades, pelo contrário, determinados trejeitos, semblantes, olhares e manifestações corporais tidas hegemonicamente como características femininas, são reinterpretadas na intenção de borrar ou desestabilizar imperativos da masculinidade hegemônica de controle das emoções. Falar sobre si, afetos, sexo e emoção são descentralizados da imagem da Mulher e compõe os repertórios masculinos também das manas, ao passo que as garotas buscam incorporar suas autonomias desejanças em suas feminilidades, antes privilégio masculino.

As imagens das mulheres, inclusive, possuem autoridade e, diferente da masculinidade hegemônica, parecer-se ou inspirar-se em figuras femininas é possível, senão requerido, por estes usuários. A figura viril do macho aparece como alvo do desejo na turnê 5.3, corroborando com as pesquisas de Miskolci (2017), de Padilha (2015), a minha (MELHADO, 2014), a de Kurashige (2014) e a de Zago quando apontam a recusa dos “afeminados” como majoritária nas mídias específicas de busca de parceiro. Ficam perceptíveis também os diversos conflitos aos quais as manas vivenciam no cotidiano quando percebem que, aproximando suas masculinidades e subjetividades das esferas ditas femininas, quebram as expectativas sociais das suas redes de sociabilidade off-line – como as familiares – e encontram no BIV uma comunidade on-line em que podem exercer suas subjetividades e expressões de maneira digital e sem tolhimento.

Todo o exposto indica, principalmente, que mesmo sob um contexto hostil, as manas intentam viverem suas sexualidades publicamente como forma de exercerem suas próprias autenticidades, ainda que ancoradas em uma cultura mercadológica e com padronizações de interação. No limite, continuam a regular e controlar suas autoapresentações publicamente, mas aspiram e sonham com o fim da economia do segredo, considerando suas orientações do desejo por outros homens a partir dos tropos do orgulho e da liberdade sexual. Mesmo que o segredo seja uma realidade, vislumbram na independência econômica a viabilidade para saírem do armário e não mais lidarem com a heterossexualidade que seus pais ou amigos/as presumam que tenham. O passado recorrente dos “casamentos de

fachada” não se apresenta preponderante como horizonte de aspiração ou única maneira desses jovens vivenciarem suas sexualidades. Ainda que as masculinidades das manas circulem de forma restrita no BIV, estes jovens estão fomentando uma disputa de representação midiática que amplia ou, no mínimo, concorrem com as representações midiáticas hegemônicas da masculinidade heterossexual do macho-viril que estão sendo sentidas no mercado fonográfico, da moda e do audiovisual. Será importante perceber em pesquisas futuras os ecos e prolongamentos dessas movimentações on-line intensificadas a partir da popularização dos *smartphones*, do acesso às universidades e da quantidade de informações disponíveis a esses jovens sobre temas como gênero e sexualidade. Este trabalho exploratório é uma fotografia dos anos de ascensão do BIV, uma rede on-line de jovens que representa uma parte do emaranhado de possibilidades dos usos da internet comercial no país.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Adriana da Rosa. *Visões Perigosas: uma arque-genealogia do cyberpunk – do romantismo gótico as subculturas. Comunicação e cibercultura em Philip K. Dick*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2005. Disponível em: < https://tecnos.cienciassociais.ufg.br/up/410/o/-Uma_arque-genealogia_do_cyberpunk_-_do_romantismo_g%C3%B3tico....pdf >. Acesso em: 25 fev. 2018.

ATHIQUE, Adrian. Building a Digital Society. In: *Digital Media and Society*. Cambridge: Polity Press. 2013, pp.5-19.

BAYM, Nancy K. *Personal Connections in the Digital Age*. Cambridge, Polity Press, 2010.

BECKER, Howard. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Hucitec, 1994.

BELELI, Iara. O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 44, p. 91-114, jun. 2015.

BOOMEN, Marianne. *Transcoding the digital. How Mathaphors Matter in New Media*. Amsterdam: Institute of Network Cultures. 2014.

BOYD, Danah. Why Youth (Heart) Social Network Sites: The Role of Networked Publics. In: *Teenage Social Life. Youth, Identity, and Digital Media*, David Buckingham, ed., The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation Series on Digital Media and Learning, The MIT Press, Cambridge, MA, 2008; Berkman Center Research Publication No. 2007-16. Disponível em: < <https://ssrn.com/abstract=1518924> >. Acesso em: 25 fev. 2018.

BURKE, Nathaniel B. Straight-acting: gay pornography, heterosexuality, and hegemonic masculinity. *Porn Studies*, Chicago. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1080/23268743.2016.1196117> >. Acesso em: 25 fev. 2018.

BURRELL, Jenna. The field site as a network: a strategy for locating ethnographic research. *Field Methods*. Vol 21, Issue 2, pp. 181-199, 2009. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1177/1525822X08329699> >. Acesso em: 25 fev. 2018.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. 14ª ed (Trad. Majer, Roneide Venancio). São Paulo: Paz e Terra. 2011, pp.67-118.

_____. A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política. In: CASTELLS, Manuel e CARDOSO, Gustavo (orgs.). *A Sociedade em Rede: Do Conhecimento à Ação Política*. Brasília: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2005, pp.16-30.

CÓDIGO de Ética da Sociedade Brasileira de Sociologia. Sociedade Brasileira de Sociologia. [S.l.:s.n], s/a. On-line. Disponível em: <<http://www.sbsociologia.com.br/portal/images/docs/codigoetica.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

CONNEL, R. *Masculinidades*. México: Universidade Autônoma do México, 2003.

_____; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 1, n. 21, pp. 241-282, jan-abr 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&-pid=S0104-026X20130001-00014>. Acesso em: 25 fev. 2018.

DEGENNE, Alain e FORSÉ, Michel. *Introducing Social Networks*. London: Sage, 1999.

DJICK, Jose Van. La producción de la socialidad em el marco de uma cultura de la conectividade. In: *La Cultura de la Conectividad: una história crítica de las redes sociales*. Buenos Aires: Siglo Vienteuno, 2016, pp.17-46.

FACIOLI, Lara. *Mídias Digitais e Horizontes de Aspiração: um estudo sobre a comunicação em rede entre mulheres das classes populares brasileiras*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. 2017.

FACIOLI, Lara; PADILHA, Felipe. *Mídias Digitais, Processos Sociais e Subjetividades*. 2017. No prelo.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. São Paulo: Graal. 2005.

GEDDES, Barbara. *Paradigms and Sand Castles*. Ann Arbor, University of Michigan Press, 2003.

GIBSON, William, *Neuromancer*. São Paulo: Editora Aleph, 1991.

GREEN, James N. *Além do Carnaval – A Homossexualidade Masculina no Brasil do Século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HALAVAIS, Alexander. Prefácio. In: RECUERO, Raquel; FRAGOSO, Suely; AMARAL, Adriana. *Métodos de Pesquisa para Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

HINE, C. *Virtual ethnography*. Londres: Sage, 2000.

HOCQUENGHEM, Guy. *El deseo homosexual*. Santa Cruz de Tenerife: Melusina, 2009.

ILLOUZ, Eva. *Intimidades Congeladas: las emociones en el capitalismo*. 1ª ed (Trad. Ibarburu, Joaquim). Buenos Aires: Katz. 2007.

KURASHIGE, K. D. *Marcas do Desejo: um estudo sobre os critérios de seleção de parceiros em relações homoeróticas masculinas em São Carlos*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. 2014.

LAURETIS, Teresa. La tecnologia del género. Tradução de Ana María Bach e Margarita Roulet. *Revista Mora*. Buenos Aires, n.2, p.6-34, Nov. 1996.

LEMOIS, André. *Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 2. ed. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola. 1999.

LEVY, Steven. *Hackers. Heroes of the computer revolution*. Nova Iorque: Anchor Press. 1984.

MCQUIRE, Scott. O direito à cidade em rede: redes digitais e espaço público urbano. In: PELÚCIO, Larissa; PATIT, Heloísa; SABATINE, Thiago (orgs.) *No Emaranhado da Rede – Gênero, Sexualidade e Mídia: desafios teóricos e metodológicos do presente*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2015, pp.201-224.

MELHADO, Rodrigo. *Vitrine do Desejo: um estudo sobre perfis de busca de parceiros do mesmo sexo no site Manhunt.net nas cidades de Araraquara e São Carlos*. Monografia apresentada ao curso de graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos. 2014. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/MELHADO-Rodrigo.-Vitrine-do-Desejo-Monografia.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2018..

MERCER, John. Coming of Age: Problematizing Gay Porn and the Eroticized Older Man. *Journal of Gender Studies*, Londres, v.3, n.2, pp.313–326, 2012. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1080/09589236.2012.681187>>. Acesso em: 25 fev. 2018..

MERCKLÉ, Pierre. *Sociologie des réseaux sociaux*. Paris: La Découverte. 2004.

MISKOLCI, Richard. *Desejos Digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2017.

_____. Discreto e fora do meio - Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea. *Cad. Pagu*, Campinas, n.44, pp. 61-90. 2015.

_____. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, Impresso, v. 21, pp. 301-324. 2013.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. Esse não mais obscuro negócio do desejo (Prefácio). In: PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2008.

MOTT, Luiz; MICHELS, Eduardo; PAULINHO (orgs.). *Relatório 2016 – Assassinato de LGBT no Brasil*. Grupo Gay da Bahia: Salvador. 2016. Disponível em <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.-pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2018..

OLIVEIRA, P. P. de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

PADILHA, Felipe. *O Segredo é a Alma do Negócio: mídias digitais móveis e a gestão da visibilidade do desejo homoerótico entre homens na região de São Carlos*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. 2015. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/O-segredo-e%CC%81-a-alma-do-nego%CC%81cio-Dissertac%CC%A7a%CC%83o-de-mestrado.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

PÁTARO, Carolina R.; OLIVA, Diego C. *Construindo a Pesquisa: métodos, técnicas e práticas em sociologia*. Curitiba: Editora Intersaberes. 2017.

PELUCIO, Larissa. Narrativas infieis. *Cadernos Pagu*, n.44, jan-jun. 2015. Disponível em: <http://www.ufscar.br/cis/wp-content/uploads/pt_0104-8333-cpa-44-00031.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2018.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo. Editora Perseu Abramo. 2008.

PISCITELLI, Adriana. Viagens e sexo on-line: a Internet na geografia do turismo sexual. *Cadernos Pagu*, n.25, jul-dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cpa/n25/26530.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2018.

PORTUGAL, Sílvia. *Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica*. Coimbra: Oficina do CES. 2007.

PRADO, Juliana Do. *Dos Consultórios Sentimentais à Rede: apoio emocional pelas mídias digitais*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. 2017.

RECUERO, Raquel. *Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo*. Ecompos, v. 4, n. Dez 2005, 2005.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. *Análise de Redes para Mídia Social*. Porto Alegre: Sulina. 2015. (Coleção Cibercultura).

RHEINGOLD, Howard. *A Comunidade Virtual*. Lisboa: Gradiva, 1996.

RUBIN, Gayle. El tráfico de mujeres: notas sobre la 'economía política' del sexo. *Nueva Antropología*. México, v. VIII, n.30, pp.95-145. 1986.

SANTOS, Pierre Triboli dos. *Laboratórios de Inovação Cidadã e Cultura Hacker: um estudo sobre o laboratório hacker da câmara dos deputados*. Monografia de especialização em Comunicação Política no Legislativo apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento da Câmara dos Deputados. 2016. Disponível em: < http://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/33719/laborat%c3%b3rios_inova%c3%a7%c3%a3o_santos.pdf >. Acesso em: 25 fev. 2018.

SCOTT, Joan. Fantasy Echo: História e a Construção da Identidade. *Labrys, Estudos Feministas*, n.1, v.2, jul-dez. 2002. Disponível em: < https://www.labrys-net.br/labrys1_2/scott1.html >. Acesso em: 25 fev. 2018.

SEDGWICK, E. K. A Epistemologia do Armário. DENTZIEN, Plínio (trad.). *Cadernos Pagu*, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.

TURKLE, Sherry. *A vida no ecrã: a identidade na era da internet*. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.

WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. SILVA, Tomaz T. (trad.). In: LOURO, Guacira L. (org.). *O Corpo Educado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2000.

ZAGO, Luiz F. *Os Meninos - Corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2013.